

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ALEXANDRE DO VALLE***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Alexandre do Valle Silva do Quental de Menezes (AV)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Ana Paula Zaquieu (AP)

Data – 27/04/1998 a 18/05/1998

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 4h43min

Transcrição – Marcela Avila

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MENEZES, Alexandre do Valle do Quental de. *Alexandre do Valle. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil*, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 97p.

## Sumário

### Fita 1 – Lado A

Aspectos de sua vida pessoal: a infância; a família; a situação financeira da família; a separação dos pais; o distanciamento do pai; o novo casamento da mãe; a relação com o padrasto. A opção profissional pela psicologia; o ingresso na PUC; as possibilidades oferecidas pelo curso de graduação e as dúvidas quanto à linha terapêutica a seguir; considerações sobre a psicoterapia existencialista; o interesse pela psicanálise e pelos textos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. O início da vida sexual, o uso de preservativo como método anticoncepcional; o impacto limitado das informações sobre AIDS em sua vida sexual.

### Fita 1 – Lado B

Rápida menção às campanhas de prevenção. Os primeiros contatos com a AIDS; as leituras de Foucault e a influência profissional do psicanalista Jurandir Freire Costa. Menção ao engajamento no curso de graduação e à participação na organização de eventos na universidade. As primeiras informações sobre o Grupo pela Vidda, ainda durante a faculdade; o interesse “teórico” pela Aids; o impacto dos textos do Herbert Daniel. A relação entre seu comportamento “marginal” e o interesse pela temática da Aids; o sofrimento causado por seu comportamento “fora dos padrões”; as inquietações de ordem social; a identificação com as questões ideológicas ligadas às minorias. A monografia sobre Aids; a ida ao Grupo pela Vidda no final de 1992; o impacto da reunião de recepção e o ingresso definitivo no grupo; o desconforto inicial; o processo de integração; o convite para auxiliar na “recepção” do Grupo.

### Fita 2 – Lado A

Breve histórico da “recepção” do Grupo pela Vidda e de seus objetivos; a composição dos voluntários; a integração no grupo. Ressalta a experiência pessoal adquirida durante os três anos na coordenação da reunião de recepção do Grupo Pela Vidda; as distinções entre a intervenção clínica e a proposta “política” da recepção, com o seu estímulo à uma maior interação comunitária. Os objetivos do Grupo Pela Vidda, a luta coletiva contra o isolamento, a opção de seus gestores por atividades de integração que não se assemelham aos serviços de assistência; o ingresso de novos voluntários para ajudar na recepção. Considerações sobre as múltiplas representações da Aids; o interesse profissional por questões relacionadas à construção de identidade. Relembra a ruptura brutal imposta aos soropositivos e o peso da identidade de “aidético” à época de seu ingresso no grupo. Define a “recepção” como um espaço de estímulo à pluralidade e a diversidade no que se refere à relação com a Aids.

### Fita 2 – Lado B

O objetivo das reuniões de recepção, dinâmica, respeito às particularidades, o estímulo à multiplicidade na convivência com a doença; alusão a um episódio que ilustra a diversidade presente em todas as reuniões. Menção às suas atividades profissionais anteriores ao Grupo; as dificuldades financeiras; a primeira remuneração como coordenador da reunião de recepção; o envolvimento em outras atividades internas; a especialização profissional em temas ligados à Aids e à sexualidade; o trabalho

voluntário no Disque-Aids. A participação num projeto coordenado pelo pesquisador Richard Parker da ABIA. Comenta a tensão entre a ABIA e o Grupo pela Vidda, ressaltando as dificuldades em estar trabalhando nas duas instituições. Longo histórico do Grupo Pela Vidda: a origem como projeto da ABIA; a dependência financeira da ABIA; as relações entre as duas instituições sob a liderança de Herbert Daniel; a morte de Herbert Daniel e o início da incompatibilidade de interesses; as tensões referentes ao financiamento do projeto HSH (Homens que fazem sexo com homens); os desentendimentos que resultaram na ruptura final. Alusão ao seu desinteresse profissional pela área acadêmica e a clara opção pelas atividades do Grupo Pela Vidda. O ingresso no projeto HSH. Menção às duas coisas que marcaram profundamente sua trajetória profissional em 1994: a vitória no concurso financiado pela USAID, permitindo-lhe a ida para o curso de capacitação sobre “elaboração e implementação de projetos na área de Aids” na Califórnia e a participação, como representante do Pela Vidda, no Congresso de Yokohama, no Japão.

### Fita 3 – Lado A

Longas considerações sobre Aids e o uso de drogas; a participação num curso sobre redução de danos para os usuários de drogas; a proposta do curso. Alusão à realidade carioca e à difícil penetração no universo dos usuários de drogas injetáveis na cidade do Rio de Janeiro. Menção às experiências bem sucedidas da Austrália e da Holanda; as especificidades da realidade brasileira e dificuldades em se implantar um programa deste tipo no Brasil. Rápidos comentários sobre o grupo de convivência criado para usuário de drogas contaminados pelo HIV no Pela Vidda. Referência ao forte “tabu” que cerca o uso de drogas no Brasil, dificultando o seu enfrentamento. O distanciamento atual do Pela Vidda com questões relacionadas às drogas. O desinteresse profissional pela questão das drogas; a falta de estímulo diante dos baixos índices de sucesso no tratamento clínico com usuários de drogas; o desinteresse do Pela Vidda em atuar junto aos usuários de drogas. Comenta o contato com o trabalho desenvolvido em Osasco/SP. O impacto, em sua vida pessoal, da aproximação com as questões relacionadas à Aids. A percepção da sexualidade como uma construção social. Considerações sobre o processo de construção de identidade. Os aspectos culturais que envolvem as atividades de prevenção. A sua relação pessoal com a sexualidade: as inquietações da adolescência; a opção sexual pelas mulheres, a despeito de suas características pouco máculas; a sua relação afetiva com os homens. Ressalta os aspectos interessantes de sua “ambiguidade”. Discussão sobre a origem da homossexualidade; rechaço à ideia da predisposição genética. Enfatiza os aspectos culturais e históricos que fazem com que os significados da homossexualidade se transformem no tempo e no espaço. Volta a falar da experiência adquirida no curso de capacitação financiado pela USAID na Califórnia.

### Fita 3 – Lado B

A experiência cultural proporcionada pelo curso; a convivência com o grupo de africanos que compunha a turma; a realidade sexual africana e a forma como a luta contra a Aids se organiza naquele continente. A organização comunitária contra a Aids em São Francisco. Os desdobramentos do curso no Brasil. As especificidades das organizações comunitárias americanas. A tensão crescente entre a ABIA e o Grupo pela Vidda; os privilégios garantidos à ABIA em função de sua organização e do prestígio acadêmico dos seus integrantes. A secundarização e a falta de autonomia do “staff” do Pela Vidda na execução do projeto HSH; o fim da participação do Pela Vidda na

execução do projeto HSH; a mudança de sede, em 1995. Menção às suas próprias dificuldades financeiras. As propostas de Herbert Daniel; o seu papel, fundamental, de liderança junto às duas instituições. A morte, em 1992, de Herbert Daniel e o início das tensões institucionais entre os dois Grupos, que culminariam numa ruptura final em 1995. A mudança de sede do Pela Vidda. As diferenças institucionais entre a ABIA e o Grupo pela Vidda: o perfil “tradicional” da ABIA, com ênfase na formação técnico-profissional de seus funcionários; em oposição ao perfil engajado, mantido por um grande número de voluntários, do Grupo pela Vidda. Menção à participação do Betinho na ABIA e do Herbert Daniel e no Grupo pela Vidda. A ida à Conferência Internacional de Aids no Japão, em 1994; suas impressões sobre a Conferência.

#### Fita 4 – Lado A

Características culturais do Japão, a forte repressão sexual e a desinformação sobre Aids. A ênfase do Encontro nas discussões sobre sexualidade. A participação, como coordenador, do projeto “Banco de Horas”; o convite, recusado, para trabalhar como coordenador de aconselhamento do programa de Aids do Ministério da Saúde. Longa exposição sobre a história do projeto “Banco de Horas”, cujo objetivo é, através de uma rede de profissionais, oferecer psicoterapia gratuita para soropositivos. A participação na organização do show “Questão de Honra”, cujo objetivo era mobilizar a classe artística na luta contra a Aids. As atividades e os financiadores atuais do projeto; o alto nível do material de apoio produzido; o perfil sócio-econômico da clientela atendida; a distribuição regional dos profissionais filiados ao projeto; as áreas de concentração de interesse do projeto. A atuação como coordenador de projetos do Pela Vidda.

#### Fita 4 – Lado B

Menção à sobrecarga de trabalho; o prazeroso papel de gestor do grupo. A organização institucional do Grupo, as coordenações de projeto, os financiamentos; referência ao projeto “Buddy”, que se propõe fazer acompanhamento domiciliar aos doentes de Aids; o contato com os financiadores. Considerações sobre a tensão existente entre soropositivos e soronegativos no interior do grupo; o efeito do empobrecimento da epidemia sobre o perfil dos participantes do grupo. A visibilidade alcançada pelo Grupo. Menção à episódios que ilustram essa tensão no dia-a-dia do grupo, as tentativas, ainda frustradas, de superação dos conflitos.

#### Fita 5 – Lado A

O papel das Ongs/Aids no cenário público brasileiro; a herança do movimento gay; as semelhanças com as organizações comunitárias europeias e americanas; o impacto político de sua luta por direitos de cidadania e contra o avanço da epidemia. Traça a trajetória das Ongs/Aids no Brasil, dividindo-as em duas gerações: a primeira, onde estariam incluídos os GAPAS e a ABIA, de perfil mais intelectualizado e voltadas para uma política de monitoramento das ações governamentais; e a segunda, onde estariam os Grupos pela Vidda e o GIVE-SP, instituições que se propuseram, deste sua fundação, a criar um espaço de voz e atuação política dos doentes. A fragmentação dos objetivos das Ongs atualmente; as iniciativas de integração através dos fóruns regionais. O papel das Ongs como um espaço de referência fundamental para as pessoas que vivem com Aids, diante da contínua fragilização dos serviços oferecidos pelo governo. Os efeitos da parceria com o governo; o processo de institucionalização do Grupo e de legitimação

das Ongs no mundo. Considerações sobre o arrefecimento das críticas às ações governamentais na luta contra a epidemia no Brasil; o avanço das políticas públicas de combate à epidemia. Avaliação positiva dos serviços de saúde oferecidos no Rio de Janeiro. Crítica à postura política descompromissada do governo do estado do Rio de Janeiro e da administração municipal da cidade do Rio de Janeiro para com as Ongs. Os limites e as possibilidades das negociações com os canais oficiais; a pouca receptividade do ativismo político atualmente e a necessidade de reinvenção contínua de canais de negociação. Menção ao papel do Encontro Anual de Pessoas Vivendo Com Aids (Vivendo), organizado em parceria entre o Grupo e pelo Grupo pela Vidda- Niterói; o processo de organização do evento; o impacto do evento, a mobilização desencadeada por ele e seus desdobramentos.

#### Fita 5 – Lado B

Rápida avaliação dos Encontros anuais promovidos pelo Grupo: preocupação com o crescimento contínuo do evento; a participação maciça de representantes de Ongs de outros estados; o perfil do voluntariado; os financiadores. Avaliação das campanhas oficiais de prevenção à Aids; a sua pouca eficácia; as limitações das estratégias adotadas; o equívoco das campanhas centradas no carnaval e no dia 1º de dezembro (Dia Mundial de Luta Contra Aids); o alcance limitado das campanhas de televisão; o difícil caminho da inovação no âmbito da transmissão de informação e da mudança de comportamento; a burocracia e as disputas políticas que acompanham todo o processo de elaboração das campanhas. O equívoco e a inutilidade da rígida categorização dos grupos de risco; ressaltando os complexos específicos aspectos culturais e identitários que envolvem a questão.

Data: 27/04/1998

### Fita 1 - Lado A\*

DN - Vamos dar início à entrevista com Alexandre do Valle Silva do Quental de Menezes, para o projeto 'A Fala dos Comprometidos: ONGs e AIDS, no Brasil'. Hoje são vinte e sete de abril de mil novecentos e noventa e oito, estamos no Rio de Janeiro, os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu. Eh, Alexandre a gente, então, gostaria que você contasse pra gente desde que você nasceu. Quando você nasceu? Onde? Como é que foi? Em suma, como é que foi a sua infância, a sua família?

AV - Tá. (*risos*) Bom, tem vários recortes possíveis, né? Pra contar essa história. Então...

DN - É bom que não tem muito tempo de vida, né? Assim dá pra lembrar tudo. (*risos*)

AV - Nasci em 71, né? Meus pais... meu pai é português, minha mãe é carioca. E... meus... enfim, eu tive uma infância, relativamente, é... bem, é... Primeiramente, eu acho que não tem nada (?) de muito especial sobre ela, assim, tipo, como muita gente da minha geração, os meus pais se separaram, quando eu tinha sete anos...

DN - Você morava aonde quando nasceu?

AV - Eu morava aqui no Rio, né? Eu morei a minha vida toda aqui no Rio. Em termos de bairro...

DN - É.

AV - ...que você quer saber? Eu... bom, eu não me lembro desse... eu morava no Leblon ou no Jardim Botânico. Não, no... Leblon. Depois mudei pro Jardim Botânico. É. Mas, a minha, a minha infância mesmo, que eu me lembre até os nove anos, eu morei numa casa na Lagoa. A gente tinha... uma situação econômica muito boa... de vida. E... eu estudava, estudei, fui alfabetizado em inglês e português, ao mesmo tempo, estudei na Escola Americana... eh, esse período específico da minha vida, talvez, tenha sido a fase economicamente mais tranquila da minha família. (*risos*) Aí, quando os meus pais se separaram, as coisas começaram a ficar um pouco mais complicada, né? Eh... então os meus pais...

DN - O seu pai fazia o quê?

AV - O meu pai trabalhava com navegação. Ele tinha uma agência de navegação, né? Agenciava navios e cargas. E a minha mãe...

DN - Era isso é que eu ia perguntar. O que faz uma agência de navegação?

---

#### \* LEGENDA:

Palavra sublinhada: demonstra ênfase na fala.

Ininteligível: palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

AV - Eh... como se fosse um produtor (*risos*) dum porto, né? Ele representa determinadas empresas, determinados armadores, e algumas pessoas vão procurar essas agências pra buscar alguém que transporte as suas cargas. Então, eles representam os armadores. É a ponte entre o armador e a pessoa que quer exportar ou quer importar alguma coisa, né? E... em algum momento da vida ele, também, teve alguns navios, então foi armador e tal. Eh... mas, enfim, minha mãe, ela... ela tem, os dois o meu pai não tinha, não era rico de nascença, ele... ele fez dinheiro com a vida profissional dele. E a minha mãe era de classe média alta do Rio. Eh... o meu avô era almirante e...

DN - Avô materno?

AV - Materno. Ele era almirante da Marinha. Então, tinha uma posição de muito prestígio, embora não, necessariamente, muito dinheiro relacionado a isso, né? Até porque... quando eu nasci, né? Já que você pede que fale do nascimento, quando eu nasci, o meu avô era Ministro. Era Ministro da FLUEMFA e... Estado Maior das Forças Armadas, em plena ditadura militar. (*risos*) Então, é... ele tinha uma situação de muito prestígio, mas absolutamente, não foi uma pessoa que enriqueceu... eh... em função disso. Eles tiveram uma vida confortável e tal, ele e minha avó até morrerem. Tinham um apartamentinho de dois quartos no Jardim Botânico, que foi o que ele continuou tendo até o resto da vida e tal. Então eles não... eh, enfim, então o que aconteceu foi que quando os meus pais se separaram, eles tinham uma vida... a gente tinha uma vida meio conturbada, eu tenho dois irmãos que são filhos desse casamento, da minha mãe, também. São meus irmãos de pai e mãe, né? A gente teve... eles brigavam muito, enfim, o relacionamento deles não era nada bom, pelo menos, do que eu me lembro, né? Aí, um dia eles resolveram se separar, nesse período a minha mãe, logo depois da separação, a gente foi pros Estados Unidos e ficou lá alguns meses...

DN - Você tinha quantos anos quando eles se separaram?

AV - Eu tinha oito anos. E... a gente foi pros Estados Unidos e ficou morando, lá, durante ... passou uns quatro meses lá... a irmã da minha mãe mora lá, desde os vinte anos de idade. E, aí, a gente passou esse tempo lá. Quando voltou eh... aí, a gente voltou já... eh... já tinha saído da casa lá na Lagoa, foi prum apartamento, e, aí, a partir daí, eu passei a ver o meu pai de uma forma muito bissexta, sabe? Porque começaram a acontecer coisas muito complicadas no relacionamento. Eh... brigas por pensão e... por direito de ver. E, ao mesmo tempo, o meu pai é uma pessoa que, às vezes, mete os pés pelas mãos, então, perdeu o direito de ver os filhos durante vários momentos... Enfim, foi um divórcio, assim, com tudo que tem direito. E... tem, pelo menos, uns dez anos que eu não vejo o meu pai mais, então... A última vez que eu vi eu tinha quinze anos. Então, tem mais que isso, tem quase onze anos.

AP - São quantos irmãos?

AV - São três. Sou eu mais dois, né? Logo em seguida, quando eu tinha uns dez anos, os meus pais... a minha mãe casou de novo. E casou de novo com um estrangeiro, só que dessa vez um angolano. Ih...

DN - De língua portuguesa. (*risos*) Quando se fala de Angola se fala português. (*risos*)

AV - É, exatamente, com sotaque. Português, com sotaque. Casou com um angolano,



que... é o meu padrasto, que foi praticamente quem me criou a partir dos 9, 10 anos, né? E assumindo essa função de pai e tal... ou, proximamente disso, assim. Ele foi muito mais um pai pros meus irmãos do que pra mim, na verdade.

DN - Por que você é o mais velho?

AV - Porque eu sou o mais velho. Meus irmãos são menores que eu, meu irmão... é, tem... cinco anos de diferença pro meu irmão e sete pra minha irmã, de mim, né? Eles são... então, quando o meu irmão nasceu, eu tinha cinco, seis anos, quando a minha irmã nasceu, eu tinha sete.

AP - Eles eram muito pequeninhos quando os seus pais se separaram...

AV - É. Quando eles se separaram, eles eram bem pequenos. Então, eu fui quem participou ativamente disso. Quando a minha mãe recasou, eles, ainda assim, eram pequenos. O meu irmão, eu acho que tinha três anos ou quatro anos. Então, pros meus irmãos, né? Como meu pai sempre teve muito ausente nessa história toda, pros meus irmãos eles é, é... eles... tiveram como pai mesmo, o meu padrasto. E, aí, a partir daí a nossa vida economicamente ficou no patamar da classe média... (*risos*)

DN - Alexandre, só um instantinho. Esse seu padrasto angolano, ele veio pro Brasil nessa época, também?

AV - Ele veio pro Brasil na época da guerra, né? Ele era refugiado de guerra. Porque ele era da elite... branca de Angola...

DN - De Angola.

A.V. - E com a Revolução eles perderam tudo, inclusive, ele tinha... como ele tinha 20... vinte e tantos anos, mais de 25, menos de 30, ele lutou na guerra de Angola, né? Do lado dos portugueses. Ele era de uma família aristocrática de lá e tal. Quando eles vieram pra cá, eh... eles trouxeram os carros que eles tinham. Era o patrimônio pessoal, algumas joias e carro. Porque eles tinham muito patrimônio, em Angola, mas não era mais nada, né? E foram vivendo dos carros, eles tinham uns carros bons, assim, Mercedes, Jaguar, não sei o quê, foram vendendo os carros, e foram ...

DN - Pra se sustentar aqui?

AV - Pra se sustentar aqui.

DN - Hum, hum.

AV - E isso acabou e ele foi, enfim, trabalhar como... também, trabalhava com navegação... outra (*risos*), na linguagem da Psicanálise, a gente pode dizer que é outro significante importante na vida da minha mãe. (*gargalhadas*)

AP - O mar.

AV - O mar e o sotaque. (*gargalhadas*)

DN - O mar e o sotaque. (*risos*)

AV - O além-mar (*com sotaque português*) E... ele aqui trabalhava... ele foi trabalhar num estaleiro e tal, mas numa posição que não era nada especial e enfim, sempre sustentou. A partir do momento que ele casou com a minha mãe, ele passou a sustentar a gente e porque a pensão do meu pai era meio intermitente, também. E, aí, enfim, ele teve essa função pra gente durante muito tempo...

DN - E a relação de vocês com ele era boa?

AV - É, sempre foi muito boa, muito boa. Dos meus irmãos, a mais próxima, a minha menos próxima, mas boa, também. Eles são casados, ainda, até hoje, e a gente tem uma relação boa até agora, tranquila. E, enfim, a partir daí tudo, quem pagou a minha faculdade foi ele, enfim, todos os esforços, né? Eh... pra colégio, segundo grau, não sei o quê, a figura de pai dessa época da minha vida é a dele. E... enfim, basicamente, é isso, sendo que dentro da minha família, né? Tem essa, essa perspectiva em relação... a posição do meu pai, ela é muito uniforme, né? Pra todo mundo. É como se nada aconteceu antes do casamento deles, realmente, tivesse acontecido, porque pra minha mãe, ela prefere esquecer, pro meu padrasto ele não tava lá pra ver mesmo, pros meus irmãos também não fez tanta (*ruído com as mãos*) diferença. Eu sou a única pessoa que tenho essa coisa mais marcante, né? Assim, em relação a esse período. Ele, claramente, não é... ele embora ocupe a função de pai em vários momentos pra mim, ele não é... um pai, né? Formal em todos os sentidos, a gente pode falar assim. Basicamente, foi isso, assim. Eu não sei o que que... aí, eu sempre estudei em escola particular. Quando era pequeno estudava na Escola Americana, depois eu saí, estudei em várias escolas. Era relativamente um bom aluno, assim, nunca fui de estudar muito, mas sempre tirei boas notas. E nunca repeti ano, nem nada disso. Eh...

DN - A família do seu pai, vocês continuaram se dando assim?

AV - Não, não, não.

DN - Tinham os avós maternos...

AV - É, os avós maternos foram, realmente...

DN - ...que viviam aqui, né?

AV - ...a família mais importante.

DN - Hum , hum.

AV - A família do meu padrasto eh... teve pouco tempo de convivência. A gente pode falar que teve uns quatro, cinco anos de convivência com eles. E... eles voltaram... eles saíram do Brasil, eles tinham migrado, a irmã do meu padrasto, era... a mãe e o pai, eh... dele, né? Ele, a irmã com o marido e dois filhos, que vieram pro Brasil. O pai morreu de câncer, pouquinho tempo depois que eles chegaram. A mãe e a irmã dele com o marido e os dois filhos mudaram pra Portugal, tipo, uns quatro, cinco anos depois, que ele casou com a minha mãe. Então, eles tiveram uma participação na vida da gente até... uns quinze anos. Depois, eles mudaram pra Portugal. E em Portugal, ela morreu

pouquinho tempo depois disso, depois de ter ido pra lá, a mãe dele. E com a irmã dele a gente ficou mais tempo em contato próximo. Tanto que eu nem moro mais com os meus pais, então... a gente não... teve muito vínculo. E com a família do meu pai mesmo, o vínculo foi totalmente cortado. Aí, quando eles eram casados, quando os meus pais eram casados não tinha muito, muito contato com eles, era, assim, muito eventual. Até porque, eles eram bem humildes, assim. Eles eram típicos imigrantes portugueses, né? ...Eu acho que meu pai não ficava muito confortável, também, assim.

AP - E o seu pai empobreceu?

AV - Não. Meu pai continua muito rico, eu acho, mas... (*risos*)

DN - Isso não lhe diz... (*risos*)

AV - Mas isso não me diz... não afeta mais a minha vida. Não, assim, meu pai até recasou e tal. E... é... a última notícia que eu tive dele é que ele tá morando na Inglaterra e tava bem e tal. Mas, ele... ele tem uma aura assim, na verdade, eu não sei o quanto disso é verdade, não é assim, até porque eu não tenho muito contato com ele, de que os negócios dele são meio... eventualmente, ele... dá uma escorregada nos negócios meio escusos. Então, eh ... eu não sei, exatamente, o que foi que aconteceu, mas eu sei que ele saiu do país. Algumas pessoas dizem que ele teve que sair do país, outras pessoas dizem que não, que ele foi... preferiu sair do Brasil (*risos*). Eu não sei. Eu tive algum contato com pessoas que conheciam ele, mais tarde, quando eu já era adolescente...

DN - Era isso que eu ia perguntar, quando você falou assim: “Quando eu tive notícias...”

AV - É.

DN - Como?

AV - Algumas pessoas que conheciam ele, assim, que por acaso, por acaso, às vezes, né?

DN - Encontra e aí dá notícia.

AV - É. Exatamente. Eu... conheço algumas pessoas que moravam no prédio que ele morou ou que mora no prédio que ele morou uma época. E que era... foi a última época que eu o vi, foi quando eu tinha mais ou menos quatorze, quinze anos, que ele morava em Ipanema e tal... Basicamente, é isso. Então, tem uma história engraçada, assim. Que ele... ele se recasou. E a mulher dele era uma pessoa com quem a gente não se dava bem, porque não tinha muito contato, né? Mas, eu, à princípio, eu não me dava muito bem com ela. Tinha muita desconfiança, a gente não tinha, assim, muita oportunidade pra ter muita confiança nela. E...

DN - Pra ter muita confiança nela.

AV - ...pra ter muita confiança nela, é. Também, não tinha muita confiança no meu pai, não tinha muita, né? (*risos*) Então, era uma relação que não tinha... E tem uma história que é meio clássica, que a Lucinha Araújo conta, né? Mãe do Cazuzu. Que a Lucinha

Araújo mora na cobertura do prédio... que eles moravam. De que uma vez ela... que essa mulher fez alguma coisa em termos de... discriminação com o Cazuza, eh... a Lucinha saiu no tapa com ela, na porta do prédio. Um prédio que fica na porta do *Country*, ali em Ipanema, aquele clube chiquérrimo, não sei o quê. E a Lucinha conta essa história: “Ah, a minha vizinha do 1201..”, que era o apartamento do meu pai. (*risos*) Enfim, então nada me surpreende vindo de notícias dessa linha, assim. E isso, na verdade, eu soube porque eu li uma entrevista que a Lucinha deu, em que ela citava o nome da mulher do meu pai. E contava essa história, porque ela saía até no tapa pra defender o Cazuza porque essa mulher fez num sei o quê, num sei o quê, e...

DN - Isso quando o Cazuza já estava doente?

AV - Já estava bastante doente, quando ele já estava, praticamente, morrendo. E... e eu soube dessa história muito tempo depois, então nem... Mas, eu achei curioso, né? Porque eu trabalhando com AIDS, eu já tava trabalhando com AIDS quando soube da história e achei muito curioso ter sabido disso, assim, porque foi... Eu li, assim, e reli a matéria várias vezes. É isso mesmo? (*risos*) Mas, enfim, com essa parte da minha família eu não tive muito contato. Mas de resto, eh... foi isso.

DN - E, aí, você, você falou que depois da Escola Americana, eh... você cursou várias escolas e depois você resolveu fazer Psicologia. Foi já a primeira escolha sua?

AV - Não, eu tinha...

DN - Em termos de universidade?

AV - É. Foi a minha primeira escolha. Mas, na verdade, no segundo grau eu tava muito em dúvida. Eu queria... eu tava em dúvida em fazer Comunicação e Psicologia. E não tinha muita clareza, assim, do que que... ia me dar uma ou outra e tal. E... é ... eu agora não lembro nem direito porque. Mas chegou uma hora que eu optei, acho que pela questão... de que Comunicação era, era... ... o meu interesse em Comunicação era Publicidade... e eu achava essa coisa de Publicidade, também, muito mercantilista. Embora, eu nunca tivesse sido muito militante, nem nada disso, eu achava essa coisa muito mercantilista, a serviço de formar consumidores e (*risos*) ponto, né? Então, eh... e eu achava mesmo que, que alguma coisa no trabalho com Psicologia podia ser mais interessante, estaria mais de acordo com algumas características pessoais minhas... sempre conversei muito, sempre tive vários amigos próximos, íntimos e sempre ouvi muito essas pessoas, e era uma coisa que me dava prazer. E eu achava que, provavelmente, isso ia ser uma coisa interessante pra eu tá fazendo. E ... e, aí, eu fui fazer Psicologia. E, logo, no início do curso eu confirmei, assim, era o que eu tava a fim de fazer mesmo... É, basicamente foi isso.

DN - Agora, Alexandre, na... no currículo, inclusive, que você passou pra gente, eh... tem alguns cursos enfim, alguns seminários que você participou, alguns até... que você participou na organização mesmo. Podia falar um pouquinho pra gente disso?

AV - Hum, hum.

DN - Assim, no período da sua Graduação, da sua formação.

AV - No período da minha graduação, eh... ao contrário de outras... que se formaram comigo, eu não tinha muito claro... porque a Psicologia... se você vai trabalhar com Psicoterapia, que era o que eu tinha interesse de fazer, você pega atendimento em consultório e tal, você tem várias opções, muito amplas, né? Assim, mas você... e muito bem definidas. Você tem várias linhas de trabalho e que são bastante divergentes. Você tem... a Psicanálise, dentro da Psicanálise você tem diversas correntes de Psicanálise. Dentro da Psicologia Existencialista você tem várias correntes de trabalho. E, aí, você tem uma linha mais americana que trabalha mais com a questão do cognitivo e tal. Enfim, então, eu não tinha muito claro... eu tinha alguma resistência em relação a Psicanálise, eu não lembro nem porque, assim, eu achava uma coisa meio dogmática religiosa e, às vezes, mas, não... e eu não fui me aprofundando muito nisso. E eu fazia, na época, uma... terapia... Existencial, porque era uma pessoa que tinha me sido indicada e que fazia muito bem e eu gostava do trabalho que era feito. E era um trabalho de grupo, né? Eu fazia terapia de grupo nessa época. Então, eu, ao mesmo tempo, não me identificava muito com os textos do Existencialismo como técnica para trabalhar, mas eu gostava da minha terapia. (*risos*) E, eh... não me aprofundava muito na Psicanálise porque, ao mesmo tempo, eu não fazia análise. Eu fazia a Psicoterapia Existencialista. E... eh ...

DN - O que que é a Psicoterapia Existencialista?

AV - Ela trabalha basicamente com... alguns conceitos filosóficos. Ela não é, exatamente, é uma... ela pega algumas coisas, cisca um pouquinho aqui, um pouquinho ali, junta e faz... uma linha teórica, né? Na verdade, a Psicoterapia Existencialista ela junta um monte de coisa da Filosofia Existencialista, né? Principalmente, da Fenomenologia, da Filosofia Existencialista, e algumas coisas de uma linha mais americana de intervenção psicológica, onde você trabalha com... eh... você não trabalha com o inconsciente, né? Você trabalha com as questões conscientes, responsabilizando o indivíduo pelas suas ações, de uma forma bastante... ela é menos... o papel do terapeuta numa Filosofia... numa Psicoterapia Existencialista ele é menos, é... ele deixa correr menos solto do que um terapeuta, do que um psicanalista. O psicanalista, ele vai trabalhar com a atenção...

DN - Ele intervém mais?

AV - Ele intervém muito mais. Ele intervém mais. E... ele vai sempre, ele tem menos formalismos, também, do que algumas psicanálises, de um modo geral. É uma linha bastante informal. E... mas ela não é muito clara do que que é (*risos*) uma terapia Existencialista. Então, eu tô tendo muita dificuldade pra definir, porque não só porque eu nunca me interessei por isso, teoricamente, pra aprofundar, como não é muito clara, assim. Na verdade, ela pega coisas da Filosofia, pega coisas de uma linha mais americana, que não tem muito embasamento filosófico, e junta e (*risos*) faz uma linha de intervenção, onde você tem alguns pressupostos básicos, que é respeitar, responsabilizar a pessoa, não tem uma crença no inconsciente, ou, pelo menos, não trabalha com esse constructo ativamente e tal.

Então, eh... eu não tive uma trajetória profissional, eh... acadêmica que fosse muito... direta e progressiva dentro de um determinado tema. E isso influenciou nas coisas que eu fui fazendo ao longo do curso, né? Eu tinha interesse em várias coisas, então, eu ia... fazendo... lançando os meus interesses de uma forma meio dispersa, em várias coisas diferentes. Então, eu era... ativo, não era um... um aluno... é... desligado,

que passasse pelo curso, as pessoas normalmente me conheciam, eu era bastante participativo nas aulas... interessado pelos temas e tal. Então, eu fiz alguns grupos de estudo, principalmente, na área de Psicanálise, que sempre foi, apesar de uma resistência inicial, aos poucos, eu fui tendo mais claro que era essa a minha linha de trabalho. Primeiro, que onde eu fiz, onde eu me formei, que foi na PUC, tem um investimento maciço em Psicanálise, pelo menos na época em que eu estudava lá, o grosso dos professores são psicanalistas. E... aí, o que aconteceu foi que eu fiz alguns grupos de estudos nessa linha... e... fiz alguns cursos, eh... quase sempre relacionados a alguma coisa que eu tivesse fazendo na época. Então, eh... eu fiz alguns cursos relativos a... eu nem lembro de todos, mas eu lembro que eu fiz alguns cursos relativos a questão de atendimentos de psicóticos, de acompanhamento, porque na época eu estagiava numa clínica, do Hospital (*ininteligível*) pra psicótico. Então, trabalhei, fiz alguns cursos nessa linha. E alguma coisa de grupo de estudo na área de Psicanálise e tal. Eh... algum... alguns colegas meus que se formaram mais ou menos junto comigo, são, mais ou menos, da mesma geração que eu de faculdade, que tiveram faculdade ao mesmo tempo que eu, eh... logo depois que eles saíram da faculdade tavam muito claros que eles queriam Psicanálise, então, foram investindo em formações e tal. E eu não tinha isso tão claro, né? Então, não fui investindo em formações antes de me formar ou qualquer coisa assim. E o que acabou acontecendo comigo foi que eu fiz esse estágio...

DN - O que você tinha claro era que queria fazer a linha de Psicoterapia.

AV - É, eu tinha claro que eu queria fazer clínica...

DN - Mas não sabia que linha seria.

AV - É. Eu gostei do trabalho com psicóticos. Mas, não foi uma coisa que me estimulou pra, pra continuar sempre. Até porque, esse trabalho especificamente foi meio desgastante, assim. Tinha muitas questões institucionais que permeavam que eram muito complicados.

D.N. - Isso na clínica da Casa do Alto?

A.V. - É, na Casa do Alto. Foi uma clínica que eu trabalhei, que era até aqui pertinho, em Laranjeiras. E... e... então, eu comecei a trabalhar com várias eh... nessa clínica, onde a gente tinha... fazia absolutamente de tudo foi uma experiência muita rica, né? Em termos de formação e tal. Embora, eh... a supervisão fosse fraca e eventualmente... a gente tinha uma relação muito forte dentro da equipe, que trabalhava, que era, principalmente, uma equipe de estagiários, onde tinha sei lá 12, 15 estagiários trabalhando com cinco profissionais, era uma coisa nessa, nessa proporção. E boa parte deles eram os meus colegas de faculdade, né? Boa parte dessas pessoas eram da PUC. Então, a gente trocava muito e isso dava muito suporte pras questões institucionais e pras dificuldades com os pacientes mesmo. E, com isso, a gente foi estudando junto, também, a gente fazia alguns grupos onde a gente estudava junto, né? É que não era não tando no currículo, porque eram coisas muito, é... espontâneas e sem um orientador formal e tal. E, quase sempre as teorias que mais me, me, me, né? Do ponto de vista teórico, assim, que eu paralelo a essa parte, que eu fui estudando mais Psicanálise mesmo, e depois, mais pro final da faculdade, eu fui me interessando por Deleuze, Guatari e... uma linha francesa, que não é uma linha Lacaniana, né? (*risos*) Que trabalha com... que é a linha predominantemente hoje. Predominantemente adotada, hoje, na

Psicanálise, no Rio, né? Eh... são os lacania.... é a clínica Lacaniana. Eu não trabalho com clínica Lacaniana. Eu trabalho com Psicanálise, mas, eh... revista por Deleuze e Guatari. Basicamente (*Gargalha*) é com isso que eu trabalho hoje. E foi...

DN - Não deixa de ser Lacan.

AV - Hã?

DN - Não deixa de ser Lacan.

AV - É, né? É bastante distante, né? de Lacan, assim, em várias... é a francesa, mas não é uma linha lacaniana. E, aí, hoje em dia... e aí eu fui estudando várias coisas nessa linha, né? Assim. Fiz um grupo de estudo com o Narciso, o Teixeira e com a mulher dele, que é a Ana. E a gente chegou até, em alguns momentos, a aventar desenvolver um trabalho junto e tal. Mas nunca deu muito certo, viu. Enfim, porque... mais, por questões (*risos*) pessoais do que por interesse teórico e tal. E... enfim, do ponto de vista teórico, foi isso, né? Assim, e eu fui me interessando por essas coisas. Logo, assim, que eu saí da Casa do Alto, já no final do estágio, eh... eh... você quer que eu já vá entrando na AIDS? Pode? O que que você...

DN - Não. (*risos*)

AV - É? Então tá. (*risos*) Tá certo, vamos lá.

DN - Não, porque eu acho que já, já entraria mesmo agora, mas antes de você começar a falar das suas, eh... em suma, das suas várias atividades em relação a AIDS e tal...

AV - Hum, hum.

DN - ...tem uma questão seguinte: porque ... pela sua idade, mesmo, o ano em que você nasceu, 1971, 12 de julho de 1971...

AV - Hum, hum.

DN - Eh... (*pigarro*) você, supostamente, começou a sua vida sexual já com AIDS, aí, no cenário, né?

AV - É.

DN - Aí, quer dizer, como é que foi isso? Foi... teve... entendeu? Teve alguma importância pra você?

AV - Não. A minha primeira relação sexual, ela foi com camisinha...

DN - Era uma preocupação sua?

AV - Não, não era uma preocupação minha. A minha primeira relação sexual foi com camisinha porque eu tava transando com uma amiga minha, eu não queria que ela engravidasse. E... foi, relativamente, tarde. Eu acho que eu tinha 19, 18 ou 19 anos, em relação aos meus amigos e tal. Eu acho que eu tinha 19 anos. E... já tava na faculdade.

E... ela foi de camisinha, mas com a preocupação com a gravidez, né? Logo em seguida, e... (*ruído*) ela começou a tomar pílula e eu... parei de transar de camisinha. E isso aconteceu com outras pessoas com quem eu transei, também, com outras mulheres. Eh... era sempre uma coisa vinculada a gravidez... não tinha essa preocupação. Enfim, obviamente, eu tava...

DN - Por que a AIDS não estava no seu universo...

AV - Não.

DN - ...no universo das pessoas com que você se relacionava, nessa época?

AV - Não, não. Enfim, eu tinha informação. Eu sabia, perfeitamente, que, pra prevenir a AIDS, eu tenho que usar uma camisinha.

AP - Isso no final dos anos 80, não? 19 anos...

DN - Sim, 19.

AV - É, viradinha de 80 pra 90. 90, 90...

DN - 1990.

AV - É, por aí, 90.

DN - Quer dizer, você sabia que a AIDS existia? Mas...

AV - Sabia, mas não tinha clareza. Eu sabia que a AIDS existia...

DN - Você se sentia imune a isso?

AV - É, nem pensava...

DN - Nem passava, de repente...

AV - É, exatamente, que é essa, essa... sim. A rigor, eu me sentia imune, porque era uma coisa que nem passava pela minha cabeça. Mas, eu nem posso dizer que eu me sentia imune, porque eu não pensava nisso o suficiente pra dizer: "Ah, eu sou imune a isso." Era uma coisa, eu transava... com mulher... então, isso não era uma questão pra mim. Tinha um pouco assim, eu acho, olhando *a posteriore*, assim, eu acho que eu tinha um pouco isso, e...

AP - Mas, você fala que você sabia da AIDS, o quê, pelas campanhas ou contato com pessoas?

AV - Campanha... Olha, eu me lembro quando aquele costureiro morreu, o Marquito, eu me lembro... de ver reportagem com a morte dele na VEJA. Eu tinha, sei lá, eu acho que foi em 83, né?

AP - Eu não lembro.



DN - É, foi.

AV - Eu me lembro... agora, quer dizer depois *a posteriore* eu vi que a data era essa e tal, não sei o quê. Se eu nunca tivesse ido trabalhar com AIDS, pelo menos, eu não lembraria que a data era essa. Mas... eh... eu acho que ele morreu em 83, eu me lembro ter visto, lido na VEJA. Os meus pais sempre assinaram VEJA, então, provavelmente, foi nela que eu li. Eu lembro de ter lido numa revista...

### **Fita 1 – Lado B**

AV - Eu tinha informação. Eu tinha pleno conhecimento de... de que eu tenho que usar camisinha, como é que faz, enfim, tinha a campanha.... as campanhas eram muito ruins, né? Assim, eu nunca fui atingido por uma campanha pra adolescente, quer dizer, quando eu era adolescente, não tinha isso. Mas, isso eu sabia porque eu lia jornal, me interessava e tal.

AP - Mas contato com soropositivo até então, nenhum?

A.V. - Nenhum. Zero. ... Zero, zero. E... e assim, era uma coisa que, absolutamente, não fazia parte do meu rol de possibilidades. Não tinha, não entrava e... é uma coisa muito engraçada, né? Porque, hoje, (*gargalhadas*) é muito diferente.

DN - Quando, como, por que você começou a... em suma, como é que a AIDS entrou na sua vida? (*risos*)

AV - É. A AIDS entrou na minha vida de um jeito muito engraçado, né? Eh... na verdade, tem duas, duas vias, né? Assim. A primeira, é a via... mais consciente, assim, do que que tá claro pra mim que foi por isso, e na época pra mim era claro que era por isso, né? Eh... eu me interessava pelo tema, eu achava o tema muito interessante. Tava claro para mim que, eh... nessa época que eu tava começando a estudar Deleuze, não sei o quê, Guatarri, a coisa da micropolítica, da política do dia-a-dia, da política dos corpos, enfim, umas coisas de Foucault... então, pra mim eu tava muito interessado nessas coisas e via na AIDS um negócio... um nó. Um dos meus autores, nessa época, até... até bem depois de eu me formar, até há alguns anos atrás, são umas pessoas que mais... são referência profissionalmente pra mim, são o Jurandir, com quem eu, inclusive, cheguei a estudar uma época e tal e o Jurandir sempre se debruçou por questões... sobre questões sociais... isso sempre me interessou, né? Assim, essa coisa de... Embora, eu sempre tivesse muito interesse na clínica, e goste muito da clínica, nunca tive interesse em fazer só clínica, né? Chegar no consultório, atender, atender, atender, atender, comer e voltar pro consultório, atender, atender, atender e voltar pra casa. (*risos*) Não era isso o que eu queria fazer. Queria atender bastante, mas não só isso, né? Quero ainda, mas não só isso. Quero poder... era, sempre, foi muito interessante pra mim poder tá envolvido com alguma outra questão. Eu nunca fui militante estudantil, nem nada disso, assim. Eh... mas, no ponto de vista político partidário, propriamente, mas sempre tive um quezinho de defender direitos e de representar. Fui representante de turma várias vezes na minha vida e quando era do colégio e tal, essas coisas. Na época de faculdade eu fazia parte do C.A., né? E... ah, você me fez essa pergunta e eu não acabei respondendo, né? No Centro Acadêmico e tal. E o Centro Acadêmico era... era um, era um dos poucos lugares onde a gente se reunia na faculdade, e a PUC tinha... ela tava muito sentada em berço

esplêndido de: “Ah, uma das melhores faculdades de Psicologia do país... e Pós-Graduação tem conceito A e não sei que lá... então, é isso.” Mas era uma merda o curso. Como a maior parte dos professores universitários, né? Você tem professores que... vomitam a matéria, você tem muito pouco contato com a prática, muito pouca, é, é... muito pouca paixão pelas, pelas questões contemporâneas, e muito pouca ventilação pra isso, também. Era uma coisa muito... muito pouco estimulante o curso de Psicologia, naquela época. E o C.A. foi uma forma da gente estimular o curso. A gente organizou vários eventos, várias semanas de psicologia, né? Algumas em... uma delas em parceria com a Pós, as outras não. Foram parcerias... foram... assim que eu entrei na faculdade teve a Semana de Psicologia e Arte foi parceria com o Departamento de Arte, e... logo em seguida, a gente começou a organizar Semanas por nossa própria conta, assim, sem... relação com outros departamentos e já a nossa turma. Essa Semana de Psicologia e Arte, eu me engajei como, tipo mascote, porque tava... tinha acabado de entrar na faculdade e tal, e era amigo das pessoas que estavam organizando. Mas, as pessoas que... a gente organizou muitas coisas. Foi um período muito... ativo. A gente organizava palestras e trazia profissionais pra virem falar sobre a prática, e questionava em questões sociais e questionava a crise da Psicanálise, que era o foco de interesse pras pessoas e a questão do afeto na clínica e não sei o quê. Tem várias coisas que foram muito ricas e foram muito importantes, não só para aprender em termos do conteúdo, mas em termos da, da relação com as pessoas do curso, né? Formação de uma rede com os colegas...

DN - E tinha público bastante, essas semanas?

AV - Olha, sempre lotado.

DN - É?

AV - Absolutamente lotado. Era que as pessoas estavam meio sedentas e a qualidade era excelente. Assim, o programa era com que podia ter de melhor. Inclusive, o meu contato com o Jurandir foi a partir de uma dessas semanas. A gente organizou, chamou ele pra vir falar e... e aí, a gente, enfim, depois ficou conversando com ele, ele falou do grupo que ele tinha pra estudar sobre várias questões com o (*ininteligível*), não sei o quê. E a partir daí a gente foi amarrar. E com o Narciso, exatamente, a mesma coisa. Várias coisas, várias pessoas foram importantes na minha trajetória profissional saíram desse contato dessa compai... e com vários dos meus colegas aconteceu a mesma coisa, né? Assim. Tem um amigo meu que é... (*toca o telefone*) Descul...

*(Interrupção da Fita)*

A.V. - Então, o que acontecia com vários dos meus colegas, também, foi assim. Tem um amigo meu que tá... ele se aproximou do Chaim Katz, que é um psicanalista conhecido, nessa época, e... aí, começou a discutir várias coisas com o Chaim, a participar de grupos de estudo, se aproximou bastante dele. E, hoje em dia, é tipo o braço direito do Chaim na Formação Freudiana, que é a instituição que eles, inclusive, fundaram juntos. Ele fundou quando ainda tava estudando. Então, era, era, era realmente, muito... eram eventos muito frutíferos. Era, era a pausa pra respirar da faculdade, assim. Isso tinha... e sempre foi muito estimulante fazer isso, né?

Então, como eu tava falando, com a questão da AIDS a gente... logo no início da faculdade... veio uma, uma menina, que era desse grupo, que organizou a Semana de

Psicologia e Arte, né? Que tava praticamente se formando ou tava se formando, e no contato que a gente teve, a gente saiu pra tomar chope, conversar e tal, aí, ela falou: “Ah, você...” - tinha um cara que era voluntário de um projeto de prevenção, lá, que ajudava... um projeto de prevenção com *michês*. Então, eu conversando sobre isso: “Ah, que interessante e tal, esse trabalho que ele faz e tal...”

DN - Ele era da PUC?

AV - É, ele era da PUC. Era Psicólogo da PUC. E, aí, essa menina falou assim: “Ah, você acha interessante, não sei o quê...” Aí, a gente começou a conversar sobre AIDS... eu fui vendo que o tema era realmente interessante... ela... (*palmas*), isso foi em oitenta e nove, né? Ela me deu um material do PELA VIDDA, que tinha acabado de ser fundado, (*risos*) né? E, ela falou: “Ah, tem esse grupo aqui. Eu já fui lá com um amigo meu e tal, parece que é bem interessante, e tal...” Aí, ela me propôs: “Ah, você não quer fazer um grupo, onde a gente vai se reunir pra estudar... coisas relativas a AIDS, não? Não sei o quê? Porque esse tema é bastante interessante, tá mexendo muito com as pessoas, com a sexualidade, com a questão da homossexualidade...” Eu falei: “Ah, vamos discutir, vamos, vamos...” Nessa época, eu topava qualquer coisa. Aí, a gente sentou e... tipo, isso durou uns quatro meses, no máximo. Uma vez por semana a gente lia alguns textos, principalmente, coisas ligadas a... a sexualidade. Principalmente, Freud, algumas coisas do Freud e tal. E, aí, esse foi o meu primeiro contato. Depois disso, isso morreu e tal.

DN - Ela participava do grupo PELA VIDDA?

AV - Ela tinha tado lá uma vez, né?

DN - Hum.

AV - Eu nunca mais a vi, nem no PELA VIDDA nem em um outro lugar. Mas, foi muito curioso porque eu fui ver na minha pasta de... coisa que eu tinha de AIDS, depois que eu já tava trabalhando...

DN - Era, exatamente, do grupo PELA VIDDA?

A.V. - É, eu tinha visto... eu fui lá ver o material, um folheto da ABIA e um do PELA VIDDA. Aí, o que aconteceu foi que... eu esqueci essa história e esse tema já no final da faculdade, com a questão da micropolítica não sei o quê, do Foucault, do Guatarri, do Deleuze, e tal, começou a me interessar mais, e com esse interesse aconteceu que eu... eu tinha que escolher um tema pra minha monografia de final de curso. E, aí, tinha... uma das pessoas que orientava... eu tinha que fazer matrícula nisso e tava...

D.N. - Tinha que fazer o quê?

A.V. - Matrícula... no TCC-1, que era a cadeira lá da monografia. E, aí, tinha a lista de orientadores, eu tipo, tinha uma orientadora: “Ah, vou resolver isso logo, tô fazendo poucos créditos, esse semestre...” ‘Orientadora X - Temas que ela orienta: Mulher; Não sei o quê; AIDS’ Aí, eu falei: “Ah, que interessante! Deve ser interessante desenvolver uma pesquisa nessa, nessa área. Trabalhar com a questão da AIDS e tal.” E, aí, eu botei isso, e com ela... a gente começou a conversar. Na verdade, esse TCC foi uma droga, assim, a gente brigou no meio (*risos*), porque ela não orientou praticamente nada. Era

uma professora que tinha, depois eu vim a saber, que tinha vários problemas de orientação... den... na Graduação. Ela orientava Pós e Graduação e tipo tinha... tinha recusado orientar vários graduandos antes, várias pessoas que tavam na Graduação, porque não tinha saco pra fazer isso. Não fazia mesmo. Então, tipo assim, a gente se reunia algumas vezes e, principalmente, o que ela fez foi: “Ah, eu vou te apresentar a Kátia, que é uma, eh... mestranda que eu tô orientando, que tá fazendo tese na área de AIDS, também. De repente, ela vai te dar algumas dicas interessantes.” E... aí, ela me apresentou a Kátia que trabalhava no PELA VIDDA. E, aí foi quando eu entrei no PELA VIDDA, né?

Mas, eu... então, o meu interesse principal era por essa via, né? Teórica. Então, com esse início de TCC eu comecei a... depois eu volto com o meu primeiro contato com o PELA VIDDA, né? Nesse início de TCC, eu comecei a ler... li o livro do Richard Parker, li o livro do Daniel... E, aí, deu um clique assim, o Daniel eu achei, realmente, fenomenal, assim. Quando eu li o Daniel, eu fiquei muito impressionado, e as coisas que ele dizia tinham tudo a ver com as coisas que eu acreditava, pensava e tal, e isso foi pra mim muito importante, assim, nesse início de leitura. Sem nem pensar ainda em PELA VIDDA. Nem sabia quem tinha sido o fundador do PELA VIDDA, nem nada. Mas, pra mim isso tinha dado um clique, que outras coisas não tinham dado. E... enfim, basicamente, foi isso em relação a esse interesse ou não. Tem uma... uma vez, eu tava já trabalhando com AIDS há bastante tempo, e o Toni Reis, eu não sei se você já ouviu falar, o Toni Reis é presidente do grupo DIGNIDADE, que é um grupo de... de Curitiba, de defesa dos direitos homossexuais, e ele... o Toni é relativamente famoso na mídia, porque ele é que tem um companheiro inglês, que ia ser deportado, e, aí, ele usou isso como bandeira pra defender a... união civil, o contrato de união civil da Marta Suplicy e tal. E ele é um líder do movimento homossexual no país e tal, é uma figura completamente escrachada, fala qualquer coisa, te pergunta qualquer coisa ali na lata e... brinca com todo mundo o tempo inteiro, houve até... (*risos*) e uma vez eu tava participando de um curso, onde ele era aluno e eu era co-facilitador do curso. E ele depois do curso, um dia, numa mesa de bar, ele me perguntou: “E... vem cá. Você não é gay, não conhecia ninguém que era soropositivo. (*risos*) Qual é o teu barato de tá... de tá fazendo isso, assim? Por que você se interessou por isso?” E eu posso... voltando pra minha história pessoal, né? Eu, claramente... é... tenho uma... eu cheguei... nessa hora eu falei pra ele, o que eu vou te dizer agora, o que eu vou dizer pra vocês agora, e que é uma conclusão, também, que eu tenho pra mim, que é uma das razões pelas quais eu me interessei pelo tema, né? Embora, eu não seja gay, né? Eu sempre... tive um certo sentimento de marginalidade (*risos*). Porque... primeiro que eu nunca fui, exatamente, garotinho padrão pra absolutamente nada. Eu sempre tive... nunca fui exatamente rebelde sem causa, nem nada disso. Mas, nunca fui padrão, né? Era... era mais mauricinho e tal... Antigamente, né? Quando era adolescente e tal, era mais... caretinha e tal, mas nunca fui... nada nunca me espantou muito. (*risos*) Eu era amigo digo, assim, desde as pessoas mais cdfs até as pessoas mais loucas, assim. Enfim, comecei eh... apesar de ser meio caretinha e tal, não sei o quê, eu não era caretinha pra... por exemplo pra droga, comecei a experimentar droga bem cedo e... e, além disso né? Eu não sou, exatamente, o macho brasileiro, né? Eu detesto jogar futebol. Odeio, assim, com todas as minhas forças (*risos*). Não era nenhum garanhão, assim, na época adolescência, tive até uma iniciação sexual, relativamente, tard... tardia, né? E sempre andei com muitas mulheres, então eu tinha... o viadinho da turma, não sei o quê, várias vezes era eu. Às vezes, tinha um que era mais viadinho que eu, e eu me escapava. (*risos*) Mas, eu tinha essa, essa, esse mote sobre mim, assim, né? Que era mais, eu gostava mais de estudar, de ler, de ouvir música, do que qualquer outra coisa. Não jogava futebol, não me

integrava, tipo era mais fresquinho, andava mais arrumadinho, não sei o quê. Então, tinha essa questão. Eu já me sentia minoria sem ser. Assim, apesar de nunca ter me relacionado com homem, nem nada disso, assim, eu tinha essa, essa questão, né? Assim, em vários momentos, eu ficava me perguntando, na adolescência: “Será?” (*risos*) Foi meio sofrido pra mim. Em alguns momentos, isso foi bastante sofrido pra mim. Porque, eu me sentia meio marginalizado e ficava me perguntando: “Por que eu não pego onda...”

DN - Mas aí pintava ...

AV - “Por que que eu não sou surfista?” (*risos*)

DN - Te pintava, também, questões de sexualidade, não?

AV - Pintava, pintava. Pintava porque, eh... eu tinha clareza de que eu não era, exatamente, o que que era ser macho e aquela coisa típica. E isso era, era uma questão pra mim quando eu era adolescente. E era uma questão de bastante sofrimento, também, assim. Porque, embora não tivesse a coisa do desejo... assim, acredito que seja menos sofrido do que os meus amigos *gays*, né? Porque não era, eu não tinha...

DN - O desejo.

AV - ...eu tinha passado a discriminação social. Mas não, propriamente, o desejo ou, enfim, tinha na medida, eu acho que todo mundo tem, assim, de, eventualmente, se perguntar: “O que que é isso?”, entendeu? (*risos*) Mas... que hoje em dia é uma coisa mais bem resolvida do que era, também, quando eu era adolescente. Então, era uma coisa que era muito angustiante, assim. E a coisa social me fazia pensar nisso como, como... possibilidade mais do que, propriamente, eu sentir o desejo. Então, era meio, era muito conflituoso isso. Então, eu... de certa forma, né? Embora, se eu dissesse isso perto de... alguém que seja do movimento gay, mas a gente vai cair de pau em cima de mim, o Toni até que gostou da resposta. Mas de certa forma, eu sei o que é ser discriminado, eu sei o que é, o que é ser minoria, o que é não se encaixar, né? O que é, eh... ao mesmo tempo, sem ser, propriamente, coitadinho, né, assim. Porque eu acho que as questões das minorias passa por outra via, né?

DN - Hum, hum.

AV - Então, eu me identifiquei muito com essa questão da AIDS, porque era, claramente, uma questão ideológica, onde as minorias tavam mais suscetíveis, principalmente, as minorias sexuais, e...

DN - Isso foi uma elaboração que você fez *a posteriore*?

AV - Foi. *A posteriore*. Não na hora, não.

DN - Não no momento do interesse...

AV - Não...

DN - ...pela questão?

AV - No momento do interesse era, principalmente, eu tava terminando o estágio, então tava, tipo: “O que que vai acontecer agora?” Ao mesmo tempo tinha que fazer monografia, e tipo... casou com várias questões que eu tava... que pra mim eram questões importantes sociais e da subjetividade. Então, isso pra mim é que foi muito importante, assim. E quando eu cheguei no PELA VIDDA, eu tive essa conversa com a Kátia... e quando eu cheguei no PELA VIDDA... ela... a conversa não foi exatamente... ela era legal e tal, mas não foi nada do outro mundo. Mas, ela foi interessante que ela falou assim: “Olha, o que eu posso te oferecer é que você venha, conheça o grupo, né? Se quiser participar de algumas atividades a gente pode conversar, também, eventualmente sobre... sobre... o teu projeto ou coisas que você...”

DN - A Kátia era a menina que estava fazendo já uma...

AV - O Mestrado.

DN - O Mestrado, uma dissertação sobre a AIDS.

AV - É, ela fazia Mestrado sobre Mulher e AIDs e... e ela... trabalhava no PELA VIDDA. Trabalhava como voluntária, já, há bastante tempo. E... isso no final de 92, né? Que eu cheguei no grupo. E... e aí, quando eu cheguei lá, ela me convidou pra participar do grupo, e aí, eu participei da Reunião de Recepção. Um dos meus interesses, na época, também, era o trabalho de grupo, até porque eu fazia terapia de grupo. Tinha feito, com algum sucesso, coordenado várias atividades de grupo com os pacientes psicóticos da clínica. Então, me interessava e eu tinha feito uma cadeira que, tinha comprado alguns livros sobre isso, tava estudando umas coisas relativas a questão de grupo. E, aí, eu participei da Reunião de Recepção do grupo PELA VIDDA. E adorei a reunião, assim. Eu achei ela fantástica. Foi realmente, tipo, o que me fez ficar lá, foi aquela reunião. Então, eu acho que houve uma convulsão de várias coisas, né? Vários interesses e essa predisposição que eu... que eu coloco como olhar *a posteriore*, né? Enfim. E essa reunião foi... que quem fez a reunião na época... eu não sei se você já quer que entre nisso...

DN - Já.

AV - Quem fez essa reunião, na época, era o Gil, que era o então coordenador da recepção. E o Gil tinha um talento fenomenal pra fazer esse trabalho. Ele não era psicólogo, não tinha nenhuma profissão nessa linha. Ele era bancário e tinha formação de ator e... aposentando. Era um bancário aposentado, porque ele tinha AIDS, tinha aparência já de uma pessoa doente e tal. E... e a organização da, da reunião me interessou muito, porque eu me dei conta quando eu saí da reunião, que era eu e uma outra moça do Nordeste, que tava tipo de passagem, veio conhecer o trabalho do PELA VIDDA, mas não era exatamente uma usuária, tinha um cara... que devia ter seus quarenta anos e levando um amigo que tinha descoberto ser soropositivo com cinquenta e poucos anos, que era mais um senhor, assim, uma aparência de senhor, mesmo, cabelo grisalho e tal. E o que mais me tocou foi que, no final da reunião, aquelas pessoas com quem eu nunca tinha tido contato, com quem eu jamais voltaria a ter contato, jamais voltei a ter contato (*risos*), né? Me eram próximas. E eu senti que elas fizeram uma diferença na minha vida e eu fiz uma diferença na vida delas, porque aquilo deu uma virada na minha vida. Eu nunca tinha conversado com ninguém soropositivo, mas eu já

tinha lido muita coisa, então não era, exatamente, *naif* quando eu cheguei lá, assim. Eu sabia... já tinha lido Daniel, então, aquele discurso todo, que era o discurso do Gil, assim, era muito... assim tinha muita sintonia com que eu pensava que tinha que ser, né? E eu fiquei muito impressionado com o sentimento que eu tive, no final da reunião, de integração com aquelas pessoas, que eram completamente diferentes de mim, tavam lá por razões completamente diferentes da minha... e foi muito curioso, assim. Então, essa reunião foi o meu motivador principal pra ficar no PELA VIDDA.

DN - Quer dizer, na verdade nessa reunião tinha um soropositivo?

AV - Tinha um soropositivo.

DN - Só um?

AV - É e o Gil coordenando, né?

DN - Sim. (*ruído*)

AV - E ele se colocava como soropositivo, também, e tal. E foi muito interessante, assim. Eh... e, aí, a gente conversou, e eu sempre que ia no PELA... e ,aí, eu passei a ir no PELA VIDDA, né? Depois dessa reunião, eu fui no PELA VIDDA algumas vezes. Ia na reunião de terça-feira e ia na Tribuna... E com uma certa sensação de vazio.

DN - A reunião de terça é o quê?

AV - É Administrativo, Político-administrativa, assim. Porque era quando eu sentia que eu ia ter familiaridade com o grupo e tal. Eu não tinha nem claro o que eu queria fazer do meu projeto.

DN - Era isso que eu ia perguntar em relação a monografia...

AV - Não tinha nada claro.

DN - ...você ainda não tinha claro?

A.V. - Não tinha nada claro. Nada claro. Eh... como eu realmente não tava sendo orientado, acabei não tendo nada claro. Fiz um texto sobre a AIDS (*risos*) com uma visão, revisão bibliográfica de Herbert Daniel, do Richard Parker, não sei o quê, umas coisas do PELA VIDDA e pronto. Não fiz nada de muito... Mas, eu sei que a monografia ficou completamente em segundo plano, aos poucos, né? Assim. Ainda nesse primeiro momento não, né? Ainda era o motivador pra eu tá indo no grupo. Eu... aí, eu ia sempre lá, mas eu tinha uma sensação de vazio, assim, muito grande, porque, eu não conhecia ninguém que era soropositivo. Não tinha nada pra contribuir naquelas discussões. Era sempre uma sensação assim...

DN - Até ali, você nunca tinha conhecido ninguém soropositivo?

AV - Não, não. E... não tinha... assim, a minha sensação era muito estranha porque eu ia pra aquele lugar, gostava do discurso, gostava de tá lá. Mas, ao mesmo tempo era tipo: “O que que eu tô fazendo aqui?”, entendeu? (*risos*) Eu tinha muito essa pergunta. Em

vários momentos, assim. Eu ia pra Tribuna e via as pessoas todas se colocando, tendo discussões *calientes* sobre, eh... as suas... eh... questões pessoais, as suas experiências e tal. Eu via coisas... que eu nem lembro agora, mas que na época, certamente, tiveram impacto sobre mim, assim. O estado físico de iminência da morte etc, etc. E não tinha o que falar. O que que eu ia falar? Eu ia falar o que, achismo? Ah, eu acho que você tipo estudante de Psicologia, tava tipo... .. sei lá... oitavo período, faltava um ano ainda pra eu me formar e tal. Realmente, assim, eu ia... entrava mudo e saía calado a maior parte das vezes. Eventualmente, fazia um comentário ou outro, me sentindo a pessoa mais... bobona do mundo. (*risos*). Até que o Gil... e eu sempre conversava com o Gil. O Gil sempre sentava do meu lado e...

DN - Se sentindo ainda marginalizado?

AV - É me sentindo marginalizado, com certeza. (*gargalhadas*) Era, exatamente, isso. As pessoas eram muito legais comigo, na verdade, né? Porque me achavam bonitinho e queriam me cantar. (*gargalhadas*) Depois eu descobri. (*gargalhadas*) Mas... mas é... mas nesse momento, assim, o Gil era a única pessoa, assim, quando ele sentava do meu lado era tipo: “Graças a Deus! Era uma âncorazinha aqui.”, né? E aí...

DN - O Gil... só, só pra relembrar, o Gil você conheceu nesse...

AV - Na recepção.

DN - ...nessa, nesse dia que você foi na Reunião de Recepção?

AV - É, exatamente.

DN - Você não conhecia antes?

AV - Não, não conhecia antes. E me encantei com ele. Ele foi muito doce, foi uma pessoa muito legal. E a gente sempre conversava depois. Ele, ele tinha uma coisa que eu achava que era... ainda melhor, assim, em relação a reunião de recepção, que era essa questão de não só... dá uma acolhida pra pessoa durante a reunião, mas dá uma acolhida depois, quando a pessoa voltava ao grupo, né? Ele sentava do seu lado, ele vinha te perguntar: “E aí, o que que você tá achando? Tá gostando? Já conheceu as outras pessoas?” Te apresentava as pessoas. Então, ele realmente facilitou muito a integração. Mas, realmente, eu não tava integrado. Porque pra tá integrado me faltava... um componente que era ou um trabalho pra fazer lá dentro, uma função, né? Clara... e aí, tipo Disk-AIDS só ia ter treinamento muito tempo depois. Ou, eh...

DN - O vírus.

AV - O vírus. Ou alguém próximo, uma experiência pessoal. Eu não tinha nenhuma dessas coisas. Então, aos pouquinhos... isso foi, mais ou menos, em setembro, outubro que eu entrei pro grupo, pela primeira vez. Eh... e, aí, em dezembro, no início de dezembro, o Gil sentou comigo e me perguntou se eu não queria ajudá-lo na Reunião de Recepção. E aquilo foi maravilhoso pra mim, que era, exatamente, o que eu queria fazer. De todos os trabalhos do grupo o que eu mais me identificava era aquele. Eh... eu achava que era legal, inclusive, pra mim, profissionalmente, né? Como formação e tal, embora, eh... o Gil não fosse psicólogo e eh... durante todo o tempo que eu coordenei a



recepção, que depois eu vinha coordenar a recepção eu não... eu não trabalhava como psicólogo, assim. Eu não me colocava: “Oi, tudo bom? Eu sou Alexandre, psicólogo do PELA VIDDA.” Eh... “Oi, tudo bom? Eu sou Alexandre. Sou voluntário aqui do PELA VIDDA...” Tipo, não colocava nada em relação a minha sorologia... Era uma razão meio estratégica mesmo de, de que a pessoa não achasse que ela... eu achava que era importante que quando a pessoa chega no grupo, ela não achar que tá chegando pra conversar com um profissional, mas achar que tá chegando a conversar com alguém que tá comprometido pessoalmente com aquela questão. E... o pessoal me perguntava se eu era soropositivo: “Ah, eu prefiro não responder essa pergunta...”, e tal. Mas... e... embora... mas eu achava que aquilo ia me enriquecer como pessoa, mas ia me enriquecer também como profissional. Eu tinha mais ou menos isso claro, porque, eh... eu ia... fazer um trabalho de grupo, que era uma coisa que me interessava. E que eu achava que era, assim, uma grande... achava a recepção um espaço muito interessante, porque ele tinha essa questão da subjetividade, mas ele tinha uma função política, também, muito intensa, muito presente. E, aí, eu me interessei. Fiquei fazendo a recepção. Eh...

DN - Aí, você aceitou...

AV - Aceitei.

DN - ...fazer junto com o Gil?

AV - Com ele, é. Em janeiro. Então, o grupo fechou em dezembro pro recesso de final de ano, fecha uns 15 dias. E em janeiro a gente começou a fazer isso junto. E era ótimo. Funcionava muito bem. Eu adorava o Gil. Nesses dois meses que a gente trabalhou junto, eu aprendi horrores com ele. E em fevereiro ele adoeceu e ficou um mês afastado e em seguida morreu. ... E, aí, foi a minha primeira perda com a AIDS. Esses primeiros dois meses, assim, que a gente trabalhou junto foram muito legais. E ele, efetivamente... depois, também, eu entendi que ele tava preparando um substituto, né? Porque ele já, não tava bem há bastante tempo e... ele confiou em mim de uma forma muito legal, também. Isso, eu acho que facilitou o fato de eu quando cheguei no grupo eu já tava... eu já tava com o discurso do PELA VIDDA, totalmente, internalizado, assim. E... então a gente teve uma identificação muito, muito clara, assim, logo, a gente, eh... teve, fez esse trabalho. E ele era muito generoso comigo, durante esse trabalho, e tal, de garantir o espaço pra que eu falasse: “Você tem alguma coisa a dizer, não sei o quê?” E quando ele adoeceu, eu enfim, fiquei fazendo a reunião. Não tinha muita... não tinha muita alternativa, assim. Não tinha quem fizesse. Ninguém tinha, tava fazendo isso com ele antes de entrar, então, acabou que eu assumi esse papel. E, aí, quando ele morreu, eu procurei a diretoria do grupo e falei: “Olha, eu acho que eu não tenho condições de ficar, porque pra mim é muito complicado... Eu tô no grupo há muito pouco tempo e sem o Gil eu fico muito inseguro e... Enfim, não posso nem, eh... tem aqui o meu espaço profissional, mas eu nem me formei ainda, enfim...” Eu levantei essas questões todas. “Ah, não! Eu acho que você tem que ficar. Não tem ninguém que possa assumir essa posição e o Gil...” Ninguém na verdade me conhecia direito ali, né? Mas eles tinham, o Gil, ele tinha um papel muito interessante no grupo, que era o papel de mediador, muito mediador diplomático, né? Na época o grupo era presidido pelo Stalin...

DN - No grupo PELA VIDDA?

AV - No grupo PELA VIDDA. O grupo era presidido pelo Stalin que era uma pessoa que gera conflito (*risos*) em cinco por hora. Então...

## Fita 2 - Lado A

DN - Pronto. Você tava falando do Stálin Pedrosa, né?

AV - É, o José Stálin Pedrosa, ele era o presidente do PELA VIDDA nessa época. E... e ele era uma pessoa que, enfim, ge... ele geria o PELA VIDDA de uma forma bastante incisiva, e, eventualmente, gerava conflitos, né? E o Gil, ele tinha um papel de mediador, então, ficou uma lacuna muito grande em relação a isso, eu sinto que as pessoas, é, é... pelo o que o Gil falava, os outros acharam, que eu podia, talvez, um dia, ocupar esse lugar, né? (*risos*)

DN - De mediador?

AV - É. Eu acho que...

DN - O lugar do Gil?

AV - É. Eu acho que tinha muitas coisas que o Gil tinha, que acabaram sendo atribuídas... que eu ganhei por tabela, entendeu? Assim, em termos de expectativa, né? Eram coisas que eram do Gil, mas que as expectativas... em torno de mim foram... em vez de serem expectativas abstratas: “Quem é essa pessoa?”, elas vinham contaminadas pela figura do Gil, e que, efetivamente, tinha falado bem de mim pras outras pessoas e tal, pra diretoria, principalmente, né? Pro Stálin, pro Ronaldo, pra Cristina Câmara e pro Renato Cameron, que eram as pessoas que dirigiam o grupo, na época.

DN - O Stalin era o presidente?

AV - O Ronaldo era o vice, o Renato... ele era o coordenador de coordenações... (*risos*)

DN - Coordenador de coordenações?

AV - É, que ele lidava com todas as coordenações, ele era um articulador político dentro do grupo, tal, e a Cristina era diretora de projetos. Ele era um coordenador geral, assim, o Renato, ele tinha um papel... intermediário entre a diretoria e, por exemplo, o Gil e a coordenadora do Disk-AIDS. E todos eles me deram muita força, né? Pra, pra assumir esse trabalho, e eu fiquei muito inseguro, durante o primeiro ano todo, eu tinha muita clareza de que o Gil fazia isso muito melhor que eu. (*risos*) Eh... e até durante um tempo, assim, eu...

DN - E o Gil, Alexandre, já estava fazendo esse grupo há quanto tempo? Você sabe?

AV - Ah, uns dois anos, pelo menos. ... Esse grupo, ele foi começado pelo Veriano. O Veriano Terto da ABIA foi quem... o Veriano é um fundador do PELA VIDDA também. E ele, ele foi quem começou a reunião de recepção, quem criou essa, essa idéia desse grupo. Que é usado em vários outros serviços e em outras instituições e tal, né? Onde você junta várias pessoas e avalia as demandas, todos, todos juntos e tal. E o Veriano foi

quem criou e o Gil recorria muito ao Veriano, eventualmente, porque o Veriano é psicólogo, também. E o Gil recorria muito ao Veriano pra buscar informações sobre... sobre... subjetividade ou como é que ele devia lidar com essa ou aquela situação, uma certa supervisão, né? E, aí, eu fiz o mesmo, assim, eu cheguei a conversar várias vezes com o Veriano. E... fui tocando.

DN - O Veriano ainda estava no PELA VIDDA, nessa época?

AV - É. O Veriano, ele, ele, na verdade, ele não tinha um cargo no PELA VIDDA, né? Ele participava muito ativamente das reuniões do grupo. Mas ele sempre foi formalmente vinculado à ABIA, né? Ele era um voluntário do PELA VIDDA e membro do Conselho de Curadores e ele é até hoje, membro do Conselho de Curadores. E... mas, ele não participa mais tão cotidianamente. Nessa época ele participava muito cotidianamente, até porque o PELA VIDDA e ABIA dividiam o CET, né? Nessa época. Já foi lá na Sete de Setembro. Não era no Jardim Botânico. Eu já cheguei no grupo... o grupo, logo depois da morte do Daniel e da, da mudança pra, pro Centro. E eu acho que foram duas coisas muito importantes da história do PELA VIDDA.

E... e aí, com isso eu comecei a me integrar cada vez mais no grupo, né? E ter uma função e ter de onde falar. Começar a ter uma experiência. E... uma vivência pessoal, né? Porque começaram aquelas coisas, não era mais como se eu não tivesse mais ninguém com AIDS; eu tinha vários amigos, agora, né? E... tinha o... a perda do Gil, enfim, tinha... a proximidade com várias outras pessoas que foram ficando... enfim, foram apostando, né? Na minha participação e tal. E eu acho que eu tive uma situação *sui generis*, porque o grupo foi muito convidativo, né? Na medida em que eu tava no lugar certo na hora em que o Gil morreu, assim, as pessoas... meio que... é abriram portas pra mim, que normalmente... eu acho que o Pedro não abre normalmente pras pessoas. Acho que pessoas têm que cavar um certo espaço pra lá, pra tá... lá fazendo... como na minha posição, por exemplo, que eu não sou soropositivo, não tinha ninguém próximo e tal. Eu acho que naquele momento era o mais complicado pra alguém, realmente, querer: “Ah, eu vim ajudar...” ou “Vim fazer uma pesquisa...” ou qualquer coisa assim (*sussurrando*), Se eu não tivesse tido essa, esse apadrinhamento, né? E... e era um trabalho que dava muito prazer assim. Eu gostava muito de fazer. E fiz. Fui responsável pela Reunião de Recepção, durante... pelo menos, um ano e meio sozinho e... depois o Vinícius veio me ajudar.... e... o Vinícius ficou me ajudando, eu acho que quase dois anos. Então, eu acho que eu fiquei, quer ver? De 93... até 96. Foram três anos e pouco coordenando a recepção.

DN - E essa reunião é toda semana?

AV - Duas vezes por semana.

DN - E tem dia certo?

AV - Duas vezes por semana, toda semana. É uma reunião... é a porta de entrada pro grupo, né? E é um espaço onde a gente... procura aliar a informação com... um espaço escuta pra quem tá chegando, e um mínimo de acolhida, um mínimo de... porque no caso da AIDS, especificamente, muitas, muito do sofrimento das pessoas tá ligado a má... a falta de informação ou a falta de uma referência ou a falta de... uma comunidade, uma falta de pertencimento muito grande. Então, a Reunião de Recepção, ela tem essa função de dizer: “Olha, você não está sozinho. Número um.” Foi por isso que eu sempre

fiz questão de manter essa reunião em grupo. Não fazer... plantões onde o atendimento individual seria feito e tal, isso a gente não fez. Nunca, por causa disso. Eh... em segundo lugar: ela tem um caráter... ela não é um trabalho de grupo terapêutico, (?) porque ela tem um caráter informativo muito grande. A gente informa as pessoas várias coisas que elas não sabem quando elas chegam no grupo. Ela tem um caráter didático mesmo.

DN - Quer dizer, na verdade, a pessoa vai nessa reunião uma vez?

AV - É.

DN - Quer dizer, é a porta de entrada do grupo.

AV - Ela pode até ir mais, se ela quiser. Mas...

DN - É, mas em geral vai uma vez pra...

AV - É. Uma vez.

DN - ...pra adentrar ao grupo.

AV - É. Exatamente.

DN - A cada reunião são pessoas novas?

AV - São, são pessoas novas e um universo completamente diferente. Que pra mim era muito estimulante, nesse momento, assim. Depois, eu enchi o saco. (*risos*) No início era muito estimulante. No final, né? Quando eu já estava pra sair... deixa eu explicar esse eu enchi o saco. (*risos*) Porque a reunião ela tem uma rotina que é repetida. Pra quem tá chegando é sempre a mesma reunião. É uma reunião sempre nova, é um universo novo que se descobre. Pra mim, era a mesma reunião há três anos. Obviamente, com nuances, mas a mesma dinâmica, as mesmas informações, a mesma função. E, aí, eu, tipo, eu já tava muito desestimulado, foi quando eu passei a coordenação pro Vinícius. E... e, aí... mas nesse momento era uma coisa que me dava muito prazer. E são pessoas que estão chegando, e você nunca sabia se era um psicótico que ia chegar (*risos*) ou se eram... e as situações mais loucas... assim, porque, efetivamente, a gente chegou a atender alguns psicóticos na reunião, e são reuniões muito complicadas, né? E não é... é um tipo de trabalho interessante porque você tem que, o que você abre ali, você tem que fechar ali. Você não pode dizer: “Olha, volta semana que vem pra gente ver isso.”, que é uma coisa do consultório, por exemplo. O trabalho do consultório você tem que, inclusive, abrir portas pra que a pessoa elabore e você sabe que ela vai voltar semana que vem mesmo, então, vai cheia de inquietação, (*risos*) resolve a sua vida, volta e a gente... trabalha aí semana que vem. Então, é uma outra... é uma outra perspectiva. Na reunião de recepção, não. É um espaço de apaziguamento mesmo, né? E isso era muito interessante, também, pra mim, porque eu tinha muito claro, que é uma coisa da clínica, né? O grande desafio da clínica é você ter a paciência de perceber a sutileza, ao longo do tempo, das mudanças no paciente, né? E do que que acontece... assim, no prazo de dois anos, você olha pra trás: “Bom, mas quando ele chegou as queixas eram essas, essas. Mas agora você não tá mais aqui.” Mas você não percebe o dia em que a coisa mudou. Porque a coisa não muda de um dia pro outro, né? Lá no PELA VIDA... até

porque eu acho que tem esse componente de informação muito grande e de pertencimento e de, e de... quebra do isolamento, que eu acho que é muito mortífero em relação à AIDS, tinha efeito imediato. A pessoa chegava desesperada, chorando e saía sorrindo e brincando e tipo com uma perspectiva de referência muito importante. Isso pra mim era muito estimulante, era muito rico... participar desse trabalho. E foi, assim... olha, foi uma experiência pessoal... maravilhosa. Em termos de, de contato com essas pessoas e de... e de o que eu não tinha de dimensão pessoal de ser afetado pela AIDS, eu, hoje em dia, eu não tenho o menor problema com isso, (*risos*) apesar de continuar não tendo ninguém soropositivo na minha família, de nunca ter perdido... eh... um parente com a AIDS ou... um companheiro ou uma companheira, sei lá, eu não tenho isso. E... não sou soropositivo, mas, eh... não só pelas, pelo o que eu acompanhei dos meus amigos, né? A partir do momento em que eu entrei no PELA VIDDA, mas pelo o que eu acompanhei da Reunião da Recepção. Eu ganhei uma experiência pessoal inacreditável. E... eu acho que foi muito legal. Foi, realmente, uma experiência muito boa.

Esse... aí, com tempo eu fui fazendo outras coisas no grupo, né? Porque eu não me interessava partic... fazer... eu nunca tive a postura de participar de um trabalho (*ruído*) dentro do PELA VIDDA, tipo: “Vou aqui, faço a minha recepção e volto pra casa. Vou aqui, faço a minha recepção...” Eu sempre tive muito integrado nas outras coisas. Então, eu ia a Tribuna, ia a reunião de terça-feira, participava de intervenções, de outros projetos, fui monitor do Disk-AIDS...

DN - Agora, Alexandre, ainda em relação a reunião de recepção e aconselhamento, eh... que você diz que... em suma, que as reuniões de aconselhamento são, também, é um espaço, pelo menos são espaços pra ações políticas. Que discussões seriam essas?

AV - Eu acho que tem... um lado que é o seguinte, que é o mais elementar, né? Você tem direitos. Você pode não saber, mas você tem direitos. Os seus direitos são esse, esse e esse. Isso é uma coisa. A outra coisa é que eu acho que o fato da gente não privilegiar uma postura profissional ‘Mesa - Usuário’, né? A gente privilegiar uma outra coisa, onde tá todo mundo sentado em círculo, onde todo mundo é... obviamente existe uma autoridade investida na pessoa que coordena, né? Mas, eh... e uma credibilidade *a priori* e tal. Mas, ali na Reunião de Recepção... o que uma pessoa diz pra outra pode ser muito mais importante do que eu digo. Eh... e as pessoas são estimuladas a participar uma das questões das outras, né? Então, eu servia em várias situações, porque eu que por exemplo... o Gil já não tava fazendo isso no final, que era se colocar muito pessoalmente, porque, ele achava que isso acabava atrapalhando a reunião e gerava uma certa idealização da figura dele. E eu, também, não falava nada da minha vida pessoal... na reunião. Então, as pessoas não sabiam se eu era soropositivo ou se não era, como é que eu me tratava, se eu me tratava, enfim. E, eh... então, eu, eu não tinha a experiência pessoal, pra dizer: “Ah, mas... quando você pode superar esse obstáculo por causa disso, disso ou daquilo...”, né? E eu falando, ficava uma coisa meio vazia. Mas, quando um falava que tinha superado obstáculo, aquilo dava uma perspectiva de atividade, né? Pro outro que era bastante importante. Eu acho que a recepção tinha isso. Ela era um serviço... ela é um serviço de aconselhamento, mas é um serviço de aconselhamento que não tem nenhuma proposta de passividade. Inclusive, as pessoas são estimuladas a falar e a partir dali a se engajar em outras coisas, também, né? E, claramente, era colocado: “Olha, esse grupo, aqui, é organizado por pessoas como você.” Que é verdade, né? “O que você vê aqui, não é um bando de gente boazinha que veio. É gente como você que resolveu fazer alguma coisa, né.” Eu acho que isso dava uma idéia,

também, pras pessoas a medida que elas viam que pessoas comuns tinham perspectivas diferentes de vida e ações diferentes de vida, que não precisava ser super-homem pra enfrentar a AIDS, eu acho que essa era a grande... virada da, da coisa. Não era assim: “Olha, aqui no grupo nós temos o Ronaldo, que é o presidente, que assumiu publicamente diante de não sei quantas pessoas.” Não era essa a idéia, entendeu? Assim. A idéia era... tipo, eu não precisava dizer: “Olha o exemplo do outro.” A pessoa via. Então, no momento ela descobria que ela não tava isolada de uma comunidade, né? Que essa comunidade podia ser ativa e podia ter conquistas. E que ela mesmo podia fazer parte disso. Então, eu acho que isso tem um componente político importante, né? Eh... e a gente tentava organizar a recepção de uma forma a estimular isso, né. Que não fosse, eh... um serviço onde você vem, recebe conselho e vai embora pra casa. Inclusive, o nosso trabalho nunca foi, né? O aconselhamento no PELA VIDDA nunca foi de dar orientações. Sempre foi um aconselhamento de dar informações e vamos, vamos explorar junto quais são as possibilidades, né? Então, porque, eventualmente, acontecia de alguém voltar pra conversar, individualmente, comigo, alguém que precisasse de uma atenção específica. - tem um mosquito aqui - alguém que precisasse de uma atenção específica. Então, nesse caso específico, também, não era assim, era muito claro... a proposta do PELA VIDDA não fazia recepção, porque a gente não tinha perna pra fazer psicoterapia. O que mais teve foi profissional de Psicologia querendo fazer psicoterapia dentro do grupo. A gente não queria fazer psicoterapia, porque seria uma coisa muito assistencial e...

DN - Esse ‘A gente não queria...’ era... isso era discutido na reunião de diretoria, isso?

AV - É. Isso foi discutido.

DN - Hum.

AV - Isso era uma proposta inicial, né?

DN - Hum, hum.

AV - E... e... eu tinha claro isso. E isso a gente discutiu várias vezes. A psicoterapia não é... porque as pessoas, porque se a gente tiver um departamento de psicoterapia no PELA VIDDA, a gente vai ter um segundo Jurídico, entre aspas. Porque o Jurídico ele tem uma característica, que é a característica de ser um serviço... que beneficia aquelas pessoas, eh... e essas pessoas, elas, normalmente, não participam do cotidiano do grupo. Isso sempre foi assim. A gente, inclusive, teve uma época, que a gente fez Reunião de Recepção só pro Jurídico. Tipo uma sala de espera, pra quem esperava atendimento, pra ver se a gente minorava isso, né? Mas, não... não foi... não deu em grandes coisas, não. (*risos*) Eh... até porque, era uma coisa complicada, porque dependia de muita disponibilidade minha ou que tava se voluntariando, na época, pra tá ajudando a fazer isso e tal. Mas, o Jurídico tem um diferencial. Quando eu ganho uma ação no Jurídico, eu posso tá beneficiando com jurisprudência com o alcance dos direitos...

DN - Os outros.

AV - ...o coletivo.

DN - Exato.

AV - Se eu melhoro a minha vida pessoal, eu não tô, necessariamente, fazendo isso. Então, o PELA VIDDA ele sempre tem essa questão: “Você é um. Você precisa... você é um indivíduo. Você tá colocado na sociedade. Mas, você tem questões que são suas, são subjetivas, são as questões com a sua família e a gente tá aqui pra te ajudar com isso, também.” Mas, a gente faz isso porque a gente ajuda... a uma... a gente abraça uma questão que é maior, que é mais ampla, né? Então, eu achava... que montar um ambulatório de psicoterapia não seria muito a cara do PELA VIDDA. Assim, como montar um ambulatório médico também não seria. Porque nunca foi o objetivo do PELA VIDDA oferecer assistência. (*pigarro*) E o objetivo do PELA VIDDA sempre foi também ter, eh... pessoas... ter essa característica, eh... de que eu tô aqui desse lado mais eu sou como você. Você podia tá aqui se você quisesse ou se você pudesse ou tivesse tido uma trajetória semelhante, enfim. Você tem essa identificação. Até por isso, até hoje, a gente não tem esse trabalho na recepção de: “Oi, eu quero conversar com a Cristiane...”, que é a psicóloga do PELA VIDDA - “Quero conversar com ele...” As pessoas tem muito esse vício, né? Então, é muito comum você ver um voluntário dizendo: “Olha, você tem que vir na reunião de recepção conversar com um Psicólogo...”, né? É comum você ver essa, essa, essa coisa do serviço. Mas a gente... eu, Vinícius, a Cristiane, a Cristiane eu nunca trabalhei com ela. A Cristiane entrou pra ajudar o Vinícius, né? Que é quem tá fazendo hoje. Vinícius e a Cris. Eles tipo não estimulam isso na reunião, né. Mas, isso é meio...

AP - Nessa questão com relação a ter ou não psicoterapia, né? No grupo. Surgiu por essa época, quando você entrou?

AV - Não. Eu acho que ela sempre existiu, assim. Mas, era alguma coisa meio tácita. Alguém me cobrou isso na época: “Ah, por que você não faz um atendimento lá e tal?” Isso era uma questão meio recorrente. Eu não sei, exatamente, quando foi que isso surgiu. Eu acredito que isso já tenha vindo antes de eu tá lá. Mas... quando eu... tava... como era um Psicólogo coordenando o serviço, eu acho que as pessoas tavam mais... a associação era mais fácil. Com o Gil fazendo, o Gil não ia atender ninguém. O curioso é que o Gil, ele... ele fez vestibular sem contar pra ninguém, antes de morrer, tipo um mês antes de morrer, um pouquinho antes de ficar doente. Não contou pra absolutamente ninguém. E... e foi lá fez a inscrição, não sei o quê, fez vestibular e passou pra Psicologia. E aí, morreu um mês depois. Mas, foi curioso, assim, porque foi um movimento tipo: “Ah, eu vou...” Ele descobriu que, realmente, ele ouviu as pessoas que disseram que ele fazia aquilo muito bem, que ele tinha todo, todo o perfil pra tá fazendo aquilo, não sei quê. Ele quis investir nisso, depois. Mas, aí... Enfim, a gente nunca teve essa perspectiva de oferecer um serviço, né? Profissionalizado nesse nível de ambulatório, não sei o quê. Até não tinha, nunca teve espaço físico pra isso, né? Nem muita vontade mesmo. Não era uma prioridade, assim.

DN - E a proposta do pertencimento é mais manifesta no grupo mesmo, né?

AV - É.

DN - O grupo facilita mais isso.

AV - É, exatamente. A gente, isso pra gente era vital, era vital.

DN - Você acha que é pré-requisito fazer essa reunião, eh... ser psicólogo, Alexandre?

AV - Não. Não. Mas, tem calhado... tem calhado. Eu acho que é um vício que eu inaugurei, na verdade. Outras pessoas já se propuseram pra me ajudar, eh... e ficaram um tempo, mas não ficaram sempre. Calhou das pessoas que se interessassem e ficaram... e que ficavam, efetivamente, terem sido os dois psicólogos, que é o Vinícius e a Cris.

DN - O Vinícius é psicólogo, também?

AV - É psicólogo, também. O Vinícius, ele estudou comigo na PUC. Ele era, tipo, dois anos abaixo de mim. E, assim, que eu me formei, eu já trabalhava quase dois anos no PELA VIDDA, eu fui lá na PUC, numa Quarta-feira Acadêmica, que era o espaço que convidavam profissionais pra virem falar das suas atividades. *(risos)* Eu fui falar do meu trabalho no PELA VIDDA. E foi muito curioso pra mim. Dois meses de formado: “Oi, tudo bom? Eu sou psicólogo, trabalho.... *(gargalhadas)*

DN - “Acabei de sair daqui...”

AV - “Acabei de sair daqui.” Foi hilário! Foi legal, foi muito gratificante, assim. Foi muito... e o Vinícius assistiu. O Vinícius... a gente já se conhecia, mas ele nunca tinha me ouvido falar do trabalho, conhecia de vista, assim. E, aí, ele me ouviu falar do trabalho e se interessou, veio me procurar e tal. O Vinícius é muito obsessivo. Assim, no sentido de ser certinho e tal. E, aí, tipo, eu achava que era mais um que ia falar: “Ah, eu vou lá conhecer o seu trabalho, de repente eu fico lá te ajudando.” Várias pessoas já me falaram isso, mas muita gente mesmo. E o Vinícius foi e ficou. E está até hoje. *(risos)* Quando ele diz: “Eu vou lá...”, eu acho que ele vai mesmo. Foi muito legal, porque a gente se afinou muito bem.

DN - Isso já tem vários anos. Você formou em 93. Ele tá lá o quê?

AV - Ele tá lá... desde... desde o meio de 93, por aí.

AP - Foi quem entrou com você, não? Depois, não?

AV - Não. Ele entrou tipo um ano e meio depois de mim, mais ou menos.

DN - Um ano e meio. Ele entrou em final de 92.

AV - É.

DN - Assumiu a coordenação em 93...

AV - Não. O Vinícius...

AP - Em 95, não foi?

AV - É. É. Em 94. O Vinícius entrou em 94, foi o ano em que eu me formei. Eu me formei em janeiro de 94. A minha formatura foi em janeiro de 94. Então, eu fui fazer essa palestra, lá, tipo abril, maio, na PUC. E o Vinícius começou a trabalhar comigo no segundo semestre de 94, por aí. E, curiosamente, a gente se afinou super bem, também.



E, aí, foi ficando... Mas, antes do Vinícius, eu já tinha tido ajuda de outras pessoas, que não eram psicólogos, que eram voluntários do grupo, que tinham se interessado pra fazer isso. Alguns, claramente, não tinham qualificação pra fazer. Tinha uma menina que foi quem, foi quem ficou fazendo a Reunião de, de, do Jurídico de quarta-feira, que foi muito legal, assim... e ela fazia direitinho, não sei quê, eu acho que era estudante de Comunicação. Mas, ela acabou não ficando porque se mudou do... foi morar em Minas, eu acho.

DN - Que também não era Psicóloga?

AV - Não, não era Psicóloga. Pois é, não é... assim, na verdade não é um pré-requisito, mas acabou ficando, né? Na verdade, a gente... o PELA VIDDA ele tem essa coisa assim, depende do que você se interesse por fazer lá dentro, e da forma como você se interessa, também, né? Então, efetivamente, o Vinícius se interessou por isso e a Cris se interessava por isso. A Cris se interessou por isso, também. Então...

DN - Agora, Alexandre tem o seguinte: claro que a gente leu alguns textos, que você escreveu (*risos*), dois boletins, né? Eh... e tem... lendo o 'CALEIDOSCÓPIO', exatamente, em que você fala, quer dizer, se referindo as reuniões de recepção e aconselhamento, você diz "que é como colocar a AIDS, com suas múltiplas representações, num caleidoscópio e poder percebê-la de novas formas." Fala um pouquinho mais sobre isso pra gente, quer dizer, principalmente, essa questão das múltiplas representações da AIDS.

AV - É. Eu acho que... o que me interessava na Reunião de Recepção não era impor... "Olha, você tem que ter AIDS desse jeito...", mas era, claramente, revelar essa multiplicidade... eh... porque a AIDS é uma coisa pra cada um, né? A AIDS na minha vida é completamente diferente da vida da Ana Paula, da sua vida, de quem quer que seja, de uma pessoa... que tá lá. Então, lá no PELA VIDDA, na reunião, freqüentemente, acontecia, eh... da... das pessoas se surpreenderem com a forma como o outro via a AIDS, né? E eu acho que isso tinha um aspecto muito importante, também, porque... contrastava com a idéia de que só existe um jeito de ter AIDS, que eu acho que é a idéia... 'Mãe do Aidético', né? Assim, do perfil, da identidade de uma pessoa vivendo com AIDS. Eu sempre tive uma questão... com, eh... a questão de identidade. Uma questão pra questão de identidade é ótimo? (*risos*) Mas é basicamente isso.

DN - Eu não entendi essa! O perfil da mãe do aidético, não entendi?

AV - Não, não. O aidético é uma idéia, que é mãe... da palavra aidético, porque o aidético... ele tem uma conotação de rótulo e de, consequentemente, de identidade, né? E... eu sempre... desde que... eu comecei a... esse estudo... de teóricos prévio a minha entrada no PELA VIDDA, eu sempre me interessei muito por essa questão da multiplicidade de identidades e de possibilidades, e achava que essa questão da identidade muito rígida era uma faca de dois gumes, né? Identidade de... ah, 'O soropositivo', ou "A pessoa vivendo com AIDS", ou 'O gay', ou 'O homossexual' ou... enfim, eu sempre me questioneei bastante isso, assim... e como isso era uma construção social e como haviam várias formas de lidar com isso... eh... isso pra mim sempre teve muito claro.

Então, na recepção, eh... a gente trabalhava com essa idéia, de que não tem um jeito de se viver com AIDS. Porque o mais doloroso, eu acho que quando se... alguém

se descobre soropositivo é pensar... que ser soropositivo significa... estar condenado, é... não ter mais direito a uma série de coisas, né? Eh... é como se a pessoa fosse... tirada do seu, do seu... do lugar que ela ocupa no mundo e reinserida num outro que é o universo dos aidéticos ou do soropositivo, do que que é ser soropositivo? Por que tem uma identidade... que foi se modificando ao longo dos últimos anos, mas que quando eu entrei pro grupo era uma coisa muito brutal, né? A identidade de ter AIDS. Era uma identidade de morte iminente, era uma identidade de falta de absoluta perspectiva na vida, de absoluta desconfiança em relação aquelas pessoas mais próximas... eh... de que forma elas passariam a te tratar, né? Era a grande pergunta, né? Meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus... meus amigos... o que que eles vão pensar de mim a partir do momento que eu revelo essa minha soropo...? Você, eh... tira absolutamente tudo... é como se você fosse jogado em outro planeta, onde você agora é o planeta dos aidéticos. Ser aidético é isso, só tem um jeito de ser, né? As pessoas tinham muito essa perspectiva de que você deixava de ser um profissional, deixava de ser um, um pai, deixava de ocupar um lugar, pra ocupar o lugar de aidético, de é uma pessoa que é doente e que praticamente não tem direitos, que tá relegada a uma clandestinidade e tal. Bom, quando a gente eh... na Reunião de Recepção estimulava que as pessoas falassem das suas histórias, eu acho que tinha muito essa função, que cada um se colocasse a partir do seu ponto de vista, da sua experiência e percebesse o quanto que não existia nenhuma fórmula de se pasteurizar aquelas pessoas, né? De se padronizar aquelas pessoas só pelo fato delas terem em comum o vírus, né? Pra mim, isso era uma questão vital, né? A única coisa que duas pessoas soropositivos têm em comum é o vírus, né? E algumas intercorrências, alguma, algumas pré-disposições pra determinadas intercorrências sociais, quer dizer, você tá mais sujeito a uma coisa ou outra. O resto tudo é construção de identidade, né? (*risos*) Isso pra mim era um, era um tema central da Reunião de Recepção. Era, era de que cada pessoa pudesse descobrir o seu jeito de viver com AIDS e não, necessariamente, ter que abandonar tudo o que ela era antes em função de um diagnóstico.

Inclusive, assim, pra, pra gente durante muito tempo, isso é uma coisa curiosa, eu achava que a recepção ela tava... ela era falha. Que a recepção atendia, sei lá, atende em média, tipo oito pessoas por semana, uma coisa por aí. E você não vê o grupo crescendo na razão de oito pessoas por semana, né? Essas pessoas, elas vêm uma vez e não voltam, a maior parte delas. E... eu olhava pra isso como uma falha da, da recepção. Eu olhava: “Mas... a gente não pega essas pessoas. A gente não fisga elas.” E hoje em dia, hoje em dia não, já do meio pro final do meu período de coordenador, eu já tinha isso mais claro. Que a função da recepção não era, necessariamente, só abrir e convidar as pessoas pra virem pro grupo. Mas dar uma referência pra aquelas pessoas, pra que elas tocassem sua vida, inclusive, fora do grupo, né? A recepção ela é importante independente... o trabalho feito na recepção é independente...

DN - Da adesão que se tivesse.

AV - É independente da adesão....

## Fita 2 - Lado B

AV - O trabalho da recepção, ele não é, necessariamente, de impor: “Olha, o Herbert Daniel pensava assim, nós pensamos assado e você tem que pensar igual a nós.” Absolutamente. Mas, era, efetivamente, de tentar junto com aquela pessoa, né? Levantar os recursos que ela ia ter pra lidar com esse problema, né? Porque, justamente, a AIDS

provoca uma crise tremenda, em quem se descobre soropositivo, na vida dessa pessoa. Mexe com, absolutamente, tudo. E ela se sente... devidamente desterritorializada. Então, era uma, era uma tentativa... a recepção eu acho que é uma tentativa de buscar o território de cada um, mostrando que: “Olha, tá vendo? O território dele é diferente!”, né? Foi muito curiosa uma vez que, eu vou te dar um exemplo clássico disso...

DN - E você percebe que isso funciona?

AV - Eu acho que sim.

DN - Bem?

AV - Eu acho que sim. Eu acho que é claro que tem limites. É evidente. Tem limites e são limites severos. É um encontro, né? Depois a pessoa tem que ir pra casa lidar com a mãe, com o pai, com o (*ruído*), com tudo que não tá na reunião muitas vezes. Mas, é um recurso, no primeiro momento, e eu acho que é uma referência, né? Uma referência, e... primeiro porque é um dos poucos lugares onde você tem informação que é pra você. Tipo assim, não é, tipo, uma informação: “Olha, as pessoas soropositivas têm direito a não sei o quê.” Não é isso. É tipo: “Ah, você tá preocupado como que você vai sustentar? Você já entrou pro auxílio doença?” A informação é absolutamente feita pra você. E se você não entendeu o que que é auxílio doença, eu vou te explicar 15 vezes, entendeu? (*risos*) Então, é, é muito diferente do papel de, de, de... uma campanha ou de qualquer coisa parecida em relação a informação, porque é uma informação que ela tá recortada pra tua situação. E eu acho que isso facilita a absorção dessa informação. E a utilidade dela, também. Em segundo lugar, eu acho que é um... (*pigarro*) é uma, é uma referência fundamental, no sentido de que eu não tô sozinho. Porque, a maior parte das pessoas contaminadas, que se descobrem soropositivos têm, exatamente, essa perspectiva: “Eu tô sozinho. Como é que eu vou lidar sozinho com essa merda na minha vida?” (*ruído*) Essa que é a grande idéia, né? Aí, você diz: “Olha, você não tá sozinho.” Aí, você começa a falar no que que tem organizado em torno da AIDS, que é um universo fechado! Só iniciados têm acesso, né? (*risos*) Quando você começa a ver o que que tá organizado, né? Você começa a ver que tem um texto que é... muito maior, e onde você... se não tiver... se aquela referência não te servir naquele momento, ela pode servir no futuro. Você sabe que em algum momento você pode precisar e usar aquilo, né? Além das informações todas que você recebe e... e da acolhida mesmo. Tipo, é um lugar onde as pessoas vão te tratar... não vão te tratar diferente porque você tem AIDS. Vão te tratar como uma pessoa... normal, né? Que você é! Então, isso era muito importante até.

Acontecem coisas... aconteceu uma coisa curiosa uma reunião, por exemplo que eu acho que é o exemplo dessa coisa da multiplicidade, né? Você vê, um cara virou pro outro, virou pro outro, virou e falou assim: “Ah, eu não posso contar pra minha mãe que eu sou soropositivo.” “Ah, você não pode contar, por quê, não sei o quê?” Aí, o outro virou logo e falou assim: “Ah, eu também não posso contar. Tenho o mesmo problema que você.” Aí, (*risos*) outro falou: “Ah, eu não posso contar de jeito nenhum, porque minha mãe vai ficar me paparicando, vai ficar enchendo a minha paciência, vai ficar de sopinha o dia inteiro atrás de mim.” O outro falou: “Ah, não! Eu não posso contar porque eu acho que a minha mãe vai me botar pra fora de casa.” (*risos*) Todos os dois tinham, exatamente, o mesmo problema, mas eram problemas, completamente, diferentes, né? E... enfim, isso a gente deixava muito claro na reunião, né? Ou vezes em que você tinha, isso era muito curioso, você tinha uma mãe de soropositivo e um

soropositivo que tinha problemas com a mãe, os dois na reunião, né? (*risos*) E como é que você organiza essa... (*risos*) essa... como é que você desenvolve estratégia de lidar com isso? E a gente sempre... sempre que um falava assim: “Não, mas você tem que fazer como eu faço com a minha mãe, que é isso, assim, assado.” A gente sempre marcava: “Olha, o que você faz com sua mãe pode não dar certo com a mãe dele, né? Tem que ver o que vai dar certo com a sua mãe. Agora, você pode ver que tem jeito de... tem jeito... de lidar com a AIDS.” A gente sempre dizia isso: “Olha, como é que você vai viver com a AIDS eu não sei. Mas, que dá pra viver, dá.” Né? Isso era uma coisa que a gente marcava, assim, pras pessoas, né? Principalmente quando tavam sozinhos, que não tinha o contraponto, né? Eventualmente, acontecia porque a reunião é aberta. Então, pode vir... uma pessoa pode ouvir dez, mas pode, às vezes, nenhuma. Então, você tem que lidar com aquela pessoa e você não tem o grupo pra te dar o suporte... dá sentido.

Então, basicamente, era isso que eu me referia assim essa multiplicidade de formas de resolver o problema, de não ter um manual de, olha “Como contar para os pais”, ou “Como resolver...” - A gente sempre frisou muito essa questão - ou “Como encarar no ambiente de trabalho.” Era sempre assim: “Qual é a tua solução? Qual é a tua estratégia pra lidar com isso?”

DN - E aí você ficou um ano, você tava falando, você ficou um ano e meio coordenando isso sozinho?

AV - É. Eventualmente, vinha uma ajuda daqui ou dali, né? O Emílio chegou a me ajudar, algumas vezes. O Emílio tá lá no grupo ainda hoje. Eh... essa menina, eu esqueci o nome dela... pode ser Patrícia. Ela é meio patricinha, então, pode ser Patrícia. (*gargalhadas*)

AP - Olha o preconceito!

AV - Ou não, ou não! Pode ser que eu tenha botando... Não, era Dani. Era Daniela, Daniela. (*gargalhadas*) Eu tava chamando a menina de Patrícia, porque ela era patricinha.

AP - Na época que você atuava nessa Reunião de Recepção, você tinha outras atividades ou não? Era só...

AV - Eu tinha, tinha. Eu, no início, eu trabalhava numa livraria... É, estudava, né?

AP - Não. Eu digo no grupo.

AV - No grupo, no grupo. Eh... eu... comecei a ter, porque eu comecei a precisar de dinheiro, né? Enfim, tava chegando perto da minha formatura, eu já tava com 22, 21 e tal... é. Por aí! 20, por aí. Eu informalmente trabalhava desde os 16 anos. 16, 17 anos eu, tipo, fazia uns bicos de... eu trabalhava... eu trabalhei muito tempo em livraria, né? Trabalhava em lançamento com 16, 17 anos. Então, sempre tinha um dinheirinho a mais, mas não era nada que me sustentasse.

DN - Numa livraria vendendo livro?

AV - É vendendo livro.

DN - E lançamento de quê?

AV - Lançamento de livro. Eu não era do *staff* da livraria, eu trabalhava só em dias de lançamentos, que eu estudava e tal. Então, era uns bicos, era uma graninha que eu tinha e tal. E a minha relação com os meus pais... com a minha mãe e com o meu padrasto no final da minha adolescência começou a ficar terrível. No início da vida adulta, assim. Muito ruim mesmo. E eles também foram ficando sem grana. A crise da classe média que atingiu todo mundo (*risos*), lá em casa chegou também. E, então, tipo na época da faculdade, eu tinha carro, quando eu comecei a trabalhar no PELA VIDDA eu ia de carro e tal. Logo em seguida, eu tive que vender o meu carro, né? Contenção de despesas, essas coisas foram, eh... saindo do rol. E, aí, a minha participação no PELA VIDDA foi coincidindo com eu precisava cada vez mais formalmente de dinheiro, assim, pra pagar conta e tal.

DN - E, aí, você já tinha casado?

AV - Não, não. Eu era solteiro. Eu casei em 96. ... Eu era solteiro. Mas, eu saí de casa antes de me casar. Eu saí de casa em 94, logo depois deu me formar, eu saí de casa. Eu saí de casa em maio. E, aí, eu tinha que me sustentar. Mas, antes disso, quando eu assumi a reunião de recepção, o Gil não ganhava nada. Ele era realmente voluntário. Um pouquinho depois deu ter assumido, tipo, eu assumi mais ou menos em março, que foi quando ele morreu, em maio eu... eu digo, maio, por aí, alguns meses depois eu fui conversar com a diretoria e falei: “Olha, eu tô com problema que eu preciso... trabalhar pra ganhar dinheiro. Então, ou bem eu vou trabalhar pra ganhar dinheiro onde eu fazia, eu trabalhava informalmente, que era uma livraria que eu ganhava de vez em quando substituindo férias de alguém ou trabalhando em lançamento ou, eh... vocês me dão algum tipo de ajuda de custo, aqui pra, pelo menos, custear as minhas despesas pra eu vir pra cá, enfim, transporte e tal.” E, aí, assim foi feito, eles toparam e tal. E, aí, eu comecei a ganhar... era pouquinho, tipo 100 reais, uma coisa assim, como ajuda de custo pra tá fazendo esse trabalho. E isso durante um tempo deu e tal.

E, aí, aos poucos, eu fui me envolvendo com outras atividades. Não só porque eu tinha interesse em... ter mais renda, e isso começou, começou a virar uma coisa profissional, assim, pra mim. Uma especialização, na verdade, eu fui me especializando nessa linha, né? Nesse trabalho com AIDS, com sexualidade, parará... Então me ofereceram... e também porque precisavam de gente capacitada, conhecida, que já tivesse, mais ou menos, envolvida com o tema e tal, com nível universitário, pra algumas atividades. Então, eu comecei a trabalhar como... eu comecei, na verdade, trabalhando como monitor do Disk-AIDS. Que não ganhava nada é claro, né? Eu era voluntário, mas esse foi a minha primeira atividade paralela no grupo. Depois, me ofereceram um papel que na verdade não era... foi isso mesmo? Deixa eu tentar lembrar cronologicamente. Eu acho que foi. Foi. É na pesquisa do Richard. Foi isso. Na pesquisa do Richard Parker. Que era uma pesquisa que não era do PELA VIDDA Era o VMS da ABIA. Eu já tinha participado de algumas discussões do projeto HSH, que era o projeto HOMENS FAZEM SEXO COM HOMENS, que era uma parceria do PELA VIDDA com a ABIA. E... porque era o *staff* do PELA VIDDA. E o *staff* do PELA VIDDA participava ativamente dessas, dessas discussões. Então, eu tinha participado...

Tá frio pra você? Não? Se tiver a gente... Não? Tá pra você? Não? Eh... eu sou friorento.

Então, eu já tinha participado de algumas atividades desse projeto, mas, não tinha

nenhuma ligação formal com o projeto. E o Richard precisava de alguém pra ajudar ele na pesquisa, de um auxiliar de pesquisa, pra pesquisa do MS da ABIA ligado ao HSH, que era uma pesquisa de práticas de comportamento sexual pra população homo e bissexual. E, aí, eu comecei a ajudar ele nessa pesquisa... e essa foi a minha primeira atividade, assim. Eu trabalhei, mais ou menos, seis, sete... mais de seis meses, eu acho, eu acho que uns oito meses com essa pesquisa, não sei, exatamente, se foi isso, se foi um pouco mais ou um pouco menos, de seis a oito meses, uma coisa assim. Não chegou a um ano. Foi legal, mas eu tipo não... não era, exatamente, o que eu tava a fim de fazer. E era uma coisa que eu não sabia fazer, então, o rendimento não foi lá grandes coisas e... .. enfim, acabou que essa atividade de pesquisa não, não, não se desenrolou na minha vida e nem eu continuei tendo muita parceria...

DN - Mas essa, essa pesquisa você faria, você fazia o quê, exatamente?

AV - Eu era... eu ajudava... eu ajudava a coordenar as atividades de campo da pesquisa. Junto com o Murilo que era um outro cara que tava... depois ele foi fazer mestrado na ENSQ, mas nessa época eu acho que ele trabalhava no... no... lá na UFRJ.

DN - Na Fluminense?

AV - Não. Ele trabalhava na UFRJ, no... NESQ.

DN - Hum.

AV - Eh... ele era uma cara do NESQ, que interessou, tanto que veio fazer a pesquisa com a gente. Então, o Murilo mais coordenava e eu meio que dava suporte pra ele, coordenando as pessoas que faziam as entrevistas. Porque, eram entrevistas, eh... relativamente longas. Era um questionário de duzentas perguntas sobre... escrutinando, eh... eh... a vida sexual dos usuários, né? Dos usuários não. Dos...

DN - Dos pesquisados.

AV - Dos pesquisados, da população... pesquisada. Dos sujeitos. Era assim que ele dizia. (*gargalhadas*) Do usuário, do sujeito. E, aí, era, basicamente, sobre isso e sobre práticas seguras, e alguma coisa de construção social e tal. E essa pesquisa se juntava toda uma particularidade que o Richard já tinha feito em outro momento. Eh... e a gente fez essas entrevistas, eh... a gente coordenava... Então, coordenava, basicamente, a parte de logística da pesquisa, e ajudei a fazer alguma coisa do relatório que foi tabulado por uma empresa de estatística e tal, mas, a gente acompanhou uma parte de análises de dados, eu ajudei a fazer, também. E... mas nessa época tinha uma coisa complicada, que eram as relações entre o PELA VIDDA e a ABIA. Que nessa época já não eram, já não eram... desde que o Daniel morreu já não era nenhuma lua de mel. E, aí, eu tava meio que num fogo cruzado, porque eu trabalhava no PELA VIDDA, tinha esse vínculo com a reunião de recepção e, ao mesmo tempo, eu trabalhava na ABIA, na pesquisa. E... assim que a pesquisa, mais ou menos, acabou...

DN - Mas, várias, várias pessoas também, né? Trabalhavam nos dois?

AV - Muitas pessoas fizeram isso. Muitas pessoas.

DN - O Veriano...

AV - O Veriano, eh...

DN - O próprio Stálin não trabalhou na ABIA também?

AV - O próprio Stálin. O Stálin era coordenador na ABIA e presidente do PELA VIDDA, paralelamente. É, eu acho que eu fui tipo o último dos moicanos, nesse sentido. Ou pelo menos, fui da geração dos últimos que fizeram isso. Porque, na verdade, as relações foram ficando cada vez mais tensas, então, na verdade, não era uma posição muito confortável tá trabalhando com o Richard. Eu não era exatamente alguém que ia crescer muito nessa atividade, (*risos*) porque eu tava muito ligado ao PELA VIDDA. E o PELA VIDDA o Richard não, não tinha muita proximidade. E...

DN - E essa tensão, essa tensão você percebe se era por conta de como, eh... encaminhar a, a ONG?

AV - Era, claramente. Era... porque o PELA VIDDA, ele tem... a origem do PELA VIDDA, eu acho que ela é... um complicador, eh... estrutural nessa relação. Porque, o PELA VIDDA começou na garagem da ABIA, literalmente, e no sentido simbólico, também, né? Então, tudo bem que o PELA VIDDA foi, eh... a grande paixão do Daniel e a grande... o plano dele então não era, exatamente, uma posição de garagem, mas era uma coisa que tinha uma importância, mas ele começou na garagem da ABIA. Então, eh... a ABIA tava muito acostumada a dispor do PELA VIDDA como bem entendesse. Até porque, o Daniel era quem tocava a ABIA e quem tocava o PELA VIDDA. Então... não tinha essa questão, né? Não tinha essa dicotomia, propriamente. Era uma relação muito... umbilical, assim, na verdade. E... quando o Stálin assumiu... quando o Daniel morreu, o Stálin assumiu a presidência, essa tensão começou... a ficar cada vez mais complicada. Por quê? Porque quem assumiu a ABIA foi o Richard e a Jane. E o Richard e a Jane não tinham nenhuma relação com o PELA VIDDA. Fora a vizinhança, né?

DN - Hum, hum.

AV - E eles eram as pessoas fortes da ABIA, não era o Stálin. Então, não era como na época do Daniel que tinha a pessoa forte da ABIA e, ao mesmo tempo, a pessoa forte do PELA VIDDA. E uma unanimidade, a pessoa mais carismática do mundo e um líder de todas aquelas... o líder de todas aquelas pessoas, né? Então, ainda tinha essa coisa de o Daniel não só era uma pessoa... que tinha uma posição confortável pra tá gerindo as duas instituições, como também, um líder pras duas, pras pessoas das duas instituições. E... isso era uma coisa muito clara. Com a morte dele, o Stálin não era um líder dentro da ABIA, e a Jane e o Richard não eram líderes do PELA VIDDA. Embora, nessa época, ainda tivesse muita gente que fizesse parte das duas instituições. O Zé Carlos era funcionário da ABIA e era membro do PELA VIDDA. É... vários funcionários da ABIA freqüentavam o PELA VIDDA, não só os soropositivos. Eh... o Stálin, também, enfim, como coordenador da ABIA e presidente do PELA VIDDA, mas ele tinha tipo um expediente na ABIA e vinha pro PELA VIDDA mais pro final da tarde pra noite, que era quando ele despachava e fazia curso. E, enfim, tinham várias pessoas, tinha o próprio Veriano, tinha uma participação freqüente...

E o que aconteceu com o HSH era que... esse projeto, ele era muito importante, e muito... ele tinha muito dinheiro. Que ele era financiado por várias fontes diferentes. E

esse financiamento ficava nas mãos da ABIA. Então, as desigualdades na parceria, elas começaram a se acentuar muito com o advento desse projeto. Porque a gestão do dinheiro, ela era estrategicamente determinada pela ABIA. E, inclusive, isso foi o pivô da ruptura final, PELA VIDDA acabou saindo desse projeto em função disso, em função da falta de autonomia em relação ao projeto. E, eh... o PELA VIDDA... (*ruído*) ele t... ele era um tanto dependente da ABIA no sentido da... da ocupação da sede, de uma série de coisas, né? O PELA VIDDA, nesse momento não tinha financiamento específico pra, pra custear a sua sede. E isso fazia da gente dependente, então a gente tava meio à mercê, ao mesmo tempo. Então, tinha uma série de coisas muito complicadas. Além do histórico, que era meio complicado, porque se você nasce de dentro de uma instituição, essa instituição pode dizer que você é um projeto dela que deu certo! Né? O que era uma coisa muito complicada pro PELA VIDDA sendo uma instituição autôn... autônoma e já desligada é da, da... com coordenação completamente autônoma e independente da coordenação da ABIA, ter que se deparar com documentos onde: “Ah, vocês são da ABIA/PELA VIDDA?” ou a ABIA, “O PELA VIDDA é um projeto da ABIA...” ou coisas semelhantes a essa (*risos*).

Então, isso ia intensificando, além de que, em relação a esse projeto, especificamente, havia um complicador que era a questão financeira, né? Onde... e com o projeto algumas pessoas saíram do PELA VIDDA, porque o Stálin era difícil, porque a Cristina Câmara era uma pessoa difícil, que era coordenadora de projetos, né? A diretora de projetos. É... pessoa difícil, enfim, que é firme, porque é muito... cobradora e eventualmente muito ríspida em algumas posições. Então, algumas pessoas saíram do PELA VIDDA alegando isso e foram se empregar na ABIA. Então, esse projeto HSH, ele viu acontecer isso, várias vezes, né? No meu caso não, porque eu não abandonei nenhuma função do PELA... eu não abandonei a minha função do PELA VIDDA. Pelo contrário, quando eu fui trabalhar na ABIA, eu coloquei como pré-requisito... na verdade, eu fui trabalhar pro IMS, né? Não trabalhava direto pra ABIA. Trabalhava na ABIA para o IMS. (*risos*) Eu... eu coloquei como pré-condição que eu não... poderia... os horários da Reunião de Recepção tavam resguardados e que eu não ia abandonar isso, não importa o que acontecesse em relação ao trabalho, ao acúmulo de trabalho em relação à pesquisa. Então, isso foi um diferencial eu acho que em relação a maior parte das pessoas, porque, inclusive, tinha muita gente que, como a Kátia que foi a pessoa que me introduziu, que tinha interesses acadêmicos numa proximidade com o Richard. Que a ABIA tinha essa ponte com a Academia muito intensa e o PELA VIDDA não tinha. Então, para algumas pessoas isso era muito... era, era uma porta de entrada muito interessante. Pra mim não era, exatamente. E eu não me dava muito bem com o Richard, também.

DN - E você percebeu também que, de repente, a pesquisa não é o... em suma, não é uma coisa... que te interesse mais, né?

AV - Não é o meu forte. É. Não é o meu forte. Então, com isso eu fui participar desse negócio, mas eu era, claramente, ainda era um membro do PELA VIDDA. Muito claramente, assim, não era um funcionário da ABIA, não. As pessoas não tinham muito... era sempre ‘o Alexandre do PELA VIDDA’, sabe assim? (*risos*) E eu era muito apaixonado pelo PELA VIDDA. Já entrei nessa, nessa, nessa situação muito... muito pendendo prum lado. Eu já tava completamente... viciado. Aí, depois disso quando a pesquisa acabou, eu fui trabalhar no projeto HSH, porque o Renato tinha ido pra ABIA. Então, abriu uma vaga no HSH, e a Cecília, que era uma pessoa que não era de muita confiança do PELA VIDDA, enfim, acabou saindo do grupo, e eu... vagaram duas vagas



de assistente dentro do projeto, porque tinha uma parte que era do projeto... tinha um coordenador da ABIA e um coordenador do PELA VIDDA e um coordenador do PELA VIDDA de São Paulo, que era o terceiro braço do projeto, e o Richard era o coordenadorzão. E o coordenador pela ABIA era o Veriano e o Renato, que era o coordenador pelo PELA VIDDA, porque brigou com Cristina foi trabalhar como coordenador, o coordenador da ABIA no projeto. *(risos)*

AP - Esse Renato é o Cameron?

AV - Renato Cameron. E... e eu fiquei como assistente, eu e o Gerson, que tá no grupo até hoje. Gerson dos Santos, trabalha no projeto PRAÇA ONZE, a gente era os assistentes e a Kátia, que foi a pessoa que me introduziu ao PELA VIDDA era a coordenadora. E...e aí eu fui trabalhar nesse projeto. E esse projeto foi muito legal, porque ele, ele me, o projeto, enfim, a nossa atividade era meramente burocrática, não era muito interessante, era legal, mas nada demais, não era nada que me estimulasse deveras assim. Mas, aconteceu uma coisa muito legal que no início do ano, no início de 94, no final de 93 veio um questionário da USAID, pra que a gente aplicasse pra uma capacitação. Então, todo mundo aplicou... uma par... porque ninguém nem sabia direito o que que era. Mas, como era uma coisa ligada ao projeto e eu trabalhava na pesquisa, assim, várias pessoas tinham se interessado...

DN - Como é que é? Veio um questionário da USAID?

AV - É, um questionário, que era uma ficha pra você aplicar, aplicar pra você concorrer... aí, ia haver uma seleção entre aquelas fichas prum curso, que ninguém sabia direito o que que era.

DN - Hum.

AV - Ia ter um curso que a USAID tava pagando... A USAID era um dos financiadores do projeto HSH. Então, todos os financiados dela receberam isso. E entre os financiados ia ser feito uma escolha de quem é que ia e quem é que não ia pro curso. Então, todo mundo aplicou. Todo mundo que tinha alguma vinculação com o projeto, eu porque, por causa da pesquisa e o pessoal que tinha vinculação com o projeto por causa da, da... porque era assistente do projeto mesmo e tal, e coordenador do projeto aplicaram o questionário... preencheram o questionário e concorreram pra ganhar isso. E eu no início de 94... *é? (ininteligível)* soube que eu tinha ganho. Eu que tinha sido a pessoa escolhida pra ir pro, pro... que era um curso na Califórnia de um mês sobre elaboração e implementação de projetos na área de AIDS. E eu fui pra esse curso em agosto de 94. Que coincidiu com a época da Conferência do Japão. ... E o PELA VIDDA, ele tava perigando não ter nenhum representante pra Conferência do Japão, porque a gente não tinha conseguido custeio pra, pra ter eh...

DN - Pra mandar gente.

AV - ...a passagem de alguém e tal. Então, eh... o Ronaldo tava quase certo que ele ia, mas ele ainda tava tentando levantar os recursos da passagem. E, aí, como eu tinha uma passagem até os EUA o pessoal me propôs: “Ah, por que que o Alexandre não vai? Porque é uma forma de garantir alguém que vai apresentar o nosso trabalho em poster no Japão. E aí, a gente só paga a diferença da passagem entre... São Francisco e...”

DN - Que deve ser bem mais barata, né? Dos EUA...

AV - É, bem mais barata.

DN - ...pro Japão do que daqui pro Japão.

AV - É, na verdade, a minha passagem era, Rio/Japão, Rio/Tóquio com escala em São Francisco de um mês. (*risos*) Então, a USAID que era a financiadora do curso, né? No caso era a Associação de Saúde da Família de São Paulo, a Maria Eugênia topou pagar, eh... a passagem equivalente ao que seria. Então, foi tipo uma diferença de 400 dólares, de 500 dólares. Então, pro PELA VIDDA foi vantajoso. E eu fui representando o PELA VIDDA junto com o Ronaldo. O Ronaldo acabou indo pro Japão... Então, foram duas coisas que marcaram muito essa minha trajetória... profissional, né? Dentro do grupo. Uma foi ter ido pro Japão que foi uma experiência fenomenal e outra ter feito esse curso. Foi também uma experiência muito, muito rica. E o curso me capacitou pra função que hoje eu tenho no PELA VIDDA. Que é a função de coordenador de projetos, porque...

DN - Alexandre...

ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA

Data: 04/05/1998

### Fita 3 - Lado A

DN - Vamos dar início a segunda etapa da entrevista com Alexandre do Valle Silva do Quental de Menezes. Hoje são quatro de maio de mil novecentos e noventa e oito. Estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Alexandre na... na vez passada da entrevista, quer dizer, eu tava querendo antes de retomar, assim, um fio mais linear da sua trajetória, tem... duas questões que eu acho são muito importantes que a gente gostaria, em suma, de saber a sua opinião. Uma delas é a questão das drogas. Você fez um curso, não é bem um curso, né? É um treinamento, eh...

AV - Hum, hum.

DN - ...para a prevenção da AIDS entre os usuários de drogas injetáveis. Isso bem no início do seu envolvimento com a questão da AIDS, né? E na vez passada, também, você tocou assim muito de passagem que apesar de não ser... na sua adolescência, em suma, um rebelde sem causa, mas você, também, não era uma pessoa que seguia... um padrão, né?

AV - Hum, hum.

DN - E, inclusive, em relação a questão de drogas. Você usou drogas ou não usou, em suma, não, não... não se referiu nem a que droga, mas de alguma forma é droga, né?

AV - Hum, hum.

DN - Quer dizer, você teria alguma experiência em relação a isso. Eu não sei também se na clínica, você tem alguma experiência com pessoas que são usuárias de droga, em suma, a dificuldade de se liberar dessa, dessa... da droga e a efetividade, na verdade, de uma... de um trabalho de prevenção... da AIDS entre os usuários de drogas injetáveis.

AV - Tá. Bom, eh... começando pela questão do curso... O curso, ele foi... eu me lembro bem da situação, era uma situação onde, eh... sempre, a gente sempre trabalha no PELA VIDA e isso era a tônica naquele momento também tentando dar oportunidades pras pessoas novas tarem se capacitando numa determinada atividade, eh... que no momento ou não tenha ninguém envolvido ou que quem ta... taria, em princípio, envolvido, não tem disponibilidade de tá participando. Então, se surge uma oportunidade de treinamento de capacitação, isso é sempre oferecido pra quem tá mais perto, quem tá mais interessado, né? Eu nessa época tava muito ativo no grupo e me ofereceram essa oportunidade de participar desse curso. Eh... eu tenho uma visão, assim, nada conservadora em relação as drogas. Eu acho, eh... eu não sou, absolutamente, a favor de, de... do uso de drogas, não recomendo isso pra ninguém, mas eu também não, não condeno quem use e acho que pode ser até uma experiência interessante, eventualmente, né? É claro que a dependência causa muito sofrimento e isso é uma outra questão, né? Eh... lá nesse curso... o curso era, principalmente, enfocando a questão de redução de danos e não de prevenção ao uso de drogas, né? Mas prevenção ao abuso de drogas. E isso eu acho que é um enfoque bastante interessante. É o enfoque que mais me atrai

nessa questão, porque eu acho que é menos moralista e mais... ele aceita mais a realidade (*risos*) como ela é e procura intervir sobre ela, né? Você não vai tentar convencer uma pessoa, eh... que pare de usar droga por medo da AIDS, porque isso não faz nenhum sentido, e é muito pouco eficaz, já foi tentado de diversas formas e é, absolutamente, ineficaz, né? Além de não fazer sentido e ser uma forma de controle. Eu acho que usar a AIDS pra isso é uma forma... de controle social sobre essa prática. Então, eh... nesse curso a gente trabalhou muito em cima da questão de redução de danos, era uma professora australiana que trazia uma experiência da Austrália, que é uma experiência muito *sui generis*, né? Eu acho muito difícil de ser aplicado no Brasil. Eh... eu participei desse treinamento... e depois do treinamento a gente chegou a realizar um Seminário sobre AIDS e Droga em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde, o qual um dos organizadores pelo PELA VIDDÁ... eh... Por um lado foi muito bom e tal, mas tem uma dificuldade muito grande das pessoas se envolverem com isso aqui no Rio. Por várias razões. Eu acho que uma das razões é a pouca visibilidade que os usuários de droga injetável, que é o que interessa pra AIDS, têm no contexto carioca. Isso é muito pouco visível. Eles não estão nas instituições, eles não estão no serviço de saúde, eles estão, raramente, e isso é uma parte pequena dos usuários do NEPAD. Que é um dos centros de referência dos usuários...(muito ruído)

DN - Que é o da UERJ, né?

AV - Que é o da UERJ.

DN - Hum, hum.

AV - Então, você tem muita dificuldade de chegar, de mapear e de ter claro qual é o perfil dessa população. Eh... eu acho que a experiência australiana, ela é interessante, porque além do uso de droga injetável ser muito visível lá, principalmente, ligado a questão de heroína, que no Brasil é mais ligado a questão de cocaína, eh... você tem uma, um fator que eu acho... fantástico que é a organização dos próprios usuários, defendendo o seu interesse, os seus interesses, no caso. E com esse tipo de mobilização política, que eu acho que é o que sustenta o PELA VIDDÁ, que é essa mobilização espontânea por parte das próprias pessoas afetadas, eu acho que é muito mais fácil você ter uma compreensão mais... realista do problema e mais efetiva... e aliado a essas pessoas ter uma intervenção menos violenta em relação a esse tema, né? Violenta no sentido de não ser... não exercer controle autoritário sobre o uso de droga, e sim é... oferecer meios pra que aquelas pessoas possam se prevenir. Eu acredito plenamente numa efetividade possível das campanhas de prevenção pro usuário de droga... Eu acho que o exemplo australiano, o exemplo, eh... holandês deixa isso claro, assim, você tem um impacto quando você faz uma campanha decente...

DN - O que que eles propõem... na realidade?

AV - Eles propõem a troca de seringa, né? Eh... enfim, você pega a seringa usada e dá uma seringa nova, duas seringas novas, mas você faz isso de uma forma muito próxima do que é a cultura do usuário. Você não pede pro usuário vir até o seu serviço. Você monta um posto móvel que vai até os lugares onde as pessoas... seria o equivalente a nossa 'boca', né? O lugar onde as pessoas ficam se picando e vai lá, e com pessoas que têm relação com aquela população, né? Muito próxima, você faz essa intervenção. No Brasil, isso é muito complicado porque você primeiro, eh... com a questão da

criminalização excessiva, né? E a repressão policial muito em cima, fica impossível de você trabalhar... muito próximo dos locais. Além disso, tem a questão da violência, né? O tráfico de drogas no Brasil, ele tem... uma... um regime de, de... militar quase que... não pára, no meio da comunidade, que eu acho que torna muito difícil você chegar até o traficante ou, ou quem é... os locais onde as pessoas normalmente vão se encontrar. Porque o usuário de droga vai se encontrar perto de traficante, (*risos*) você não vai encontrar ele, eh... muito longe de onde tá a droga, né?

Então, eh... com essa dificuldade fica muito complicado. E os usuários, realmente, não têm nenhuma tradição de organização, de defesa de direito, de nada disso, né? De acesso a serviço de saúde específica... As pessoas, assim, acham que têm um acordo tácito, no Brasil, de que o usuário de droga é um saco, de que eles nunca querem ser tratado, de que eles nunca querem fazer nada, então, é melhor não fazer nada mesmo. Tem uma coisa curiosa que o PELA VIDDA, ele sediou um dos primeiros grupos de usuários de droga, no Brasil. Inclusive, o Fábio Mesquita que é uma das autoridades no assunto do Brasil, ele fala disso. Antes deu tá no grupo, isso aconteceu, um casal soropositivo, que era usuário de droga e tal, eram ex-usuários, entre aspas, e eles coordenaram um grupo de convivência dentro do PELA VIDDA, que era, especificamente, pra quem tava afetado pela questão da droga. Isso durou uns seis meses e nunca mais voltou a acontecer. Tem algumas pessoas no PELA VIDDA que... a gente até pode lançar a hipótese de que elas tenham se contaminado via droga, mas elas não falam disso abertamente, ninguém fala disso abertamente. Então, ainda... eu acho que o tabu é ainda maior do que o tabu de sexualidade.

Então, sem essa visibilidade, sem a possibilidade de diálogo já estabelecida, né? sem a possibilidade de defesa de direito e de cidadania pra esses usuários, eu acho que é muito difícil você fazer qualquer campanha de prevenção efetiva. Eu acho praticamente impossível. E, aí, é aquela velha história: são os desafios que a gente tem que superar pra gente poder fazer uma campanha de prevenção decente, eh... vão ser muito difícil, vão ser muito grandes. Agora, em relação a como isso tá hoje no trabalho do PELA VIDDA, isso tá como, praticamente, sempre esteve... tá absolutamente incipiente. Uma discussão que a gente acompanha a distância... não se compromete e não procura, eh... tentar resolver isso, primeiro porque a gente não tem... as pessoas afetadas pela questão dentro do grupo. Então, seria uma coisa meio artificial se a gente quisesse fazer alguma coisa, seria muito... uma postura muito interventora, assim, né? Numa realidade que pra gente é meio distante. E, efetivamente, o grupo não parece ser um lugar atrativo, atraente pro os usuários. Eu não sei porquê. A gente não tem nem contato com os usuários pra saber exatamente o porquê. (*risos*) Mas, isso é o que aparenta. Então, efetivamente, não faz praticamente nada nessa área, além de acompanhar vivamente a discussão, promovermos encontros, eventualmente, fazer alguma coisa no Boletim e tal. É uma discussão... que fica no limbo, eu acho.

DN - É, o próprio Francisco Inácio, né? Que é quem trabalha...

AV - Hum, hum.

DN - ...especificamente com usuário de droga injetável, disse que é muito difícil, eh... acessar o universo do usuário de drogas.

AV - É muito difícil.

DN - Usuário de droga injetável.

AV - É.

DN - Até pela, pela importância da droga injetável aqui no Rio mesmo, que é menos do que em outros...

AV - Menos do que em outros Estados.

DN - ...em os outros Estados. Ele falou que se a AIDS fosse transmitida pela, pela maconha, por exemplo...

AV - Ahm, ahm.

DN - ...seria uma tragédia.

AV - Seria. Ou pela cocaína inalada, também.

DN - É. Mas a droga injetável, já é mais difícil mesmo.

AV - Já é bem mais... é muito difícil. Eh... assim, a gente se aproximou, namorou esse tema durante esse tempo, posterior a esse treinamento e tal. E é até um tema que me interessa, assim. Agora... eh... em consultório eu nunca tive experiência, quando eu fazia estágio, eu tive alguma experiência com gente usando a droga. É muito chato, na verdade. Eu acho que eu não tenho muita paciência pra trabalhar com isso não. Eu acho as pessoas chatas, elas são meio... constantemente agressivas e não me dá muito prazer não. Eu não, não sou do tipo... quando normalmente assim funciona, né? O tipo de intervenção que funciona com o usuário de droga no sentido psi da... o tratamento do abuso de droga, que normalmente é muito... o que eu vi funcionar é tipo... uma adoção, quase um seqüestro terapêutico (*risos*) da vida daquela pessoa. Você põe acompanhamento, você põe clínica, eh... eh... você tem um, um... terapeuta que vai colocar a família em terapia de família, vai botar o cara com acompanhamento de 24 horas. E vai começar a participar de todas as decisões da vida daquela pessoa, tipo o colégio que vai estudar, que tipo de trabalho que vai ter, eh... quais seriam... quais são as permissões... Isso o que eu já vi funcionar. E mesmo assim, a taxa de, de sucesso é mínima. É tipo, sei lá, 30% das pessoas, que passam por algum tipo de intervenção terapêutica, realmente, ficam sem usar a droga ou sem deixar que isso afete a sua vida de uma forma sistemática.

DN - E nesse, nesse treinamento eles... quer dizer, quem, quem fez o treinamento vivenciou alguma situação, eh... mais próxima com o usuário de droga, não?

AV - Quem deu o treinamento?

DN - É, quem... não o próprio treinamento, ou através de vídeo, em suma uma oficina em que possibilitasse uma proximidade maior?

AV - Com o tema. Com o usuário mesmo, não, né? A gente tinha um perfil muito diverso ali no, no, no... local do treinamento. A gente tinha gente desde de clínica de recuperação, que é uma vertente muito comum, né? Principalmente, ligada a questões religiosas. E que eu acho, pessoalmente, uma vertente equivocada. Eu acho que,

normalmente, é muito pouco eficaz esse tipo de intervenção. Eh... pelo menos isolada de questões de cidadania, né? Mas quando isso tá aliado a questões de cidadania, eu acho que pode ser mais interessante. E... lá a gente tinha muita gente que tinha um trabalho muito próxima com usuários de droga, principalmente, em São Paulo. Muita gente, mesmo. E, aí foi interessante ouvir a experiência dessas pessoas, foi muito enriquecedor. Mas é... como eu tava te falando, eu acho tem um perfil, também, pra trabalhar com usuário de droga, com esse universo, nem eu tenho e eu acho que o grupo PELA VIDA não tem... no momento, pelo menos. Pode até ser que mudando alguma coisa no *staff*, mais fundamental, isso muda. Mas, eu acho que a gente não tem. A gente... eu cheguei... na época em que fiz consultoria pro Ministério, eu cheguei a visitar o projeto em São Paulo, em Osasco, que trabalha com usuário de droga. Bem interessante. Mas ali tinha essa... o cara que coordenava era ex-usuário, tinha um esquema de casa de apoio e tal, e, e tinha regra clara de pra tá lá tinha que ter parado completamente de usar droga. Então, você tinha o tratamento da AIDS aliado a uma desintoxicação e o tratamento do uso de droga, porque lá era um lugar grande, uma área meio rural e tal. Então, tinha muita coisa, um trabalho braçal pra fazer, as pessoas ficavam meio envolvidas, mas era, meio fechado, também. Com o tempo a pessoa ia ganhando direitos, né? Enfim, passar bem, tá fazendo coisas e tal. (*sussurrando*)

DN - A medida que fosse liberando da droga?

AV - A medida que fosse liberando, fosse ficando uma situação mais estável em relação ao uso da droga.

DN - Hum, hum. Ô, Alexandre a outra questão, eh... que, também, foi tocada, né? Na vez passada, na outra entrevista, seria em relação a sexualidade. Você, também, pelo seu currículo tem, tem uns seminários, né? Sobre identidade masculina. Eh... quando a gente perguntou a você no início da sua vida sexual...

AV - Hum, hum.

DN - ...se a AIDS era uma preocupação, eh, você disse que não. Quer dizer, nem passava por uma preocupação a medida que você, eh... transava era com mulher, né? Quer dizer, não era... não era uma questão a AIDS...

AV - Hum, hum.

DN - ...nesse momento por conta da, da relação sexual. Eh... isso ainda é um pouco misturado isso em relação a AIDS, né? Quer dizer, a AIDS é doença de homossexuais. Você contou pra gente, também, eh... que durante, a sua adolescência até mesmo na Graduação já, que já tá passando um pouco da adolescência, você nunca teve um, um padrão físico, né?

AV - Hum, hum.

DN - Um padrão de macho, né?

AV - Hum, hum. É físico e acho que de personalidade, também.

DN - É. Isso confundia um pouco os outros, né? Que, também, passava, eh... como

questões pra você isso, né?

AV - Hum, hum.

DN - Em suma, a gente conseguir discutir um pouco mais essa, essa questão da sexualidade...

AV - Em relação a minha experiência pessoal?

DN - ...em relação a sua experiência pessoal e em relação a sua experiência em relação a AIDS. Quer dizer, o trabalho que você faz em relação a AIDS.

AV - Ahm. Eh... bom, claramente, em relação a esse segundo ponto houve uma mudança radical em relação a minha forma de ver (*risos*) as coisas, né? Hoje em dia, eu penso, assim, bastante na AIDS, pra minha... na minha prática cotidiana, em relacionamentos heterossexuais, (*risos*) é uma questão que tá presente. E... eu sempre me interessei por essa questão da construção de identidades, né? Então, essa coisa de uma identidade masculina, de me interessar pelas, pelos textos do Jurandir, e mais tarde o meu trabalho com ele de estudo e tal, né? Discutindo a questão da homossexualidade, eu sempre achei isso muito interessante, do ponto de vista do quanto tem de componente cultural nessa construção e o quanto isso é... (*ininteligível*), e que a gente tem que trabalhar com esses constructos... sociais pra poder... chegar a algum lugar, em relação a prevenção. Você tem que considerar isso tudo e... sem achatar as pessoas nas suas identidades, porque, em geral, quando o discurso preventivo, na minha opinião, ele tá relacionado a identidade, ele é pouco eficaz. Esse tal de, de... “Você, homem *gay*, se proteja!” Eu acho que isso tem um limite. Eu acho que tem um limite, porque é muito fácil é uma pessoa por mais que seja *gay*, que seja assumido, não sei quê, não se... relacionar com: “Ah, você é um homem *gay*, entendeu? Sempre tem milhões de recorte que aquela pessoa pode tá escapando: “Ah, eu sou *gay*, mas eu não sou rico.” Então... como falaram... e eu já ouvi várias pessoas falando ao risco de contração do HIV, porque... achava que a AIDS era um problema dos homossexuais ricos, que podiam viajar pra São Francisco e Nova York. “Ah, eu não sou rico, então, eu não corro esse problema.” Ou “A AIDS é um problema dos homossexuais pobres...” Você sempre tem por onde escapar, quando você tá falando de um padrão. “Ó! Você é pessoa desse tipo...”, né? Porque ninguém é de tipo nenhum, (*risos*) na verdade. Eu tenho isso muito claro.

DN - Ninguém é igual ao outro, né?

AV - É ninguém é igual ao outro.

DN - Em tudo.

AV - E ninguém é igual a esse ideal, tipo ‘O *gay* é assim.’ “O hetero é assim ou é assado.” Então, é... isso eu acho que é um... é uma... questão que mudou radicalmente desde que eu comecei a me aproximar do tema,. Logo no início já, já tinha claro, assim, eu fui... a medida que eu me aproximei do tema eu já fui tendo muito claro que a AIDS me dizia muito, independente de que prática sexual (*risos*) eu tivesse, né? É... o risco, né? Tava presente pra mim, também, e como eu acho que tá hoje em dia. Isso eu não tenho, eh... nenhum vacilo em relação a isso, absolutamente. (*risos*)



Eh... em relação a essa coisa da, da minha experiência com a minha sexualidade, né? ... Eu acho que é assim pra maior parte das pessoas. Na adolescência passa por um turbilhão de, de... de perguntas e de, de... definições que são cobradas de você, também, que normalmente causa muito sofrimento. E em relação a vários campos. E a sexualidade, acho que não é diferente. Eh... comigo, por eu ter esse perfil um pouco diferente e... eh... claramente, ter isso destacado, né? Isso não era um segredo, era absolutamente, era uma coisa bastante... clara. Eu era quase sempre o viadinho da turma, assim, a não ser quando tinha um viadinho mais viadinho que eu. (*risos*) Eu era quase sempre... tava dentro desse perfil. E, então, obviamente, eu pensava nisso. Tive milhões de oportunidades, milhões não, mas tive três ou quatro oportunidades... eh... de viver experiências homossexuais... quando era adolescente e um pouco depois e tal, não sei o quê, e não foi muito por aí. Eu até uma delas já adulto e tal, eu deixei ir mais longe e... não me interessou muito não. (*risos*) Eu, claramente, tenho uma preferência por, por transar com mulher, assim. Isso tá assim... e tenho uma... tenho uma relação com vários amigos meus, assim, de carinho que vai além do que, normalmente, dois homens tem. Assim tipo, a gente se beija, não na boca, mas, (*risos*) alguns amigos que a gente se encontra, né? Dá um abraço e um beijo e tal, não sei o quê. Eh... porque eu tenho... normalmente, eu tô cercado de vários homens anos 90, assim. Que tem uma clareza maior em relação a flexibilidade do papel sexual e tal. A gente, normalmente, não se incomoda com isso. E, também, eu não me incomodo muito não. Eh... eu hoje em dia, eu até alimento, eu acho, né assim, que eu aprendi a usar essa questão da ambigüidade no meu perfil eu acho que ao meu favor. (*risos*) Eu acho que eu gosto um pouquinho...

DN - E até joga com isso.

AV - É, eu acho que eu tenho, tenho uma ambigüidade que eu acho que pode ser interessante, também, às vezes.

DN - Hum. Até assim falar um pouco mais da sexualidade, até porque a gente tava fazendo uma entrevista, outra entrevista, né? Recentemente. E aí, com uma pessoa de outra área, muito diferente da sua. E a insistência é um pouco...

AV - Ahm, ahm.

DN - ...não só porque, eh... pela sua vivência, mas, também, pela sua condição de Psicólogo, né?

AV - Ahm, ahm.

DN - Existe, em suma, claro, que existe uma discussão aí, né? E na entrevista a pessoa dizia mesmo que a homossexualidade é uma questão genética, né? É uma herança genética.

AV - Hum, hum.

DN - Que a influência externa ao meio ambiente ou ao social pode é... influenciar pra... acelerar ou desacelerar a assunção, né? Da sua condição de sexualidade ou, em suma, inibir ou coibir e tal. Mas, que as pessoas, eh... nascem homens e mulheres homossexuais e etc. E a experiência que ele tem, quer dizer, ele não tava falando isso em cima de, de... no vazio, né? Ele disse que sempre pergunta as pessoas que... aos

homossexuais, que faz parte da clientela dele, que aos seis anos, quando se masturbava aos seis em o que que pensava, se era em homem ou mulher e geralmente, a pessoa disse que pensava em homem. Na fase de masturbação... logo no início, né?

AV - Ahm, ahm.

DN - ...da vida masturbatória. E, quer dizer, a gente sabe que há outras... há outras idéias sobre a questão, né?

AV - Hum, hum.

DN - Nem todo mundo comunga de que...

AV - Claro.

DN - ...a homossexualidade é uma questão genética ou, pelo menos, mais fortemente genética, né? Do que de formação, em suma. E, aí, era um pouco saber a tua opinião, também, sobre isso, né?

AV - Tá.

DN - Até que ponto... você é Psicólogo, né?

AV - Eu, certamente, eh... não aposto na hipótese genética, não aposto nada. Mas, se for também, eu acho que tanto faz. Porque... é uma bobagem a gente dizer, isso não só eu que tô dizendo, assim. Eu concordo com o que o Jurandir diz sobre isso, (*risos*) assim, eu já li, a gente já discutiu essa questão, assim, eh... não é uma questão de, de... se é genético ou de não se é genético, não sei o que. A homossexualidade na Grécia não era a mesma homossexualidade que a gente tem hoje. A homossexualidade de Oscar Wilde não era a mesma que a gente tem hoje. A homossexualidade, sei lá, da Inquisição não é a mesma que a gente tem hoje, né? E eu acho que tem... a gente tem e isso é muito modificado culturalmente, sim, né? Acho que tem uma... Eu percebo claramente inclusive... nas pessoas com que eu convivo... várias pessoas que... são claramente heterossexuais ou, eh... tem essa preferência ou tem essa prática e não tem essa questão como... como... não é... assim, elas não são pessoas que, necessariamente, tem medo de assumir uma homossexualidade ou qualquer coisa assim, porque já tiveram várias experiências homossexuais, né? Eventualmente tem uma coisa que, enfim, é discreto, mas, também, não é escondido, absolutamente, como um segredo. E, aí, eu fico me perguntando: “O que que tá acontecendo? Uma bissexualização do mundo? (*risos*) Por que a genética? Que que tá... essas cepas estão...”

DN - Se multiplicando.

AV - “...a carga genética mais forte pra esse lado?” “Agora, a gente tá...” Tem uma amiga minha que teve há pouco tempo atrás, morando em Nova York, não sei o quê, que ela fala que metade dos amigos dela eram casais de três pessoas, né? De sexos diferentes, (*risos*) né? Tinham casais de três pessoas. Eram chamados os (*ininteligível*). Então, tipo... não dá pra achar que isso é necessariamente genético, entendeu assim? Eu acho porque isso não era uma coisa comum há dois séculos atrás, não era uma coisa comum há um século atrás, não era uma coisa comum há cinquenta anos atrás. É uma

coisa comum há, sei lá, dois anos atrás e, talvez, não seja daqui há cinco (*risos*). Eu acho que são ondas, né? E... claramente, assim, eu sou completamente pró a construção e... construção cultural... E, obviamente, tem questões acho... pessoais muito fortes.

Essa pergunta de... quando você se masturbava com seis anos o que que você pensava, eh... eu acho que, bom até seis anos já aconteceu tanta coisa! Eu pessoalmente fui descobrir a possibilidade de masturbação com... oito ou nove anos. E... descobri porque eu tava numa colônia de férias e vi um menino fazendo e fiquei intrigadíssimo, assim: “O que é isso?” (*risos*) E, aí, obviamente, experimentei. Mas, eh... pô! Até oito anos imagina quanta coisa não passou pela minha cabeça, entendeu, assim? Pela minha vida, não sei o que, pra eu dizer que: “Ah, então é genético, porque é cedo.” Pelo amor de Deus! (*risos*) Tem milhões de coisas aí. Se pra ele isso é importante, pra mim o Édipo é importante, sei lá. (*risos*) Que também é uma construção cultural, mas é uma construção cultural na qual eu acredito e... o Édipo é importante e ele acontece bem antes disso, né? Então, na verdade, eh... eu não corroboro em nada nessa hipótese genética, mas acho que tanto faz em vários sentidos. Até porque, você tem um gen na forma como ele vai se manifestar é outra coisa, né? Que palavras você vai descrever isso, de que forma você vai viver isso, que tipo de, de desfecho você vai dar, se você vai esconder se você não vai, não sei o quê.

DN - Como a sociedade vê a cada momento, também. Cada época, é muito sério, né?

A.V. - Eh... muda absolutamente, né? Como que tipo de família você tem. Eu conheci um cara nos Estados Unidos que ele tinha... sei lá 17 ou 18 anos e era gay. A mãe e o pai sabiam e não tinha problema nenhum. É muito diferente você ser ele ou você ser as várias pessoas que escondem a homossexualidade até 40 anos no Rio de Janeiro ou mesmo lá fora. Eh... tem diferenças aí, fundantes, né? Obviamente, a vida dessa pessoa vai ser mais simples que da outra (*ininteligível*). (*ruído*) Eu acho que tem uma mudança de contexto em relação a isso que eu acho muito importante, eu acho uma grande revolução. Isso eu concordo com que o Daniel falava, o Hebert Daniel falava: “Não existe liberdade, sem liberdade sexual.” Isso é vital. Eu acho que, normalmente, a gente é muito convencional em relação a isso, eu inclusive, né?

DN - Voltando então ao... (*risos*) Você na vez passada tinha parado, aonde mesmo Ana Paula? Eu acho que exatamente quando ia pra...

AP - Entrou pro PELA VIDDA.

DN - É, já tinha entrado...

AP - Isso.

DN - ...já tinha até assumido a Coordenação da Recepção, né?

AP - Você citou o problema... as divergências entre o PELA VIDDA e a ABIA. E me parece que você parou mais ou menos na discussão... ah! Na sua ida ao Japão, né? Na coisa de você ter ido aos Estados Unidos e de ter tido a oportunidade de representar o grupo PELA VIDDA no Congresso... no Congresso do Japão.

AV - É. Isso foi muito importante, pra mim, foi um momento, acho que decisivo pra minha trajetória dentro do grupo, porque não só foi um momento que teve um

investimento maciço, inclusive financeiro na minha viagem, né? Da Instituição, como... é... esse curso, ele, realmente, me capacitou...

### Fita 3 - Lado B

DN - Pronto.

AV - Eh... ... bom, eu tava falando dessa viagem, né? Foi muito importante porque eu tava representando um grupo... e eu, realmente, fui capacitado, assim. Aconteceu... era um curso muito dinâmico, muito... interativo. Foi uma experiência culturalmente, assim, maravilhosa, porque eram sete brasileiros e sete africanos participando da turma, né? Então, eram duas realidades muito opostas... em todos os sentidos, né? A discussão de sexualidade na África é século passado, assim (*risos*). É muito... é outra... tá em outro patamar, mesmo. E era muito contrastante porque no nosso grupo tinha... um gay, uma lésbica... (*risos*) E pra eles era... aquilo lá era uma novidade absoluta, né? Então essa... perceber esses contrastes e inclusive, a forma como... a AIDS era... ela se organiza... a luta contra a AIDS se organiza na África, principalmente... eram sete africanos de países que falam português, né? Da Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Eh... foi uma experiência assim... do cacete. Foi muito, muito bom, mesmo. Fiz um laço muito bom com a Rute, que foi a pessoa que treinou a gente lá. E que depois treinou, assim, nove entre dez pessoas, que trabalham com AIDS no Brasil, nas ONGS, né? Porque... esse nosso curso foi o primeiro curso que a USAID, a agência americana de desenvolvimento externo, né? Financiou. E a partir deste foram feitos outros cursos, lá nos Estados Unidos e outros cursos aqui no Brasil. Sendo que dois pelo Ministério da Saúde. E esses dois no Ministério, eh... um deles a gen... eu ajudei a organizar e trabalhei como co-facilitador, também, durante um mês. Foi uma experiência, também, muito legal, porque eu tive a oportunidade de... ter mais segurança no que eu tava trabalhando, no que eu tinha aprendido e, e... perceber, eh... que eu tinha... podia ter uma importância pra outras pessoas de outras instituições e podia ser uma referência. Foi muito legal. Foi muito (*ininteligível*) (*risos*) né? Assim. Foi uma capacitação que, realmente, me fez sentir mais capacitado, mais hábil pra exercer esse papel que tava sendo pedido de mim e tal. E me fez refletir sobre uma série de coisas em relação a prevenção, em relação a organização comunitária... Foi uma experiência muito rica, muito rica mesmo. E a gente conheceu vários projetos de São Francisco, né? E da área ali da baía... em torno de São Francisco e tal. Foram fantásticos porque São Francisco é o berço da luta comunitária contra a AIDS, né? Então você tinha... lá você tem uma ONG só de comida. Dava comida pras pessoas com AIDS levarem em casa. Tem uma ONG que é só de ter relação, relação a tratamentos, a trabalho com tratamentos. Então, eles... você ligar pra lá e perguntar como é que põe a camisinha, eles não vão te responder. Mas, se você perguntar qual é o último ensaio clínico que tá disponível, precisando de voluntários e detalhes técnicos sobre os ensaios, eles te dizem tudo, né? Te mandam material pra casa e tal, o projeto informa. Então, tem várias coisas que me fascinaram muito.

DN - E o curso levou vocês até as ONGS?

AV - Levou. Fazia parte do curso. Foi, foi muito especial. Um curso com um programa muito completo, muito abrangente, cinco semanas intensas, muito intensas. A gente, realmente, eh... aproveitou ao máximo. Quem fazia parte da minha turma o Stalin, que tinha sido presidente do PELA VIDDA, mas nessa época já trabalhava no Ministério da

Saúde, né? E a Telva que é a segunda pessoa da USAID, é a pessoa que coordena o programa de AIDS da USAID, de HIV e Drogas da USAID. Então, foi interessante porque foram duas pessoas que tavam indo ver como é que era o curso e depois tinham o poder de replicar esse curso. Isso foi feito *ad eternum*. Então... e aconteceu, também, que várias mil pessoas que foram treinadas, replicam esse curso em suas localidades, e chamam a Rute. A Rute já veio aqui pro Brasil umas quatro vezes por causa dessa história, pra fazer treinamento. E é uma pessoa muito especial, muito ativa, muito cativante e que... desenvolveu muito a questão... do relacionamento entre as pessoas, assim. E eu acho que isso contribuiu, também, na hora de tá coordenando uma equipe hoje ou de tá em relacionamento com várias pessoas. Isso ajudou a lapidar algumas, algumas formas de trabalho e tal. Que é bem interessante. Claro que, assim, com a crítica toda... ao que é o contexto americano, enfim. De forma alguma, a gente tentou adaptar e as questões de lá pra cá. A questão de identidade lá é uma coisa, a noção de comunidade é muito diferente do que a gente tem aqui. É porque eles trabalham com grupos normalmente muito menores, grupos populacionais, né? Assim. São Francisco é uma cidade grande e tem um milhão de habitantes, né? Aqui no Rio a gente trabalha...

DN - Um milhão de habitantes tem em São Francisco?

AV - É. Um milhão não. Oitocentos mil.

DN - Bem pouco, né?

AV - Bem pouco, né? Então, assim não dá...

DN - Facilita bem, né?

AV - É. Facilita bastante, pô. Desses oitocentos mil, acho que dez por cento são *gays* ou lésbicas. Então, você tem já uma força de trabalho muito visada que é de lascar. É a capital *gay* dos EUA. Então, por aí vai, você vai somando uma série de coisas de contexto que são muito diferentes. A questão de identidade é muito forte, as identidades muito rígidas, tribos mesmo que... que se organizam, não só entre os homossexuais, mais entre os latinos e entre os negros. Lá a sociedade é muito segmentada, e enfim, os projetos são muito segmentados, também (*sussurrando*). Eu acho que é uma diferença radical do que a gente tem aqui. Embora, não seja... faça apologia da democracia racial, não sei o quê, mas, efetivamente, o que a gente tem no Brasil é um... é um caos nessa integração, (*risos*) muito mais complexo pra se trabalhar por um lado e, ao mesmo tempo, menos rígido, né?

Enfim, foi muito interessante, foi um curso muito legal. E quando eu voltei eu fui trabalhar... eu tava trabalhando já no projeto HSH como assistente do HOMENS FAZEM SEXO COM HOMENS. E nesse projeto eu tinha uma função meramente administrativa... não era muito importante, assim, em termos de pensar estratégias e tal. E... era meio trabalho braçal do projeto era eu e o Gerson, né? Que trabalhava... o Gerson tá no grupo até hoje. E... tinha uma tensão muito grande entre o PELA VIDDA e a ABIA, nessa época. E... o PELA VIDDA tava pra sair da sede da ABIA já algum tempo, mas, entre outras coisas, tinha uma questão de poder séria, porque os financiamentos eram todos pra ABIA, não pro PELA VIDDA. E o PELA VIDDA...

DN - Você atribui isso a quê? Pelo fato da ABIA estar mais organizada?

AV - Eu acho que uma infra-estrutura administrativa.

DN - As pessoas da ABIA estar com mais... ter mais prestígio?

AV - As duas coisas. As pessoas da ABIA tinham mais prestígio, inclusive... pra negociar... com os financiadores e canais muito mais abertos, né? O nome do Richard Parker sempre é um nome muito forte pra isso. Faz, fez muita diferença em vários momentos. Eh... além de que, eh... ele tinha uma inserção acadêmica, que eu acho que faz muita diferença, também...

DN - Pra questão de financiamento?

AV - Pra questão de financiamento. E o projeto, ele tinha várias fontes, né? Então, o projeto, ele tinha fonte... DAIDS, que é Barros/AIDS que era o principal financiador. Eh... tinha fonte da Fundação Macarto, que trabalhava, que financiava toda parte de comunicação, principalmente. Materiais gráficos e tal. Eh... ele... tinha... outros aportes de financiamento da própria ABIA. E ainda tinha a pesquisa que era um projeto do IMS que era ligado a esse projeto. Então, tinha muito financiamento de projeto, todos centralizados na figura do Richard. Era natural e tácito de que... era um acordo que todo mundo sabia que o Richard era o coordenador geral... enfim, era claro que o Richard era o coordenador geral. Ele era formalmente o coordenador geral. Mas, além disso, era natural também que ele tivesse um peso de decisão maior. Mas, o que foi acontecendo é que com tens... com as tensões entre as instituições, cada vez mais, as pessoas foram se vendo a fazer uma coisa que elas nunca tinham feito, que era escolher entre uma instituição e outra. E em vários, em pequenos conflitos do dia-a-dia você tinha que dizer: “De que lado você tá?” “Quem é você nessa situação?” Com isso as tensões foram se acirrando e... cada vez mais as pessoas tendiam pro lado da ABIA até pelas questões de financiamento, a estabilidade, os salários que a ABIA pagava eram melhores do que os salários que o PELA VIDDA pagava. Embora... tipo a função de coordenador, tinha o Richard que era o coordenador geral e tinha um coordenador abaixo dele pela ABIA, pelo PELA VIDDA do Rio e pelo PELA VIDDA de São Paulo, que era o outro parceiro. Estes coordenadores, eles tinham o salário tudo igual. Mas, no PELA VIDDA do Rio e no de São Paulo, eu acho que isso também acontecia, como era um salário muito acima do padrão que o PELA VIDDA pagava essas pessoas tinham o compromisso de *repassar*. Que esse salário ajudava a pagar outras coisas, né? Esse repasse pagava a ajuda de custo de alguém dentro do grupo, né? Então, era um acordo que se tinha, eh... prévio ao projeto de que isso seria o que aconteceria. Então, quando aconteceu primeiro do Renato passar pra ABIA e virou coordenador pela ABIA, porque brigou com Cristina... e o Renato Cameron passou a trabalhar com a ABIA... como coordenador. E aí a Kátia... virou a coordenadora pelo PELA VIDDA e eu e o Gerson...

DN - Que é a mesma Kátia que, que levou você...

AV - É a mesma Kátia.

DN - ...pro grupo PELA VIDDA?

AV - A mesma Kátia. E essa... e a Kátia virou coordenadora do grupo PELA VIDDA e tal, e eu e o Gerson ficamos no papel de assistente. Tinha uma assistente que saiu, porque ela era uma pessoa muito difícil e as pessoas tinham questões... com relação a caráter

dela mesmo, assim. Então, as pessoas pediram e ela foi desligada do projeto, eh... não foi só demitida, porque não era, exatamente, um vínculo empregatício, eh... e ela saiu do, do projeto, e, aí, entramos eu e Gerson. Porque a Kátia era assistente junto com essa moça. A Kátia virou coordenadora e... Cecília foi embora. E aí eu e o Gerson ficamos nessa posição e, eh... lá pelas tantas... esse meu curso foi, mais ou menos, em setembro... agosto, setembro, em janeiro, a (*ininteligível*) mandou uma reformulação do contrato... um belo dia a ABIA convoca uma reunião e nessa reunião tava o (*ininteligível*), a ABIA e o PELA VIDDA. E o que era uma coisa, relativamente, atípica, assim. E, aí, o (*ininteligível*) trouxe a proposta de que se cortariam funcionários do projeto. O PELA VIDDA perderia uns assistentes, então teria que se fazer uma escolha, né? Eh... ao passo que não sairia... não precisaria cortar ninguém do *staff* da ABIA, mas alguém do *staff* do PELA VIDDA. E, além disso, ia haver uma mudança drástica em relação a autonomia do PELA VIDDA em relação ao projeto. A (*ininteligível*) ia passar a lidar somente com a ABIA, e o PELA VIDDA ia ter uma função, claramente, só de executor. Era o que tava acontecendo já há algum tempo, há alguns meses isso tava acontecendo. A gente era muito mais executor do que, eh... membro da organização do projeto. Por que? Porque com o fortalecimento... com a saída do Renato, a ABIA foi ficando mais forte, e a equipe do PELA VIDDA foi ficando cada vez... o Renato tinha sido coordenador da Kátia, então, eu acho que ficou mantido uma certa posição hierárquica mesmo quando os dois tavam na mesma posição, cada um numa instituição. E a Kátia era muito vaselina e não queria se indispor... vaselina é um termo... meio grosseiro, mas ela era muito, eh... pouco firme em algumas decisões, né? E não queria se indispor com a ABIA e tal. Até porque, ela tinha uma inserção acadêmica...

Então, eu sei o que aconteceu que a gente cada vez menos tinha como tá intervindo no projeto... cada vez menos as nossas intervenções elas eram... elas existiam sequer, porque, eu acho que a Kátia tinha mais uma postura de aceitar o que vinha de proposta da ABIA. E com isso... nessa reunião se propôs formalizar. O que mais foi incômodo foi que era uma proposta que já tava aceita pela ABIA, da qual a ABIA já tava ciente e que o PELA VIDDA tomou conhecimento, num momento em que ele se quer poderia discutir e assinar o contrato... de terceiro ano do projeto. Terceiro ou segundo ano. Segundo ano. Então, foi uma situação muito delicada e a Kátia, nesse momento, ficou sem saber o que fazer e colocou pra... todos ali, pra ABIA e pro PELA VIDDA de que ela não teria como fazer uma escolha entre eu e o Gerson, então, que ela se desligaria do projeto. ... Ela ia ficar... porque um de nós dois teria que dançar. Antes mesmo de tomar... de avaliar, ela disse exatamente naquela reunião, antes mesmo de avaliar qual seria a postura do PELA VIDDA em relação aquilo. E a postura do PELA VIDDA apoiado por mim, pelo Gerson, pela equipe foi de que a gente se retiraria do projeto, principalmente, em função da falta de autonomia que a gente tava tendo, que a gente tava vivendo ali. Eh... esse tipo de negociação pouco transparente, onde a idéia já vem fechada e a gente... eh... tem a única opção de acatar, porque o nosso parceiro no projeto já tinha acordado pro financiador que era isso que tinha que ser. Então, a gente até ficou se perguntando até que ponto isso tudo não teria sido um pedido da ABIA, mas, isso já era conjectura, entendeu? E aí o que aconteceu foi que o PELA VIDDA saiu e saiu quando o projeto já tava implantado, já tava acontecendo... Boa parte... a equipe que tinha sido recrutada e capacitada pelos membros do pelo PELA VIDDA continuou trabalhando no projeto, né? De interventores e de voluntários e tal, essa coisa de trabalhar nas *boites*... E o PELA VIDDA já discordava bastante tempo de algumas coisas que eram vitais pro projeto, por exemplo, o encaminhamento da oficina de teatro, que era uma coisa que a gente não gostava muito. E, enfim, então, o que aconteceu foi que a gente... se retirou do projeto... e, isso foi, tipo, a gota d'água no relacionamento, alguns

meses depois a gente acabou saindo de lá.

DN - E, essa, essa avaliação do grupo PELA VIDDA, que foi feita pelo grupo pela PELA VIDDA, era no âmbito da coordenação dos projetos?

AV - Era no âmbito...

DN - Ou era no âmbito da diretoria do grupo PELA VIDDA?

AV - Era no âmbito da coordenação de projetos...

DN - No caso...

AV - ...e diretoria. Todo mundo, a gente discutiu muito isso.

DN - E diretoria.

AV - É. E a diretoria. Foi uma decisão... nessa reunião tava a Kátia, o Ronaldo, a Míriam, que era advogada do grupo, né? E várias pessoas que foram pra reunião pra ajudar a decidir o que que seria feito. No dia seguinte, a gente decidiu que não ia. A gente pediu um tempo pra pensar o que que ia ser feito, e no dia seguinte, disse que não ia mais participar do projeto. A Kátia já tinha se desligado... e a situação esdrúxula foi que a Kátia disse que ia trabalhar com outra coisa, ia voltar a ser... a trabalhar numa pesquisa que ela tinha feito há um tempo atrás, e um mês depois, ela tava trabalhando na ABIA. Então, isso foi uma ruptura, também, com ela, especificamente. Ela trabalhou até o fim do projeto. ... E foi bastante desagradável e tal porque, claramente, tava em jogo, aí, a questão... eh... da importância estratégica de ter uma boa relação com o Richard, de um bom projeto e tal, ligado aos financiadores e tal. Enfim foi, eh... um momento de crise drástica... Pra mim foi muito complicado financeiramente, inclusive, porque eu precisava daquele dinheiro pra viver, pra pagar as minhas contas. Eu tava morando com uma amiga nessa época. E... embora, não arcasse com custos muito pesados, eu tinha que arcar com boa parte dos meus custos, não tinha... tava brigado com a minha família, então, não tinha, eh... como recorrer a eles, não tinha o dinheiro pra me dar e eu não tinha como pedir dinheiro pra eles. Então, (*risos*) mais grave...

DN - Você tinha que se virar.

AV - Eu tinha que me virar mesmo, né? Então, eu vivi um tempo da indenização. Aí esse curso do Ministério... contratou a Rute pra dar aqui e eu co-facilitei o curso e... comecei a trabalhar com isso e fiz algumas consultorias, depois fui trabalhar no IDAC, que complementou a minha renda.

AP - Alexandre deixa eu te fazer uma pergunta. Eh... quando o grupo PELA VIDDA foi fundado, quer dizer, o grupo PELA VIDDA meio que surge dentro da ABIA, né?

AV - É.

AP - E surge com propostas claramente diferente da ABIA, né? Quer dizer, a atuação era de um outro campo mesmo.



AV - É.

AP - Aí, eu queria saber de você o seguinte: então sempre houve uma, um certo distanciamento de objetivos. Essa, essa dificuldade, então, que culminou na, na, nessa ruptura definitiva, ela só... se apresentou com relação a esse projeto ou a coisa já vinha existindo com dificuldade?

AV - Não, já vinha. Ela aconteceu desde o momento que o Daniel se afastou da direção da ABIA, né? E Richard começou a ter mais voz, o Richard e a Jane, especificamente. A... discordância era em relação a forma como o Richard e a Jane, que era a nova coordenação da ABIA, da forma como a ABIA se relacionava com o programa. E quando o Daniel part... era diretor da ABIA, ele tinha muito claro o que que era o PELA VIDDA e ele era um líder pra todo mundo, tanto pra dentro da ABIA, quanto pra dentro do PELA VIDDA. Ele tinha uma voz... quer dizer, eu não peguei essa parte, mas, eh... é o que todo mundo me diz que esse conflito não era uma... coisa presente, porque o Daniel tava à frente das duas instituições. E, claramente... ele tinha muito claro qual eram as propostas de uma e de outra, que eram propostas complementares, né? Assim, eu acho. E... com a participação dele era muito claro que... pra que que servia uma pra que que servia a outra, enfim.

AP - Sim. Mas, era claro pra ele, não pros outros componentes do grupo.

AV - Eu acho que era. Eu acho que era. Naquele momento, era.

AP - Hum...

AV - Eh... mas o que eu quero dizer, assim, é que as pessoas não discordavam muito da condução que ele dava pra... instituição, entendeu?

DN - Pras duas instituições.

AV - Pras duas instituições. As pessoas, normalmente, assinavam bastante embaixo. Ele era uma liderança muito... inclusive, quando ele morreu, se afastou primeiro e depois morreu, foi uma dificuldade muito grande, né? Eu ouço o Stalin falar disso como... hoje, né? Como o grande desafio que ele enfrentou foi dar... fazer com que o PELA VIDDA não... passasse por um colapso pós o Herbert Daniel. Porque, a figura, a figura dele era muito forte pro PELA VIDDA como liderança. E unia muito as pessoas em torno de um discurso... Eu acho que o grupo deve ter mudado bastante com essa morte dele. Bastante, com o afastamento e em seguida com a morte dele. Com certeza, eu não tenho...

AP - Essa ruptura se deu mais ou menos quando, Alexandre?

AV - Ele morreu em 92.

AP - E a ruptura foi depois?

AV - A ruptura foi em 95.

AP - Quer dizer, então esse conflito tácito rolou entre 92 e 95.

AV - Rolou. O PELA VIDDA já queria sair da sede... onde a gente dividia com a ABIA, por questões de espaço mesmo e, também, por questões de autonomia... eh... mas era complicado pra gente financeiramente, inclusive, bancar isso. Como foi complicado! Quando a gente se mudou a gente, principalmente, enfrentou um senhor desafio pra pagar o aluguel e teve que depois cortar um dobrado pra negociar a dívida de aluguel, porque o PELA VIDDA não conseguiu cumprir todas... as obrigações como gostaria. Enfim, foi uma negociação árdua, mas... bem sucedida... conseguimos resolver o problema quando mudamos pra essa sede nova, que agora é cedida pelo governo. Então, a gente não paga nada. Mas, o aluguel era uma despesa muito séria pra gente e foi o que retardou a nossa saída da ABIA. Inclusive, se pensava em sair daquela sede sem, necessariamente, romper com o projeto, né? A ruptura com o projeto, ela foi motivada por essa postura nessa reunião, especificamente. Porque, aí, foi uma coisa de uma hora pra outra, foi uma questão de ação/reação, né? Por mais insatisfeito que se tivesse por várias questões a idéia era ficar no projeto até o final. Porque a gente sabia que ia...

DN - A saída da, da, da, do prédio, quer dizer, físico da ABIA já estava...

AV - Pensada, gestada há bastante tempo.

DN - ...pensada desde antes?

AV - Desde bem antes. Acho que desde o início de 94 se pensava nisso. ... É foi no início de 94... que se viu isso como possibilidade. Era, era complicado, assim, porque, efetivamente, era preciso que, se passou até um clima de segredo, de... de desconfiança mútua entre as duas instituições, né? Que era uma coisa complicada se você dividindo uma sede. Então, a idéia não era nem romper com a ABIA, mas sair dali. Então, a gente já rompeu com a parceria... durante um tempo, foi muito difícil... e hoje em dia, eu acho que a gente achou um caminho pra voltar a dialogar com eles.

DN - O Richard assumiu a ABIA após a morte do Herbert Daniel?

AV - É, ele começou a trabalhar na ABIA junto com o Daniel. Quando o Daniel morreu ele e a Jane, ele e a Jane, eu acho que (*ininteligível*) trabalhavam na ABIA, eles assumiram formalmente com o afastamento do Daniel. O Daniel se afastou um pouco antes de morrer, já tava muito doente. ... Enfim, e a ABIA ela tem uma estrutura muito diferente, né? Ela sempre foi uma ONG muito grande e muito profissionalizada, ao contrário do PELA VIDDA. Então, tinha esse contraste também. É uma ONG muito profissionalizada, como no padrão das velhas ONGS tradicionais, né? Onde você tem funcionários, especialistas, técnicos etc, etc.. E o PELA VIDDA você sempre teve uma adesão espontânea que levava ao engajamento no trabalho, né? Que é uma coisa muito voluntária, que é muito diferente, né? Da cultura da ABIA. E com, aos poucos, a gente foi vendo também... enfim, situações que ficamos sabendo da ABIA, projetos que iam acabando... hoje em dia ela tá... a ABIA é uma ONG muito diferente do que era, naquela época. Ela não tem praticamente projeto de intervenção mais nenhum, né? Trabalha com edição de material, com a organização de alguns seminários. Não muito mais do que isso.

DN - Tá quase se tornando um centro de documentação mesmo.

AV - É.

DN - De AIDS.

AV - Eu acho que tem... ela tá tomando uma forte, forte tendência pra isso. Eu acho que o projeto mais forte da ABIA é esse agora. Assim em termos de... é o que se mantém ao longo dos anos. Realmente, é um centro de documentação excelente.

DN - Agora, o que parece, quer dizer, o grupo PELA VIDDA, eu não sei até que ponto você tem essa informação, também, né? Você não estava lá desde o começo. Eh... o grupo PELA VIDDA de certa forma teria sido gestado pelo Herbert Daniel. Mas, a ABIA não, né?

AV - Eu não sei, eu não sei. Eu tenho a impressão que o Daniel tava desde o início na ABIA, sim. Se eu não me engano a ABIA foi gestada pelo Daniel e pelo Betinho. Quase com certeza, eu tô chutando. Mas...

DN - É. Porque, na verdade, a figura do Herbert Daniel não aparece tão ligado a ABIA no seu começo, entendeu?

AV - Ham, ham.

DN - Quer dizer, no começo da Bia.

AV - É. Tinham outras pessoas...

DN - Agora, aparece desde o começo do grupo PELA VIDDA. Aparece, inclusive, como fundador do grupo PELA VIDDA, né?

AV - É.

DN - Não acontece o mesmo em relação à ABIA.

AV - Não.

DN - O nome mais vinculado ali é do Betinho, mesmo.

AV - É, mas o Betinho, ele teve presente na ABIA muito no início. Isso eu sei. Muito, muito no início. Sempre teve muito claro que ele tava fundando aquilo que ele julgava tão relevante, tinha várias questões pessoais pra... ou razões pessoais pra...

DN - Hum, hum.

AV - ...julgar uma questão relevante. Julgava socialmente relevante, que era uma pessoa lúcida etc, etc, e, eh, efetivamente, sempre teve claro que ele tava dedicado com o IBASE, comprometido com o IBASE. Eh... eu vi o Betinho na Bia duas vezes. Três no máximo, trabalhando lá praticamente diariamente durante... no mesmo escritório pelo menos durante, sei lá, três anos. Três anos. Então, é relativamente, ele teve uma participação muito, muito distante na ABIA, nesse momento. Ele era meio chamado como... eh... como... ... me foge a palavra agora, mas como uma liderança que

acompanhava à distância. Essa era meio a função dele, na ABIA. Acho que sempre foi. Eu não me lembro de nenhum período, onde o Betinho fosse... quer dizer, eu não sei. Eu nunca ouvi falar de que o Betinho era a pessoa forte da ABIA.

DN - Hum, hum. ... Bom, aí, você foi fazer esse curso e desse curso você foi pro Congresso...

AV - Eu fui pro Congresso...

DN - ...pra Conferência Internacional do Japão.

AV - ...eu fui pro Congresso e do Congresso eu fui pro curso.

DN - Ah, primeiro foi o Congresso e depois foi o curso?

AV - Foi, foi.

DN - E como é que foi esse Congresso?

AV - Foi fantástico...

DN- E o que te trouxe de experiência, também?

AV - Olha, foi fantástico. Primeiro que no Japão, né? (*risos*) Eu acho que o Japão é...

DN - Uma realidade totalmente diferente.

AV - Totalmente diferente. Lá é tudo ao contrário, assim. Desde a mão inglesa que se dirige nas ruas, até a lógica que rege a vida das pessoas, o país, que é o contrário do nosso, é fantástico! Tá do outro lado da Terra. É um país muito louco e... pra mim foi muito interessante, assim, algumas coisas me marcaram. Primeiro, um certo clima de Olimpíadas. Eu nunca vi uma Olimpíada, mas eu imagino que... tenha... apesar de ter, de ser um tema que envolve morte, envolve perda etc, etc. tem um clima de celebração... as pessoas tarem todas juntas, gente do mundo todo, trabalhando pelo mesmo... objetivo, e isso um pouco me surpreendeu, de uma forma muito parecida, né? Isso era... isso pra mim foi um impacto, né? Assim, essa grande confraternização, a dimensão da Conferência, né? Dez mil pessoas do mundo todo, isso, realmente, era muito impressionante; a relação com as outras... com o ativismo de outros países, né? Com outras ONGS, isso era muito interessante, também; e claramente, uma sensação, apesar de tá sendo a primeira Conferência, uma sensação de... eu tinha uma idéia de que na AIDS tudo era muito... inovador, tudo era muito novo e... muito cheio de sangue pulsando e muito vivo. E, lá, eu percebi claramente que tem um *status quo* assim... radical nessa, nessa epidemia, assim. Já tinha... já era a décima Conferência.

DN - Hum, hum.

AV - Então, tinha uma história que eu não tinha acompanhado absolutamente, né? E que... nessa história já se tinha definido quem era autoridade, quem não era, qual o jeito certo de se trabalhar, qual não era. Então, era muito comum em cada palestra sobre técnica: “Ah, eu trabalho com (*ininteligível*) *Education*, com (?), não sei o quê. Era tudo

igual. (*risos*) Era tudo muito parecido, que mudava uma coisinha ou outra e que todo mundo enfrentava os mesmos desafios, também. “Ah, o nosso maior desafio é convencer mulheres que não tem poder no meu país a negociar com os órgãos oficiais...” Desde os EUA, né? O país de primeiro mundo, etc, até a realidade dos países da África. Então, era muito louco isso, assim, de perceber que tava todo mundo passando... tava todo mundo, no mesmo barco, apesar das diferenças regionais que, claramente, existem e econômicas que, realmente, pesam. Mas, eh... tinham uma sensação, assim, de muito lugar comum, em vários momentos que era uma sensação ruim de repetitividade, de falta de inventividade, por um lado, e por outro lado tinha essa sensação de que todo mundo tava enfrentando, na verdade, o mesmo desafio e batendo com a cabeça na mesma parede, que é: “Como vencer os obstáculos da cultura sexual?” Pelo menos, naquele momento. Eu tenho a impressão que em Vancouver, que eu não fui, se discutiu mais a questão econômica, né? Dos, das diferenças econômicas em relação a tratamento e do empobrecimento da epidemia e tal. No Japão isso existiu, mas menos, falava menos disso. E no Japão tinha uma outra coisa, também, que foi importante, que foi o envolvimento da Ásia na epidemia. Que a epidemia na... foi logo no início do *boom*. Foi eu acho muito oportuno a Conferência ser no Japão, naquele ano. Porque foi o boom da AIDS na Ásia foi paralelo a realização da Conferência.

#### Fita 4 - Lado A

DN - Pronto.

AV - A hipocrisia... o Japão sendo um país muito conservador, né? No sentido das tradições sexuais, principalmente, da visibilidade disso, assim, claramente é um negócio muito secreto, você não vê gente se abraçando na rua de mão dada, você não vê gente se beijando na rua, no máximo, no máximo de mão dada assim, tem muito pouca demonstração de carinho em público. As pessoas lidam de uma forma muito impulsiva com a sexualidade. Também, tem a origem sexual das meninas japonesas de classe média, que não podem transar em casa, então, elas vão pra Tailândia pra tomar aula de *windsurf* e lá na aula de *windsurf* é, na verdade, (*ininteligível*) sexual, porque todos os professores de *windsurf* comem todas as alunas, né? É assim tipo... é um trabalho que tava sendo apresentado de prevenção que era feito na Tailândia... com os meninos que fazem *windsurf*, que claramente eram... sendo prostitutas, né? Eles eram pagos pra dar aula de *windsurf*, não eram pagos em... relação a sexo, mas... porque não se tinha essa, essa cultura de discutir sexualidade e de deixar uma menina exercer a sexualidade dela no Japão, então, ela ia pra Tailândia pra exercer, né? É uma loucura, né? Então, o tempo todo vinha gente que falava: “Ah, isso é mentira! As meninas japonesas não são assim. Elas são recatadas.” Você tinha umas coisas assim muito contrastante. E isso é muito impressionante, assim, de perceber. Essa realidade muito... que nega, negava mesmo. A epidemia era muito pouco visível. Eu me lembro da primeira pessoa que publicamente apareceu soropositiva no Japão dava uma entrevista durante a Conferência. Ela apareceu durante a Conferência.

DN - Era o primeiro caso de AIDS no Japão?

AV - Não o primeiro caso. O primeiro caso que ia a público.

DN - Público.

AV - Era a primeira pessoa que dizia: “Eu tenho AIDS!”, pra imprensa.

AP - E como é que foi a repercussão?

AV - Foi uma loucura! Uma loucura. Eu vi a entrevista lá na hora, o cara com um monte de gente: “O que que é isso?” “Ah, o primeiro caso de AIDS no Japão.” Uma repercussão muito louca. As pessoas, as pessoas tinham muito medo de ir. Os *gays*... os meus amigos *gays*, que foram pra Conferência, falavam que... eles iam pros bares e boates *gays* dessa cidade, a cidade de Okohama, onde ocorreu a Conferência, e não tinha nenhum japonês. Porque parece que espalharam um boato na cidade de que todo mundo, que todos os *gays* que vinham pra Conferência eram soropositivos. ... Bom, até aí tudo bem. Mas, as pessoas sumiram! Elas tavam com medo, inclusive, de transar de camisinha ou de qualquer coisa que fosse, né? A falta de informação era bastante grande. Foi uma experiência muito interessante. O contraste cultural e, ao mesmo tempo, a proximidade com algumas questões foi muito interessante. Foi realmente uma experiência maravilhosa.

DN - E a questão central, quer dizer, o mais discutido no Congresso foi mesmo a questão da, da sexualidade?

AV - Foi.

DN - Por que em Vancouver parece que foi a questão do tratamento, né?

AV - Foi. Foi a questão da sexualidade. E da dificuldade de fazer prevenção com a cultura sexual que rege a maior parte dos países, né?

DN - Hum, hum. O de Vancouver você não foi?

AV - Não... Não fui, eu não tinha dinheiro pra pagar a passagem. (*risos*)

DN - Nem financiamento. (*risos*)

AV - Nem financiamento. Agora eu tô trabalhando pra Genebra. (*risos*)

DN - Que é esse ano, né?

AV - É, agora. A gente já tá, tô resolvendo a minha passagem amanhã. Vai ser diferente.

DN - Hum. Mas, eh, Alexandre, quer dizer, voltando ao grupo PELA VIDA você a partir de 95? Não. 96, né? Você passou a coordenador de projetos do grupo. Mas, antes disso, também... teve o projeto do Banco de Horas.

AV - Ahm, ahm.

DN - Que você foi, ou ainda é, não sei, o co- coordenador do projeto, né?

AV - Sou, ainda. Eu entrei como assistente e hoje em dia eu sou co-coordenador. O projeto, ele... sempre me pareceu muito interessante. Eu conheci o projeto trabalhando

no PELA VIDDA coordenando o aconselhamento e... e a Carmem, que é a coordenadora do projeto, foi apresentar, criadora do projeto, foi apresentar com outra pessoa, que ajudava ela a coordenar o projeto... e eu achei muito interessante, me empolgou muito e tal. E quando a gente fez esse curso... aqui no Rio, a reprodução do curso dos Estados Unidos, aqui no Rio, um dos projetos que foram visitados foi o Banco de Horas. Nem foi visitado. Ele foi até a sala de treinamento, a Carmem foi lá expor o projeto e tal. E nisso a gente ficou conversando, e eu coloquei pra Carmem... nessa época eu fui convidado pra trabalhar no Ministério da Saúde, coordenando a parte de aconselhamento. E... exatamente, nessa época, que eu achava que eu não tava pronto pra fazer: Primeiro, eu não queria mudar pra Brasília, porque eu não gosto da idéia de morar em Brasília, até hoje; (*risos*) em segundo lugar, não queria trabalhar no Ministério; terceiro lugar, não queria deixar as coisas que eu tinha aqui, inclusive, consultório, clínica, eh... namorada, várias outras coisas. Não tinha esse plano. E, realmente, não queria trabalhar no Ministério. E achava que não tava capacitado pra função de coordenador de aconselhamento, que inclui coordenar todos os COAS, né? No Brasil inteiro. Coordenar a instalação de novos COAS, a capacitação das equipes. Quer dizer, é um trabalho bastante amplo e eu acho que você tem que ter... uma bela experiência. Eu tinha, sei lá, um ano e pouco de formado. Não era exatamente o caso, né? Então... eu não queria ir. Eu fui conversar com a Carmem, não sei nem porquê, porque não tinha uma relação pessoal com ela, propriamente, mas talvez, já de olho no projeto, não sei.

DN - E a Carmem trabalhava aonde?

AV - No Banco de Horas.

DN - No Banco de Horas?

AV - Ela é coordenadora do Banco de Horas.

DN - Hum.

AV - E é Psicanalista. Sempre foi uma pessoa que me era muito simpática. Eu fui comentar com ela essa história. Eu tava muito na dúvida porque o convite veio durante o treinamento, né? E eu tinha que responder rápido, porque a pessoa... a Regina Ferro, que era quem tava nessa posição, tava vindo trabalhar no projeto PRAÇA ONZE aqui no Rio. Então, ela... ela... tava saindo da posição do Ministério e tal, então tinha que responder rápido. E... e aí eu... fui conversar com a Carmem sobre isso, não sei o quê, e a Carmem falou: “Olha, eu acho que você pode decidir, agora, eu acho que você não deve ir a Brasília. Não deve ficar em Brasília. Você não vai gostar de morar em Brasília. E eu acho que você deve... se você pud... eu vou dar um jeito pra você vir trabalhar comigo. Eu não sei como eu ainda posso te encaixar, mas... vou dar um jeito. Acabou de sair um projeto que tá financiado pelo Ministério, eu vou... você vem trabalhar comigo de algum modo e tal.” Eu precisava de dinheiro pra me manter minimamente, né? E, aí, isso aconteceu, no mês seguinte, eu fui trabalhar com a Carmem.

E a gente tem uma empatia quase instantânea, assim. E o projeto me interessava muito porque... né? Era uma forma de unir a clínica com a AIDS. Porque o projeto oferece psicoterapia gratuita pra pessoas vivendo com AIDS. Então, era uma forma de manter meu nome vinculado a parte clínica... ganhar dinheiro com isso e, ao mesmo tempo, eh... trabalhar com uma coisa que eu achava interessante, acreditava e achava que tinha condições de fazer, o que não era o caso do Ministério. Então, eu disse não

pro Ministério, disse não pro PRAÇA ONZE, porque, eu tinha sido convidado pra trabalhar como... aconselhador do projeto PRAÇA ONZE. E na época, foi uma decisão, assim, até financeiramente desvantajosa pra mim, mas eu achava que no Banco de Horas, eu ia ter mais possibilidade de crescimento... ligado a questão clínica. Porque, eu tava com muito medo de me afastar do uso da questão clínica, até porque é uma coisa que eu gosto muito de fazer.

E, aí... eu tinha uma afinidade muito grande com a Carmem, assim, uma empatia de cara muito boa. E isso se confirmou. E com o tempo o trabalho foi crescendo e... a gente tem vários projetos... eh... várias linhas diferentes de trabalho, hoje, lá dentro do Banco, dentro do projeto do Banco. E a gente tem uma relação pessoal que é muito boa, também. A Carmem... tem filho da minha idade. A gente tem uma relação quase... de mãe e filho, mas... graças a Deus não é de mãe e filho! (*risos*) É bem... é bem diferente de mãe e filho, mas é uma relação bastante legal, assim, sem muita proximidade e muita... muito carinho com o outro e tal. Então é isso...

DN - Mas, aí... só pra eu entender, quer dizer, esse projeto Banco de Horas já existia?

AV - Já existia.

DN - E é o que exatamente? Ele surgiu aonde?

AV - Ele surgiu... é uma idéia da Carmem, que surgiu em 93 que é o seguinte...

DN - Não, não tem nenhuma vinculação com o grupo PELA VIDDA? Não tinha?

AV - Não. A vinculação com o PELA VIDDA é a seguinte: o PELA VIDDA encaminha clientes pra esse projeto.

DN - Hum.

AV - Né? É o principal encaminhador pra esse projeto...

DN - Então, na verdade não é um projeto do grupo PELA VIDDA?

AV - Não. É um projeto fora.

DN - É um projeto fora...

AV - É um projeto do IDAC, que é uma ONG bastante antiga, que é coordenada pelo Miguel e pela Rosiska Dassis de Oliveira, que são duas pessoas ultra conhecidas. O Miguel é conselheiro do COMUNIDADE SOLIDÁRIA e a Rosiska é presidente do CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER. São pessoas com muita visibilidade, que fundaram o IDAC em Genebra, quando tavam exilados, na época da repressão, junto com o Paulo Freire. E implantaram projetos educativos na África... na África portuguesa, né? Em Moçambique e em Angola. E... e aí, quando teve a anistia, eles vieram pro Brasil e trouxeram o, o... a instituição, né? Que tinha um escritório em Genebra, tem ainda hoje, mas que é mais com a parte de auditoria e tal. E... e o... e o Banco de Horas é uns dos projetos do IDAC.

A Carmem já tava vinculada ao IDAC há algum tempo, e ela fundou o Banco, baseado numa experiência que ela tinha feito na época da anistia, quando voltaram os



exilados, um grupo de psicanalistas, informalmente, organizou uma rede, onde eles atendiam aqui, os exilados, que tinham demanda por análise ou psicoterapia, e que não tinha dinheiro pra pagar, porque tavam fodidos na vida. Tinham acabado de voltar de fora complet... alguns se deram bem... a grande maioria não. A grande maioria passou uma crise pessoal muito braba no exterior e quando voltou, voltou com uma mão na frente e outra atrás. Então, essas pessoas... e voltaram numa situação muito... saídos de uma situação muito bisonha. Alguns forma torturados, enfim, perderam amigos, companheiros, né? Então, isso justificava economicamente, isso justificava em termos de demanda por psicoterapia, um projeto como esse, naquela época. E a Carmem fez uma redezinha de uns quatro ou cinco pessoas que atenderam alguma dessas pessoas... nessa época. No início da década de 80.

E quando a AIDS surgiu, a Carmem criou o Banco de Horas prum amigo dela. Que é um amigo... que era um cara que não ia fazer psicoterapia... precisava, reconhecia que precisava, mas não ia fazer porque não tinha dinheiro, porque tinha que se tratar, não tava trabalhando mais, enfim... todas essas questões. Feito isso, né? Ela teve essa idéia de reeditar, reeditar o, o Banco de Horas, né? E convidou umas 40 pessoas pra trabalharem no projeto. A Carmem é uma pessoa que não é... tão conhecida, hoje em dia, quanto é o Jurandir... e algumas pessoas que tão mais ligadas ao meio acadêmico, tão mais na mídia e tal, mas é uma profissional muito respeitada, já trabalhou na pós da PUC, eh... dá várias aulas em institutos de formação, é uma psicanalista argentina, né? Os argentinos são formadores, no Brasil, de psicanalistas, né? Tem essa, esse papel histórico! Então, é uma pessoa muito respeitada, e ela convidou umas 40, 40 e poucas... pessoas, principalmente psicanalistas que toparam participar do projeto. Então, o projeto consiste em atendimento gratuito nos consultórios privados dessas pessoas. É um projeto muito simples, onde você não pede de ninguém que faça alguma coisa que já não tá fazendo, só que vai fazer pra mais uma pessoa e já usando a infra-estrutura que tem. Você não gasta a infra-estrutura, você não gasta pagamento com pessoal e você proporciona psicoterapia prum grupo grande de pessoas. Hoje em dia, a gente tem quase 200 pessoas trabalhando no projeto. E com o tempo, o projeto foi se desenvolvendo e a gente fez várias coisas. A gente fez um evento cultural de mobilização em torno da AIDS chamado QUESTÃO DE HONRA, que foi um show no Teatro Municipal, foi divertidíssimo de fazer. E muito bonito como resultado, embora, um pouco sutil demais. Não teve muito retorno prático, mas...

DN - Pra questão da AIDS.

AV - Pra questão da AIDS. Mas, foi um espetáculo maravilhoso. As pessoas assinavam um termo de compromisso pra entrar... Eu não sei se vocês souberam desse espetáculo. Já ouviram falar disso, não?

DN - Não. Só no seu currículo.

AV - É. O QUESTÃO DE HONRA era uma idéia antiga da Carmem de fazer uma mobilização envolvendo os artistas. Porque, a classe artística nunca se mobilizava e ela tinha vários amigos dessa, dessa... da classe que tavam afetados, diretamente, pela AIDS, pelos seus amigos, enfim. E, aí, a partir de um contato com a Regina Casé, a gente bolou essa idéia de fazer um *show*, e aí, queria que fosse uma coisa muito *high profile* e fosse uma noite pra convidados, gente que pudesse formar uma opinião e divulgasse essa idéia. E a idéia era... o convite era um termo de compromisso que a gente chamou. E a pessoa tinha que assinar que ela ia fazer tudo que tivesse ao seu

alcance na luta contra a AIDS, tanto ajudando pessoas necessitadas, quanto contribuindo pra prevenção e tal. Era uma coisa... coisa de psicanalista com sentido meio simbólico. Mas era simbólico demais eu acho, (*risos*) fazendo uma crítica agora, pra trás. E a idéia do *show* era fazer uma coisa muito sóbria, sem nenhum falatório, discursos e nem nada disso. Até pro Ministério... porque o parceiro do show era o Ministério, a gente realizou junto com o Ministério, não se apropriasse disso politicamente, nem nada disso. Então, a gente fez um folheto muito bonito, com programação visual da melhor qualidade, assim. E esse folheto tinha um texto sobre AIDS, convidava as pessoas a participarem. E no final do folheto tinham todas as instituições que trabalham com AIDS no Rio e como... cada pessoa podia ajudá-las. Uma lista, né? De cada instituição com, com... se aceitava doação, se não aceitava, se aceitava trabalho voluntário, que tipo de doação que aceitava... Foi bem legal! Assim. Eu acho a idéia... eu achei a idéia muito bonita. O show era Caetano, Gil, Paulinho da Viola e a Velha Guarda da Portela. O maior encontro inusitado, assim, ao mesmo tempo, antes do *show* do *Reveilón*, que tornou impossível reunir esse mesmo grupo. (*risos*) Foi, exatamente, antes, tipo um mês antes. Eu acho até que o *show* do *Reveilón* meio que colocou um pouquinho do nosso show, né? Porque... era basicamente a mesma formação. Acrescidos de acho que Milton e Gal...

DN - Hum, hum.

AV - “Um tributo ao Tom Jobim” e depois tinha Paulinho da Viola e a Velha Guarda da Portela. E só a Velha Guarda da Portela cobrou. E quando cobrou *cachê*, e *cachê* abaixo do preço e tal. Foi muito bonito, porque tinha um cenário bem cuidado. Porque normalmente esses *shows* são assim, tipo assim: Você monta um palco, pede pra Nilza, ela monta um palco. Você faz o *show*, cada um vem, traz um violão, toca uma música e vai embora pra casa. Faz-se um discurso e fica todo mundo... todo mundo aplaude e nada acontece. Então, era uma coisa muito sóbria, porque não tinha discurso, só o Gil falou um pouquinho. A gente não apareceu, embora as pessoas soubessem do que se tratava o projeto, tava explicado... tava tudo que tinha pra ser lido, tava no folheto. Foi do cacete, assim. Pra gente... pra mim foi muito divertido, porque foi uma forma de... fazer uma coisa, completamente... *sui generis* no meu... na minha expectativa de carreira... (*risos*) sem... ao mesmo tempo... ser esquizofrênico, assim, discordante com o que eu tava fazendo. Foi legal!

Mas, entre outras coisas o Banco, ele foi crescendo, né? Fez essa... Agora a gente tá planejando eventos... material, fazer um material mais educativo de sensibilização pra Futura™, o canal de televisão. A gente tá burilando, já há alguns anos, a idéia de... trabalhar com produtos culturais e áreas, assim... a gente tem uma idéia, tem um projeto de artes plásticas em *outdoors*. A gente tá trabalhando com um cara que é curador... foi curador do MAM um tempo, e tal. E... enfim, e tá agora negociando com a Futura™ pra fazer alguns programas sobre AIDS pra Futura™, o canal educativo. E pode ser bem interessante. A gente tá bem animado com isso.

Então, para além dessas coisas culturais, a gente se deu conta de que, ao longo do tempo, o Banco, ele tinha dois aspectos que eram importantes: um que ele era acesso privilegiado a assuntos, que normalmente, socialmente não se fala, que é o cotidiano e a realidade das pessoas vivendo com AIDS, íntima, muito íntima. Então, sem... revelar a identidade de ninguém a gente pode fazer, por exemplo, uma pesquisa em que a gente entrevistou vários terapeutas sobre questões ligadas ao... a relação desse terapeuta, desses clientes com os profissionais assistentes que eles atende. E, aí, a gente teve... era um projeto pro Ministério, então, tinha que, em prática, o que era fazer um folheto pra

profissionais de assistência sobre essa relação com os, com os profissionais, né? Com os clientes soropositivos. Foi muito interessante esse trabalho. A gente fez... muitas entrevistas com profissionais, com terapeutas e com pessoas eventuais, e... bem focadas nessa questão da relação. E tem um tom psíquico, sem ser chato, falando português, assim. (*risos*). E eu acho que ficou bem legal.

DN - Quer dizer, é um projeto do Banco de Horas...

AV - É um desdobramento do Banco...

DN - ...financiado pelo Ministério da Saúde.

AV - É, exatamente. Dentro da linha de financiamento do projeto de ONG, né?

DN - Hum, hum.

AV - O Banco recebe apoio do Ministério pra, pro, pro, pra sua infra-estrutura, atualmente, e recebeu pra esse projeto. A gente já tá no segundo financiamento... no terceiro financiamento do Ministério pro Banco. E, atualmente, a gente recebe também da Fundação Kellogs™, dos sucrilhos. Que é a maior fundação do mundo, e... em termos de volume de capital, e ela... não investe tradicionalmente em AIDS, mas ela investe na questão do voluntariado. Que é uma coisa importante, que a gente se deu conta que com o Banco de Horas, a gente inaugurou um modelo de voluntariado... um sistema, um modelo que não existia antes... ou pelo menos, era pouco explorado antes. Existia, eram coisas pontuais, nunca foi sistematizado, e nunca teve essa proporção de ter quase 200 pessoas, várias, várias instituições envolvidas e atendendo a muita gente, há vários anos. E oferecendo um trabalho altamente especializado. A gente fez um cálculo que se a gente fosse pagar, sei lá, 50 reais a sessão, pro volume de pessoas que a gente atende, a gente pagava, o custo total do projeto seria, sei lá! Dois milhões de dólares por ano, né? O custo real do projeto custa 50 mil, 30 mil dólares por ano. Oscila dependendo das atividades que a gente tá desenvolvendo. E a gente capacita os terapeutas e tal. Então, a gente se deu conta de que é um projeto de voluntariado interessante. E aí, a Kellogs™ tem interesse nisso, que a gente sistematize o modelo, faça reaplicação. E apoia esse lado do voluntariado. Tem uma outra coisa também que a área de saúde mental e AIDS é muito pouco explorada...

DN - Quando você diz 'capacita o terapeuta, os terapeutas' porque aí faz...

AV - A gente faz, eh...

DN - ...algum trabalho com o pessoal que se proponha a atender no consultório?

AV - É. Isso.

DN - Específico em relação a AIDS.

AV - Específico em relação a AIDS. Seminários, eh... grupo de estudo, publicações...

DN - Quer dizer, esse financiamento serve pra, pra esse tipo de trabalho...

AV - De trabalho.

DN - ...de investimento, né?

AV - É. Paga os salários da coordenação, o meu e da Carmem e pra esse tipo de investimento, fora *home page* de Internet... A gente... o projeto foi ficando cada vez mais caro porque a gente foi cada vez mais criando coisas, né? Então, a gente tem... a gente trabalha... o Banco tem essa cara, a gente brinca muito entre nós, eu e Carmem, assim, que a, a equipe continua sendo só nós dois, né? A gente teve uma pessoa ajudando na época dessa pesquisa, duas pessoas ajudando, mas se desligaram quando a pesquisa acabou. A gente brinca muito, que tem um padrão Banco de Horas, assim, de material, porque a gente trabalha com uma qualidade gráfica excelente, e tipo... tudo é muito bem acabado, porque, a gente trabalha com um público que é de alto nível, assim. São pessoas que tem formação universitária, não necessariamente são estudantes recém formados, muitos são profissionais estabelecidos e bem estabelecidos. Existem vários profissionais de muito nome trabalhando voluntariamente no projeto. Então, você tem que oferecer um material de alta qualidade pra eles, porque o público da gente não é um público popular, é um público... altamente exigente, né? E que precisa sentir fazendo parte de um projeto, também... E pra gente é importante, né assim? É importante que tenha um padrão que agrade a nós dois e seja... tanto em termos de conteúdo como em termos de forma. Então...

AP - E vocês tem assim um meio, uma forma de avaliar, assim, o trabalho?

AV - Temos. A gente avalia porque a gente tá, constantemente, perguntando pros terapeutas através de questionários e reuniões e tal, o que que eles pensam do trabalho. O que ajuda mais a eles nas atividades que a gente oferece e tal. E a quantidade de pessoas que foram atendidas, né? A gente tá o tempo todo sendo retroalimentado com informações dos terapeutas sobre os seus atendimentos e quantas pessoas atenderam no momento. O projeto é bem legal! Eu acho fascinante. Eu participo, também, voluntariamente, atendendo aqui. Eu atendo duas pessoas aqui... pelo projeto. Que isso não taria entre as minhas funções, né? De coordenação...

DN - Por que, na verdade, você trabalha com um voluntariado que não sai do seu lugar, né?

AV - É. É uma rede mesmo.

DN - Que dispõe de um tempo, de uma hora, no seu próprio consultório, que não sai do seu lugar.

AV - É.

DN - É interessante.

AP - Alexandre, só uma coisa.

AV - E quando sai, sai opcionalmente, pros Seminários...

DN - Sim.

AV - ...não é obrigatório. A gente oferece supervisão gratuita, com, também, supervisores voluntários, com gente de super bom nome no meio. E... mas essa supervisão é... uma opção, porque a pessoa tem um recurso a mais, né?

AP - Vocês só atendem soropositivos ou pessoas...

AV - Familiares e companheiros.

AP - Todos gratuitamente.

AV - Todos gratuitamente. Tem que tá, não só ligado emocionalmente e diretamente com a questão da AIDS, mas, também, sob o impacto econômico, né? Porque senão o projeto não se justifica, né? Isso... com isso, eu não digo necessariamente de baixa renda, mas classe média... abalada pela AIDS, que é uma situação bastante comum. É o público majoritário do projeto. Que é o público que já tem uma... demanda por psicoterapia muito clara...

AP - Anterior a AIDS, você quer dizer?

AV - Anterior a AIDS e tal. E sabe o que que é. Então... embora, a gente tenha, também, gente de... das classes mais pobres, é mais comum ter de classe média.

AP - E essas pessoas de classe mais... popular tão chegando agora? Ou sempre tinha?

AV - Não. Tão chegando agora, como tão chegando mais agora em qualquer outro lugar.

AP - Hum, hum.

AV - Mas isso é pouco, na verdade. É uma parte pequena das pessoas atendidas pelo Banco. É curioso... assim, a gente, na verdade, tem uns vícios de produção que a gente tem... que render a eles, por exemplo: a gente oferece dessas, sei lá, são 160... somos 160, 170, eu não sei exatamente a última contagem, que tá fechando o Boletim agora, pessoas nominalmente inscritas e mais três clínicas, de três institutos de formação. Que nessas têm vários profissionais, a gente não tem como precisar porque é um número que varia todo ano, também. Na medida em que as pessoas entram, turmas novas e tal. Eh... a gente... com isso a gente quase todo mundo na Zona Sul. Zona Sul, Centro, dois ou três em Niterói, uns quatro na Tijuca, Méier e tipo um em Bangu, um em Campo Grande, um em Santa Cruz. Quer dizer, porque isso é o perfil da classe psi. Você não tem gente atendendo muito em Bangu, Campo Grande, você tem muita gente atendendo em Botafogo, tem muita gente atendendo em Ipanema, em Copacabana. Então, acaba...

DN - Onde os profissionais se localizam, mesmo, né?

AV - Se localizam. No máximo na Tijuca, mesmo assim, eu acho que na Tijuca a gente tem, proporcionalmente, muito pouca gente. Eh... enfim, é um projeto bem interessante. Eu me apaixonei pela idéia quando a Carmem foi propor lá no PELA VIDA pra que a gente fosse encaminhador do projeto. Eu era encaminhador, porque eu trabalhava na recepção das pessoas. E... depois com a possibilidade de trabalhar, lá, eu claramente fiz

uma opção por isso, assim. Eu deixei duas ofertas de emprego que dava muito mais dinheiro pra trabalhar no Banco de Horas. Eu acho que eu era mais idealista, naquela época, também. (*risos*)

DN - Por que se fosse hoje você não faria essas coisas?

AV - Não sei, não sei. Eu acho que certamente eu teria um critério ético profissional, também. Mas eu, certamente, pensaria três vezes antes de largar um salário de dois mil, pra ter um de 350 reais. (*risos*) Tudo bem que dois mais Brasília, né? Era dois mil mais Brasília. Mas...

DN - E aí já complica.

AV - Já complica. ...

DN - Quer dizer, que então no caso a relação que o Banco de Horas tem com o grupo PELA VIDA é só na situação de encaminhadora para o pessoal até lá?

AV - É uma parceria indireta, né? Acaba tendo uma parceria indireta. Porque eu...

AP - A sua presença, também, né?

AV - ...faço a ponte. É. Faço a ponte. Quando o PELA VIDA tem algum problema ou tem alguma questão pra discutir com a questão de saúde mental é sempre através do Banco de Horas. Porque o Banco de Horas, ele levanta essa discussão que... inexistia praticamente ou tinha pouquíssima relevância, né? A gente inclusive, a Carmem... por causa da relação com o Miguel e com algumas pessoas que tão no COMUNIDADE SOLIDÁRIA, ela é representante do COMUNIDADE SOLIDÁRIA na COMISSÃO NACIONAL DE AIDS. Então... e a participação dela, ela tem sempre chamado atenção muito pra essa questão, não só da saúde mental, no sentido do trabalho pro paciente psiquiátrico e do cuidado... psicoterapêutico das pessoas com AIDS e tal. Mas, também, porque é negligenciado as duas coisas. Mas, também, a questão da subjetividade do ponto de vista da disciplina. Das disciplinas psi diante da AIDS que é uma coisa pouquíssima explorada, academicamente, ou que quer que seja. Então, a gente procura levantar isso, catalisar um pouco isso. A gente participou recentemente de uma... Conferência... isso tá no currículo, de uma subcomissão da Comissão Nacional, eh... pra elaborar um relatório diagnóstico de qual era a situação da AIDS e saúde mental no país. Foi muito interessante. Eu participei disso e tal. E agora a gente, isso motivou a criação de um projeto piloto em Jurujuba, que é um hospital psiquiátrico de Niterói, também, pra prevenção da AIDS entre usuários de serviço psiquiátrico. Porque, com a despsiquiatrização (*risos*) das Instituições Psiquiátricas, desmanicomialização, você tem um gancho legal pra fazer prevenção de AIDS eu acho. Porque, você tem já a porta da cidadania já tá sendo trabalhada, né?

DN - E, aí, na função de coordenação de projetos no grupo PELA VIDA, isso você já assumiu foi em 96, né?

AV - É.

DN - O que, o que seria essa função, exatamente?

AV - Um caos! É... coringa, na verdade, assim. Ela tem, claramente, as, as, eh... a função de... fazer projeto, acompanhar a execução desses projetos e prestar contas. Só que é uma carga absurda de trabalho, né? Porque... ainda mais pra mim que me divido entre duas instituições, né? Isso fica pesado. E o consultório ainda por cima, que acaba ficando pra escanteio na minha vida. Mas eu, eh... tem que... basicamente... o formal é isso: fazer projetos, acompanhar a execução e prestar conta, tecnicamente, não financeiramente. E... só que são muitos projetos que o PELA VIDDA tem, cada um por um financiador diferente... Eu acho muitos projetos, proporcionalmente, assim, pra... em contraste com a minha única pessoa. (*risos*) (*ininteligível*) Porque é uma coisa que quando a Cristina tava nessa função, não era tanto verdade, porque o PELA VIDDA tinha menos projetos, nessa época. E cada vez mais os projetos são mais específicos...

DN - Quer dizer, sempre foi uma pessoa só nessa coordenação...

AV - Sempre.

DN - ...de projetos ?

AV - Mas eu acho que tinha menos projetos. E os projetos eram mais abrangentes. Então, você podia fazer um relatório que servia pra todo mundo. Hoje em dia, um relatório...

#### **Fita 4 - Lado B**

AV - Hoje mesmo eu tava enrolado com... a Cristiane tá me ajudando especificamente esse mês pela sobrecarga de trabalho, a gente contratou uma, uma pessoa que tá ligada ao grupo, esse mês, pra me ajudar só em relação a prazos de... prestação de contas, de relatório e tal. Muita coisa ainda pendente de 97 porque eu tava atrasado. E a Cris... e eu tava me queixando, porque tem um relatório que é de janeiro a dezembro de 97, tem outro que é de dezembro de 96 a novembro de 97(*risos*) . Então, essa diferença de um mês faz com que você tenha que fazer o relatório todo de novo, né? Porque os dados mudam absolutamente todos. E ainda tem um certo caos... das coordenações, que não me passam os dados, todos da mesma forma. Então, acaba que eu tenho... que padronizar o que é impadronizável... É um desafio bem grande. E tem uma outra coisa que eu acho que é o que faz disso uma sobrecarga real, que é o que acaba me dando muito mais prazer nessa função que é gerir o grupo.

DN - Que é?

AV - Gerir o grupo, de certa forma. Não sozinho, nem em parceria com os outros membros da coordenação, da diretoria, mas eu sou a pessoa que tá direto no grupo. Eu e Hésio... o Ricardo toma mais as decisões financeiras e administrativas, e eu e Hésio mais as técnicas, e mais eu, porque o Hésio tá muito envolvido com o projeto de Assistência Domiciliar nesse momento, e com as representações. O Hésio, ele entrou nessa função, inclusive, pra dividir comigo algumas tarefas e ele acabou exercendo mais o que é a vocação dele que é o trabalho de intercâmbio, né? Apoio com relação com as outras instituições, relações internacionais. Ele tem assumido muito essa função, porque ele faz muito bem.

E acaba que eu, tipo, sou a referência pra todos os coordenadores, na execução dessas atividades, de cada uma das atividades de convivência. Por exemplo, quando vocês foram discutir a questão da pesquisa, vocês foram discutir isso comigo, né? Num primeiro momento. Eh... e quem vai pensar uma solução pra isso sou eu... Tem várias pequenas coisas, né? ... Quando uma outra instituição vai procurar o grupo vai sentar pra conversar comigo. Seja pra que for: pra fazer uma parceria, pra ajudar a fundar essa instituição, seja... então, tem várias pequenas coisas que eu sou eu que abraço no grupo, né? Algumas discussões, né? Quando envolvem questão de saúde mental, muitas vezes sou eu pego, também. Agora tá dando pra dividir isso com a Cristiane... e com o Vinícius, que têm, também, formação em Psicologia e que tem interesse em tocar essa discussão. Mas é... é um trabalho muito grande, assim. E é muito múltipla a minha função, assim. Eu acabo trabalhando, também, em função de algumas pessoas que frequêntam o grupo na convivência, na medida que muitas me procuram como referência. Até muitas algumas pessoas me procuram como referência da época em que eu fazia aconselhamento. Porque, elas entraram no grupo pra aconselhamento e eu era referência delas nesse lugar, e agora continuo sendo, tando em outra posição. Eh... alguns projetos eu me interesse por tocar pessoalmente, então... eu adoro quando tem um coordenador que pode tocar um projeto específico, quando tem dinheiro pra isso no projeto. Mas, quase sempre não tem. Então, tipo o projeto de Comunicação eu toco muito próximo das meninas da assessoria de imprensa, que é um projeto trabalhoso pra caramba, porque envolve edição de material gráfico, que é... uma ralação, né? Reescrever milhões de vezes a mesma coisa... ultimamente, sou eu que tenho feito isso. Além disso, eu participei do Conselho de Redação. (*risos*) Então, tem várias pequenas funções que só fazem do meu dia-a-dia um certo caos.

DN - Então, na realidade, você seria o coordenador de projetos e cada projeto tem um coordenador específico?

AV - Quase todos os projetos têm. Nem todos.

DN - E todos os projetos tem financiamento?

AV - Não, não. Na verdade, o projeto ele é um recorte das atividades. O PELA VIDA sempre funcionou muito assim. A gente recorta um pedaço da atividade e pede um financiamento pra ela. Por exemplo: palestra. Palestra é um negócio que nunca teve financiamento. Teve um financiamento pequeno de cinco mil dólares eu não sei quanto tempo atrás. Hoje em dia, a gente negociou um projeto de três anos que paga todas as palestras que o grupo pode dar...

DN - Fora do grupo?

AV - ...fora do grupo. Então, na verdade, esse projeto é um recorte prum projeto que não necessariamente tava financiado. E tem várias coisas que são assim. O Projeto de Mulheres, que a gente tinha de intervenção no posto de saúde, ainda tá sendo tocado pela Dayse e algumas voluntárias, sem financiamento. O financiamento dele acabou em julho do ano passado. E outros, né? Vários outros.

DN - E os projetos, eles são propostos ou elaborados em função de demandas?

AV - Em função de várias coisas, né? Em função de uma estratégia de coordenação e de



diretoria que a gente decida. Uma coisa que a gente acha que seja especialmente interessante. E em função do interesse de alguém pra tocar o projeto. Isso é uma coisa bastante importante. Por exemplo: eu sempre achei que seria legal fazer um trabalho de teatro no PELA VIDDA. Já teve no passado remoto e morreu. Morreu porque as pessoas que tocavam saíram do grupo e foi esvaziando, esvaziando, esvaziando. Aí... agora, surgiu um voluntário que tem um trabalho de anos com teatro e que fez uma proposta muito interessante de um trabalho de teatro de prev... que vai... que leva informação sobre prevenção pras escolas... pra adolescente. E é do cacete! E a gente assinou em baixo. E ele tá escrevendo o projeto e a gente tá fazendo isso junto e, eh... o projeto vai sair praticamente e foi um interesse dele, uma proposta dele, uma lapidação dele e a gente só assinou em baixo, né? Acompanhando cada passo. Os projetos, eles são de diversas formas. Mas, normalmente, alguém levanta a idéia e a gente opta por essa estratégia, né? A questão do BIRD foi... que é um projeto de assistência domiciliar, que tá sendo implantado desde dezembro passado...

DN - Que é esse que você falou que o Hésio coordena?

AV - É, que o Hésio coordena. A gente, esse projeto, especificamente, ele surgiu, porque uma pessoa de uma fundação holandesa chamou a gente pra conversar sobre como seria interessante ter um projeto semelhante aqui. Ela trabalhava num projeto semelhante lá. E aí, ofereceu pra gente capacitação e aí, essa oportunidade foi bastante bem aproveitada. E aí, com isso a gente negociou... fez o projeto, negociou o financiamento e ficou o projeto. Aliás, o Hésio abraçou, né? Porque isso pra gente é sempre importante, porque se fosse eu a abraçar esse projeto ele, certamente, não estaria sendo executado da forma que tá. Porque, eu não tenho tempo pra fazer isso, né? Porque eu já tô... Então, os projetos institucionais são muito trabalhosos. E que incluem absolutamente todas as atividades do grupo pra se monitorar. Essa é a questão vital, assim, no momento.

DN - Os projetos institucionais seriam o quê?

AV - Sustentam todas as atividades de convivência, a maior parte das publicações, coisas que são meio inespecíficas, né? Na verdade. Eh... as despesas administrativas, enfim. São projetos que se sustentam na idéia de que a existência do PELA VIDDA é uma intervenção social interessante. E é um espaço de convivência que tem um fato importante: o PELA VIDDA. Então, com isso a gente tem um projeto que é institucional, que era... quase todos os projetos eram no passado, né? O primeiro projeto do PELA VIDDA, Daniel conseguiu assim, escreveu uma carta dizendo o que que ele queria fazer e 14 mil dólares de uma conta. Com isso, fundou o PELA VIDDA e logo, no ano seguinte, logo meses depois, 70 mil dólares da FUNDAÇÃO FORD™, também, com um projeto que é... uma carta de adolescente. (*risos*) Completamente passional, completamente ideológica e... sem nada de concreto.

DN - Bem ele.

AV - Assim fora: "...nós que somos as pessoas quais vamos nos reunir. Ter a nossa própria voz..." e não sei o quê. Então, tipo... era tão *sui generis* que eu acho que a FORD™ apostou na idéia. É um projeto muito interessante. Eu acho muito legal! Hoje em dia, assim, não ia ter financiamento de ninguém pra isso. Porque as agências mudaram mesmo as suas... as suas estratégias de financiamento. Eles querem muita,

muito resultado, muito... eh... custo-benefício muito claro. Estão preferindo apoiar projetos mais específicos.

AP - Quem financia esses projetos institucionais?

AV - A gente tem dois financiadores principais pros projetos institucionais, a ICO, que é uma fundação holandesa, que já financia há bastante tempo; ela financia já há três anos e agora a gente tá com um projeto de mais três anos. Então, vamos completar seis. E a... .. a Fundação... Fundação não, o Ministério da Saúde. A FUNDAÇÃO FORD<sup>TM</sup> financiou a gente durante muito tempo, não mais. ... E a gente tá sempre a cata de novos, né? Porque financiamento acaba mesmo. A gente já viu isso na pele. Já chegou... a época que eu assumi foi um período de entre safra barra pesada, assim. Foi no ano de 96. Que culminou com a gente tendo que sair às pressas daquela sede, o aluguel aumentava e a gente não tinha recurso pra pagar... Foi uma situação muito delicada. Porque, foi um entre safra brutal pro projeto. Acabou tudo. Acabaram os institucionais, acabou o Ministério, acabou tudo. E alguns tem uma burocracia muito rápida de renovação, outros não. E isso é muito complicado pela continuidade. Agora a gente tá preferindo trabalhar com projetos mais longos, de três anos, pra...

DN - Pra pelo menos garantir mais tempo.

AV - ...garantir ter um tempo de relaxar, né?

DN - É. Agora, Alexandre, uma outra coisa, eh... até porque já foi tocado nisso, né? Você disse que já foi até questionado porque que você estaria trabalhando numa ONG/AIDS, enfim, trabalhando com a questão da AIDS, sem ter nenhuma relação direta, pessoal com a AIDS, anteriormente. Passou a ter na hora que você se soroconverteu... (*risos*)

AV - É.

DN - ...ao se envolver com o grupo PELA VIDDA né?

AV - É.

DN - Mas, antes não. Existe essa, essa... em suma, essa polêmica, essa questão no grupo PELA VIDDA...

AV - Existe uma tensão sim.

DN - ...de soropositivos, soronegativo e...

AV - Existe uma tensão. E que eu acho que é um conflito social disfarçado. (*ininteligível*) ... Eh... há pouco tempo atrás isso eclodiu... porque... tem uma certa cultura no PELA VIDDA de... institucional, em vício, estranha... essas coisas de... dinâmica institucional que eu não sei explicar direito, mas que algumas queixas não chegam até nós. Então, elas não chegam sob a forma de queixas, elas chegam sob a forma de comentários maldosos, por tabelas, coisas desse tipo. Então... num determinado detalhe bobo, faz com que se questione todo o papel do soropositivo dentro da instituição, porque não tinha convite pruma festa. O PELA VIDDA tava distribuindo,

por exemplo, camisinha e algumas pessoas ganharam convite e outras não, então... você detona uma crise institucional por causa disso. Obviamente, o problema não é o convite. O problema é alguma outra coisa, né? É uma relação de poder, alguma coisa nesse sentido. E eu tenho a impressão de que é uma questão social.

AP - Como assim, Alexandre?

AV - É uma questão que... hoje em dia, a população que frequenta PELA VIDDA é muito diferente da população que frequentava quando eu entrei. A população que frequentava quando eu entrei era *gay* de classe média, prioritariamente. Ou de classe média quando não era *gay*, mas sempre de classe média. Pouquíssimas pessoas que eram de classe baixa. (*ruído*)

DN - Quer dizer, de classe média significa que se sustentavam?

AV - Se sustentavam, tinham uma capacitação profissional determinada e específica, eh... tinha uma... uma situação, mais ou menos, sólida em termos de referência social, uma casa pra morar, tipo, não corriam grandes riscos de ficar em miséria ou qualquer coisa parecida. O que a gente tem hoje em dia é uma população que não tem mais esse perfil. É uma população que é realmente muito pobre. E que não tá capacitada pra assumir algumas funções, em grande parte. E, ao mesmo tempo, a AIDS continua sendo muito interessante pra várias pessoas que têm uma especialização profissional. Como por exemplo é o caso da Cristiane, do Gerson, do Viller, do Vinícius. São pessoas relativamente jovens, da minha idade, mais ou menos, que se interessaram por trabalhar com AIDS e trabalhar no grupo PELA VIDDA em função do que o assunto tem de interessante, e em função da abertura que a Instituição dá, também, pra desenvolver um trabalho. E no PELA VIDDA a gente lança mão de quem tá a mão... pra trabalhar. Então, se surge um projeto de capacitação como surgiu da SMDS, por exemplo, vamos formar uma equipe com quem tá aqui. E a gente vai fazer uma seleção e entra quem é melhor! Quem é melhor no caso eram as pessoas que tinham, eh... curso superior. Que a maior parte dos voluntários soropositivos não tem. Então, eh... isso criou um desconforto que se repetiu em várias situações.

DN - Agora, isso você atribui a quê? Seria um empobrecimento da epidemia?

AV - Ah! Eu acho que é um empobrecimento da epidemia.

DN - Ou seria, eh... alternativas outras, que a classe média, eh... em suma, de alguma forma tá tendo...

AV - O empobrecimento...

DN - ...que, aí, independe do grupo PELA VIDDA.

AV - O empobrecimento da epidemia. ... Eu acho que é o empobrecimento da epidemia, eh...

AP - O acesso ao grupo, também, porque de alguma forma o grupo hoje é mais visível, né? Porque, as pessoas têm acesso a esse grupo, ao grupo PELA VIDDA coisa que, de repente coisa...

AV - É, certamente.

AP - ...de há um ano atrás não tinha, não.

AV - É, também.

AP - Você vê hoje, o grupo PELA VIDDA, sendo indicado por médicos em postos de saúde, coisa...

AV - É.

AP - ...que com certeza isso tende a facilitar.

AV - Mas isso desde o início teve muito. O PELA VIDDA, ele sempre foi muito visível no meio. Ele era não visível fora. Mas, pros iniciados na AIDS ele sempre foi muito conhecido.

AP - Mesmo em postos de saúde?

AV - Mesmo. Até porque, não era qualquer posto de saúde que trabalhava com a AIDS...

AP - Hum, hum.

AV - Você tinha um universo que era mais fechado. Eh... então, o PELA VIDDA foi fundado pela Márcia Rachid, outros médicos ajudaram a fundar. Então, ele teve uma... tinha um aval de assinatura de gente de vários meios diferentes. Ele sempre teve uma relevância importante, assim, né?

DN - Quer dizer, o próprio Daniel sempre colocou o grupo PELA VIDDA na mídia, né?

AV - Na mídia. Muito mesmo.

DN - Ou seja no jornal, ou seja na televisão...

AV - Muito mesmo. E... então, basicamente, assim, o grupo, ele tem essa... eu acho que isso é uma questão social disfarçada mesmo, assim, disfarçada de conflito de sorologia. Porque, eu vejo essa mesma queixa... por alguns soropositivos, só que ela não se sustenta. Isso vem, entendeu? Como: “Ah, é uma questão de soropositividade...” mas, na verdade alguns soropositivo, também, são da panelinha. ... Então, eh... eles chamavam de panelinha e tal, quando houve todo esse conflito. E quase todos os conflitos eram baseados em questões financeiras ou de privilégios, né? Tipo convite pra festa, tipo coisa desse tipo, eh... ligados a, eh... mal entendidos, sempre algum mal entendido no meio da história. Uma pergunta que não foi feita, uma verificação que não se teve, né? Tipo crises, tipo: “Ah, eu acho muito engraçado porque só quem dá palestra que ganha dinheiro, sempre soronegativo.” Como assim? Porque recentemente a gente teve um projeto de cinco mil dólares que financiou durante um ano as palestras, as pessoas recebiam ajuda de custo. Esse projeto acabou, não foi renovado, era um dinheiro muito pontual e pronto! Fechou-se. Aí, agora, a gente tem esse projeto novo

que volta a pagar. Então nesse hiato algumas pessoas não perguntavam e achavam que as pessoas continuavam ganhando, quando a palestra era paga. Porque, a gente cobra pra fazer palestra em empresa e em algumas escolas particulares. A instituição cobra e esse dinheiro é revertido em doações pra instituição. O palestrante não ganha. Hoje em dia, ganha tipo uma ajuda de custo, porque faz parte do projeto. E, aí, ganha a mesma ajuda de custo paga e não paga a palestra. A instituição paga e não paga a palestra. Mas, aí, o cara, eh... tinham duas palestras no mesmo dia, uma ficou com o Vinícius, porque era numa empresa e a outra que era numa escola pública, ficou com o Wiliam. Então, o Wiliam ficou achando que o Vinícius tinha ido na palestra da empresa porque ele ia ganhar dinheiro na palestra da empresa, porque sabia que a palestra era cobrada.

DN - E foi acaso? Essa...

AV - Foi! Foi acaso. Até porque, o Vinícius não ia ganhar dinheiro. Nenhum. A palestra, ela foi paga em material de construção pro grupo. (*ininteligível*) de engenharia. Então, não tinha... não tinha nenhum correspondente na realidade.

DN - Hum, hum.

AV - Mas, na fantasia dele, ele tava sendo preterido... e era questão financeira que tava em jogo. E todas as questões eram... passam por aí. Pela... a tensão é essa, assim, um pouco. E sempre... e tem umas situações que são meio sinuca de bico, porque tem gente soropositivo, vontade, pessoas dedicadíssimas ao grupo, mas que não tem curso superior ou não tem nem segundo grau completo, falam errado, né? Aí, como é que você vai botar uma pessoa dessa, fazendo treinamento de profissionais de saúde ou de assistência? Não tem como fazer. Só se a pessoa... Cada projeto que chega e que se faz uma seleção essa pessoa sobra. Então, ela vai ficando com uma idéia de que... ela não tá... eh... sendo privilegiada por alguma razão... Aí, você levanta essa questão. Mas fora isso, eu não vejo essa tensão muito presente, não.

AP - E como é que vocês estão encaminhando, assim, quando surge esse tipo de conflito?

AV - A gente tem tentado... canalizar isso pra fórum de discussão. Tipo, o que aconteceu é que os conflitos, normalmente, eles surgem, também, fora de hora. Surge na Tribuna, surge, eh... sei lá, numa reunião, qualquer outra que não seja... numa mesa do bar. Só não surge na reunião de terça-feira. E às vezes que a gente marcou de discutir isso na reunião de terça-feira, a discussão foi esvaziada por alguma razão.

DN - A reunião de terça é que é a reunião de...

AV - O fórum... de decisões do grupo...

DN - ...substantiva da equipe?

AV - ...que é aberta a todo mundo. E que tem tido um quorum bem razoável, ultimamente. Teve uma época que ela tava muito esvaziada. Mas, ela tem tido um quorum bem razoável. Então, ela é efetivamente um fórum pra esses casos. (?) E o que tá acontecendo agora é que a gente... tá canalizando pra lá. Tipo: “Olha, você quer se queixar, tem todo o direito. A gente vacila sim, como coordenação, como diretoria,

várias vezes, comete erro. A gente toma decisões que nem sempre podem ser passadas pra todo mundo, mas... antes de serem efetivadas, mas a gente tem fórum pra discutir isso que é a reunião de terça-feira e tá aberto pra discutir...” e isso a gente sempre deixa muito claro. Então... enfim, é eu acho que é uma questão que é inerente. Eu acho que é inerente e tem mais a ver com o trabalho voluntário remunerado do que propriamente... com sorologia. ... Que é uma questão até discutida em todas as instituições que eu conheço: o trabalho com trabalho voluntário remunerado. No Banco de Horas isso não tá muito presente, mas eu até já ouvi um comentário de uma pessoa... assim, alguém, uma médica amiga minha me contou que falou: “Ah, você conhece o trabalho do Banco de Horas, é super interessante.” “Ah, eu não participo disso! Tem muita gente trabalhando de graça pra... só duas pessoas ficarem ganhando um monte de dinheiro.” Eu e a Carmem. (*risos*) Então, então, eh... então, assim, efetivamente, até nessa situação tem, mas era uma queixa externa, não era uma queixa interna. Queixa interna...

DN - Não era de um voluntário?

AV - Não, queixa interna eu nunca ouvi, na verdade.

DN - Hum, hum.

AV - Nunca chegou até a gente nem diretamente, nem indiretamente.

ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA

18/05/1998

### Fita 5 - Lado A

DN - Vamos dar início a entrevista com Alexandre do Valle para o Projeto: A Fala dos Comprometidos ONGS e AIDS no Brasil. Hoje é dia dezoito de maio de mil novecentos e noventa e oito. Estamos no Rio de Janeiro. Os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Alexandre, a gente queria começar hoje pela... quer dizer, por uma discussão mais... mais ampla sobre as ONGs. Quer dizer, a gente falou, você falou das suas atividades no grupo PELA VIDA da outra vez, né? Eh... sobre o próprio grupo PELA VIDA, agora ampliando essa, essa questão das Organizações não Governamentais, a sua opinião mesmo sobre o papel das ONGs na... no combate a AIDS.

AV - Tá. Bom, eu acho que tem vários papéis, assim, que eu percebo que as ONGs exercem ou deveriam exercer, né? Mas ach... acho que tem um papel fundamental, que muda realmente o norte da epidemia de AIDS, de que é o seu papel de defesa de direitos... e de sustentação de um discurso, que se não fossem as estruturas formais que as ONGs possibilitam, não aconteceria, né? Então, eu tenho, pra mim, que as ONGs/AIDS são herdeiras das ONGs do movimento *gay* e que a gente tem uma relação muito próxima com o que é o movimento de luta contra a AIDS, por exemplo, nos Estados Unidos e... na Europa. Ao contrário, por exemplo, da África onde não tem nenhuma rel... a relação é diferente. Na África as ONGs são muito missionárias, né? E as ONGs no Brasil, elas são mais politizadas, elas têm um perfil mais diferenciado. Como a gente trabalha...

DN - Assim, também, como a história da AIDS na África é diferente, né?

AV - É. Completamente diferente!

DN - ...dos Estados Unidos, do Brasil, da Europa...

AV - Completamente diferente. Mas, eu acho curioso, assim, que a gente sendo um país do terceiro mundo tenha uma epidemia que é tão parecida com a epidemia nos Estados Unidos e na Europa. É, realmente, parecida, assim. Tanto em termos epidemiológicos quanto... quer dizer, agora, a tendência é cada vez mais se distanciar. Mas, até esse momento era uma coisa parecida.

Então, eu acho que essas ONGs elas têm... as ONGs no Brasil, elas tiveram um papel importantíssimo de pioneirismo, de sustentação desse discurso de defesa de direito, de luta contra a AIDS, de contenção da epidemia, eh... de organização e mobilização por esses... direitos do cotidiano, que é o direito de você trabalhar, ter uma vida sexual, eh... foram, também, muito importantes pra que o discurso oficial... não ficasse... submerso no conservadorismo, eu acho que as ONGs tem esse papel de fiscalizar as ações... cobrar que hajam ações oficiais e fiscalizar essas ações pra que elas estejam de acordo com o que seria um parâmetro de qualidade, né? E não... porque eu acho que quando você tá falando de AIDS, você corre muito risco de ter um... um desvio muito moralizador, né? Assim, no discurso de prevenção do que quer que seja. Então, eu acho que as ONGs, elas têm esse papel de fiscalizar pra quê esse discurso seja mais adequado a situação, sem ser um discurso, necessariamente, de controle. E eu acho

que o papel fundamental é esse, né? De sustentar esse discurso... de abrigar o discurso de luta contra a AIDS e todos os esforços que compõem esse discurso e... garantir... eu acho que isso num primeiro momento.

Num segundo momento, eu acho que, principalmente... com o surgimento do PELA VIDDA e as outras ONGs dessa segunda geração de ONGS, né? Porque, a gente pode dizer que tem uma primeira geração que é o GAPPA-São Paulo, o GAPPA... alguns GAPPA, né? O GAPPA-Rio entre eles e a ABIA. E uma segunda geração de ONGs que, eh... veio com o “PELA VIDA” que incorpora mais a idéia de pessoas vivendo com AIDS, como participantes. Incorpora no seu discurso oficial e na sua... proposta de fundação e proposta de organização. Então, eu acho que com o PELA VIDDA e essas outras ONGs que são... são contemporâneas, né? Tem um ou dois anos depois, que são... os outros PELA VIDDA de outros Estados, o GIVE de São Paulo, são ONGs que tão mais relacionadas às pessoas vivendo com AIDS... elas, eh... você cria aí um espaço fundamental de organização social de um grupo que não tinha qualquer outro lugar pra se organizar, e uma possibilidade social de anunciação de um discurso, né? Assim, esse grupo... como ele não tinha como se organizar, não tinha como falar publicamente. Então, só a partir das ONGs... dessas ONGs de segunda geração (*risos*) é que eu acho que eles ganham esse espaço. Isso historicamente, eu, pelo menos, percebo dessa forma.

Eu acho, atualmente, as ONGs, elas têm papéis muito confusos de um modo geral. Porque, houve uma proliferação muito grande de ONGs e muito pouca clareza do... em relação as propostas. As ONGs queriam fazer... mas não sabiam, muitas ONGs, né? Eu percebo muito, principalmente, nas ONGs menores do interior uma vontade muito grande de fazer, mas não importa muito o quê, né? E nesse sentido... eh... eu percebo que houve uma certa pulverização, assim, do que seria, do que seria uma identidade de ONG. A gente não tem essa identidade muito clara, hoje. E isso, também, em relação ao papel das ONGs, né? Mas houve essa pulverização, agora, muito, recentemente, com o movimento de integração através dos fóruns regionais que tão começando acontecer, eu acho que isso tende a dar um norte comum pra maior parte das ONGs. Embora... cada um continue com sua autonomia, né? Eh... eu não sei, é muito difícil... pra mim é muito difícil falar do papel das ONGs, hoje em dia, porque... eu sinto que as ONGs, cada uma tem uma missão muito diferente, né? Entre si. Eu posso falar do... qual seria o papel do “PELA VIDA” que eu vejo hoje. Eu não sei, eh... eu tenho medo de ficar meio autoritário tipo assim: “As ONGs deveriam fazer isso ou aquilo...” e na verdade...

DN - Hum, hum.

AV - ...bom, se ela quer ser uma casa de apoio, quem sou eu pra dizer que ela deve ser qualquer outra coisa, né? (*risos*) Se uma organização se propõe a ser uma casa de apoio e é fundamental que haja casas de apoio, né? Então... mas, eu acho que, ainda hoje, as ONGs continuam sendo um... um local de resistência pra, pra população... que vive com AIDS. É um local de reunião e de, de referência, que as outras referências, referências oficiais, ainda, são muito precárias e muito falhas. A impressão que eu tenho é que... os serviços públicos de atendimento a saúde, eles tão todos, eh... eles se sustentam por, eh... por fios que seguram esse serviço, assim. Não tem, eh... não tem muita... muita solidez. Alguma coisa que se... se for possível, pode ser varrida de um determinado hospital com muita facilidade. Isso a gente vê acontecendo com vários serviços que atualmente querem se mudar pra blocos mais distantes ou criar... isso aconteceu, recentemente, eu acho que no Souza Aguiar, eles queriam passar... não nos Servidores do Estado, queriam passar todo o setor de AIDS, tudo relativo a AIDS seria feito num...



DN - Anexo.

AV - ...bloco a parte, num anexo, enfim, uma situação que, claramente, tipo: “Vamos botar isso um pouco mais pra longe? Agora que a situação já tá ficando mais... estável, não é mais uma situação de emergência?” E, obviamente as pessoas gritaram, reclamaram, porque com isso iam ficar longe de uma série de serviços que era importante e tavam utilizando... eh... isso ia dif... ia fazer do núcleo de AIDS... ia reduzir, provavelmente, o número de profissionais atendendo... as pessoas com AIDS. Então isso, eventualmente, ia mudar. Então, eu percebo alguns fios, assim, segurando essa, essa estrutura de serviços, que se a gente não tiver uma vigilância constante isso pode cair, ainda. Eu não acho que sejam conquistas muito sólidas, não. Eu acho que são conquistas, eh... cotidianas que a gente tem com... relação as pessoas vivendo com AIDS, e eu percebo que... a gente tem esse papel ainda, hoje, esse compromisso nos diversos setores em que as ONGs atuam, de manter essas conquistas vivas, né? Isso pra além de financiamento de Banco Mundial, pra sustentar os serviços de saúde, pra além de, eh... eh... uma política mais razoável de um determinado Ministro ou de um determinado Secretário ou de um determinado... eh... Coordenador de DST, pra além de um médico heróico que presi... coordene um serviço. Eu acho que a gente tem... eu sinto que se falta uma dessas três coisas (*risos*), entendeu? Alguma coisa... existe uma possibilidade de desmoronamento muito fácil. Porque a AIDS, ela, ela corre esse risco de virar mais uma endemia e pronto, né? E não ter solução como tantas outras coisas não têm. Não ter um serviço adequado como tanta outras coisas não têm. Então, eu acho que a gente tem que tá muito vigilante, nesse momento...

DN - Quer dizer, se tornar crônico até no defeito, né?

AV - No defeito. Exatamente.

DN - Agora, é... até mesmo em relação ao grupo PELA VIDDA em que a gente percebe, por exemplo, logo que o grupo foi fundado (*pigarro*) tinha uma atuação assim mais, eh... mais incisiva, mais, eh... cobrando, inclusive, mais publicamente, não é nem publicamente, é mais fortemente, digamos assim, né? Eh... atitudes do, do governo em relação a AIDS e tal. Eh... com essa parceria, né? Do governo com as ONGs... como é que você vê isso? Você acha que isso veio ajudar? Em suma...

AV - Eu acho que...

DN - ...arrefeceu um pouco o espírito mais combativo de algumas ONGs?

AV - Não. Eu acho que as ONGs, eh... eu acho que o PELA VIDDA, por exemplo, tem... na verdade, têm várias coisas que, que, que tão envolvidas aí. Uma delas é o processo institucional. O PELA VIDDA ele é muito diferente do que ele era quando foi fundado. Primeiro, que a gente não tem mais... uma figura do peso do Herbert Daniel, do peso, tanto público quanto... do papel que ele exercia dentro da Instituição, de liderança política e sempre com uma, uma, uma... lucidez política muito forte, a gente não tem mais tanto isso lá, no PELA VIDDA. Isso foi se diluindo por diferentes pessoas. A gente tem várias pequenas lideranças no PELA VIDDA com diferentes perfis. E o grupo foi se institucionalizando, também, né? O que era antes um grupo, um movimento ou qualquer coisa parecida, foi se tornando uma ONG, com as três (*risos*) letras maiúsculas como várias outras, que vivem de projetos e tal. Então, eu acho que sim, a gente deixou de ter

uma... (*toca o telefone*) uma, uma... cara... muito... como é que eu vou dizer?

Tá na secretária pra atender, senão eu... (*interrupção da fita*)

A gente deixou de ter uma cara muito adolescente (*toca o telefone*). Eh... que eu acho que tinha no início assim. Que era... e que era fundamental, naquele momento. E, aí, é que acho que vem o segunda, segundo ponto a ser considerado, que naquele momento você não tinha nada, né? Você tinha um Programa Nacional absolutamente deficiente. Você tinha uma... estrutura de serviços absolutamente deficiente. Você tinha uma resposta da indústria farmacêutica absolutamente deficiente. (*risos*) Você tinha um status quo de direitos conquistados absolutamente deficiente. Então, você tinha que lutar por tudo! E, aí, eu acho que uma, uma, uma postura mais incisiva era bem razoável, naquele momento. E bem adequada, né?

Hoje em dia, a gente não tem mais tanto isso. Eu acho que a parceria do PELA VIDDA com, com... ou de ONGs com os governos de um modo geral ela... o fato dela ter, de certa forma, esfriado os ânimos nesse sentido, não se deve só uma certa cooptação das ONGs, né? Uma certa dependência de financiamento. Eu acho que o que, efetivamente, tá acontecendo é que o governo começou a responder, né? Eu mesmo já fui convidado várias vezes pra ajudar a decidir quais seriam as políticas governamentais em relação a determinado tema, como um grupo de consultor... consultores convidados que iam ajudar a discutir um determinado tema. E quando você faz isso, eh... obviamente, que é mais difícil de cobrar, porque você participou da definição daquela política de algum modo. Mas, ao mesmo tempo, te legitima pra cobrar de outro jeito: se aquilo não foi implementado, se aquilo não foi implementado direito, né? Que tipo de papel você foi exercer? A gente nunca, eh... mesmo no início do PELA VIDDA quando se faziam reivindicações, se fazia reivindicações, principalmente, de, eh... de uma resposta. E, aos poucos, essa resposta começou a vir, né? Então, hoje em dia, a gente não pode dizer que a gente... que o governo é indiferente a AIDS, né? Com um milhão de dólares só pra comprar medicamento, fica difícil dizer isso! Fica difícil sustentar isso, né? Então, você não pode ir pra rua chamar o Ministro da Saúde de assassino porque ele tá salvando... milhares de vida comprando remédio. E comprometendo uma grande parte do orçamento com isso. Evidentemente, que isso se deve a uma pressão, né? Hoje em dia, acontece uma coisa curiosa, que de dentro do Ministério da Saúde a gente é informado cada vez que ameaça faltar verba, antes de que uma licitação (*risos*) vença. O que acontecia antes era que a gente esperava faltar remédio pra gritar, porque a gente não tinha nenhum diálogo com o Ministro da Saúde. Hoje em dia, a gente tem... primeiro porque tem uma coisa curiosa de que vários membros do PELA VIDDA, da ABIA, não sei o quê, são *staff* do Ministério da Saúde, hoje. Em segundo lugar, eh... mesmo que não fossem, existe um canal de diálogo aberto, né? Que nos permite ser avisados quando alguma coisa acontece, o orçamento não foi votado de forma adequada. Então, eh... exatamente, em quem que tem que ser feita a pressão pra que esse orçamento possa ser revisto ou que mais verbas sejam alocadas pra isso. A gente recebe o caminho das pedras (*risos*) de dentro do governo... Então, existe uma parceria, eh... eh... eu... porque existe um compromisso. Por mais que, eventualmente, o governo seja, extremamente, incompetente eh... na, na, na... condução de determinadas ações, ele, efetivamente, realiza muitas coisas interessantes, né? E o financiamento pras ONGs, eu acho que é um deles... é uma dessas coisas.

DN - Quer dizer, o compromisso que você diz, é do governo com o atendimento a questão da AIDS?

AV - Com o atendimento com a questão da AIDS. Com o atendimento da questão da

AIDS tanto no sentido estrito da questão de saúde, né? De assistência à saúde como, também, de interlocução com a questão de direitos humanos, né? Enfim... .. Não existe mais a indiferença que existia no início, né? Uma neg... Então, a gente, ao mesmo tempo, tem que reconhecer isso, né? Porque senão a gente vira um bando de adolescente protestando, brincando, de, de... de ter um diálogo, fazendo de conta que a gente quer conversar e que a gente quer, quer... quer discutir prioridades, em colocar prioridades, quando na verdade a gente não tá afim. A gente tá afim, sim! Né? Eh...

Hoje em dia, a gente, inclusive, tá amadurecendo acho que... essa discussão com... com que tipo de limite que existe na relação com o Ministério bastante, de uma forma bastante interessante, assim. Recentemente, a gente teve (*tosse*) duas experiências de avaliação do AIDS 1, né? Que foi o primeiro período de financiamento com o Banco Mundial, que sustente não só uma avaliação... do que foi esse período, mas, também, sustente mudanças pro, pro AIDS 2, né? E... duas não, várias experiências! E as experiências foram extremamente frutíferas. A gente teve uma consultora do Banco Mundial sentada no PELA VIDDA pra conversar e a gente fez várias críticas ao governo, com o canal certo. Hoje em dia, o Banco Mundial senta no PELA VIDDA. A gente não precisa fazer uma, uma manifestação na Esplanada dos Ministérios pro Banco Mundial entender que aquilo é uma prioridade, uma coisa importante, que ouvir as ONGs é uma coisa... Existe... é claro que pra isso existe uma, uma notoriedade e uma legitimização do trabalho das ONGs feita mundialmente, né? O Banco Mundial não veio só porque o PELA VIDDA gritou. Veio porque no mundo todo, é ponto pacífico que só se consegue algum resultado decente com... trabalhando com AIDS se você envolve as organizações comunitárias. Então, o Banco Mundial tem como pré-requisito no seu... no seu acordo de financiamento, que as organizações comunitárias estejam envolvidas. E na hora de avaliar, avalia. A gente não sabe, eh... exatamente, qual vai ser o impacto dessa avaliação. Mas, a gente fala, né? Semana passada teve, exatamente, a mesma coisa. Eu fui convidado dois dias antes, de uma forma muito torta, pra uma avaliação junto a Secretaria Municipal de Saúde do, da parceria entre ONGs e governo. Eh... e eu acho que a forma como a gente foi convidado é paradigmática da forma como a gente tem se relacionado aqui no Estado do Rio e no Município do Rio. Extrem... uma forma, extremamente desrespeitosa com as ONGs, uma forma extremamente utilitarista, eh... eu disse tudo isso, né? (*risos*). Eh... eh... fica muito difí... Só que a queixa não é mais em relação só aos serviços de saúde. Eu acho que os serviços de saúde melhoraram muito, né? Então, a gente tem que tirar... ao mesmo tempo, dar o crédito pra uma administração minimamente eficiente pro serviço de saúde. A queixa, hoje em dia, é pro nível de parceria política que a gente pode estabelecer, eu acho. E isso a gente se queixa. Mas pra isso você não vai gritar na rua, né?

DN - Até porque você tem canal de negociação.

AV - Você tem canal pra negociar! Então... a gente faz pressão no Ministério, pra que o Estado e o Município sejam mais receptivo pras nossas reivindicações, faça mais parceria, se responsabilize pela existência e pelo funcionamento de algumas ONGs, que é uma coisa que é importante. Algumas ONGs são meramente... principalmente, assistenciais e vivem a mercê de financiamento... de qualquer financiamento. Não tem nada, né? E o Estado e o Município não se comprometem com isso. Enquanto em outros Estados e outros Municípios existe esse compromisso. O que não quer dizer que as ONGs sejam cooptadas ou sejam braços do Estado e do Município. Mas, que esse Estado e esse Município têm um papel a cumprir junto a essas ONGs que cada vez vai ficando mais claro. Que no início não tava, também. No início, qualquer parceria com o

Estado e o Município era vista com desconfiança. Hoje em dia, ela só é vista com desconfiança quando ela dá motivos pra isso, né? (*risos*) Isso eu acho que é uma mudança importante, né?

E com o Ministério é a mesma coisa, né? Em várias situações, eu me pergunto se vale a pena ir a Brasília por um determinado motivo, quando eu já perdi várias vezes tempo indo lá pra... trabalhar de graça pro Ministério, né? Quando na verdade a gente não tá sendo ouvido como parceiro político, a gente tá sendo ouvido, sei lá! Um técnico que vai mudar, vai escrever melhor um parágrafo, entendeu? Então, tem alguns limites que vão sendo traçados, aí, que a gente começa a se dar conta, também, (*tosses*) que... tem um papel a desempenhar e que não é... atender a todos os pedidos. É, claramente, traçar um... limite pra nossa atuação junto ao Estado, o Município e... Ministério. Eu acho que a gente, eh... avançou muito em termos do diálogo, tanto com o Ministério quanto com outras instituições, por exemplo, a OAB por, aí, vai. Várias instituições que antes ignoravam completamente a epidemia de AIDS, que não fazem mais. Então, não tem porque a gente fazer como que se... ignorassem. (*tosses*) Eu acho que a fórmula ficou desgastada mesmo. A fórmula do ativismo... eh... enfim, ficou muito desgastada mesmo pela... pela pouca receptividade que tem. Eu acho quem a gente tem que inventar novas formas de pressão, eu acho que a gente tem que tá o tempo todo reinventando esses canais. Porque eu acho que a tendência que cada canal que seja inaugurado se desgastar com o tempo. É importante a gente tá o tempo todo revendo essas posições e tal.

DN - Agora, você acha que (*pigarro*), por exemplo, os encontros do, do VIVENDO promovidos pelo grupo PELA VIDA, também, contribuem pra isso?

AV - Contribui pro que, exatamente?

DN - Não só pra, eh... definir melhor as parcerias, digamos assim, né? Quer dizer, definir melhor o lugar de cada um nessas, nessas parcerias, como também no sentido da divulgação da questão da AIDS, mesmo.

AV - É, eu acho que...

DN - Pra fora do grupo.

AV - Pra fora?

DN - Divulgação pra fora do grupo.

AV - Pra fora, eu acho que não. Eu acho que o VIVENDO, pra proporção que ele tem, né? 1100 participantes no ano passado, ele é pouquíssimo divulgado pra fora. Pouquíssimo. Eu acho que ele não tenha grandes contribuições sociais pra quem não é, exatamente, do grupo. A não ser uma pessoa ou outra que tava em casa e viu uma entrevista e... que... um soropositivo que tava em casa, isolada, viu uma entrevista na televisão e falou assim: “Nossa! O que que tá acontecendo? No Hotel Glória? Eu vou até lá!” Isso aconteceu ano passado. Um quatro pessoas que viram uma entrevista ou leram no jornal e foram pra ver o que tava acontecendo. Mas, eu não sei se isso, efetivamente, muda muita coisa, não. Eu acho que o que mud... o que o VIVENDO contribui é pra integrar mesmo. É pra que as pessoas tenham... mais.... nesse, nesse segundo sentido. De fortalecimento do movimento, né? Pra capacitar ativistas novos,

né? E aí, eu acho que o trabalho dessas pessoas, sim, é que vai ter um efeito bola de neve na sociedade. Mas, não o VIVENDO em si, né? Capat... Isso é muito comum, a gente ouve muitas histórias de gente que... vivia isolada, que tava trancada em casa, tava trancada num determinado... numa determinada situação complicada da sua vida, eh... muito... eh... isolada em relação a epidemia de AIDS e veio pro VIVENDO porque conheceu um grupo que falou: “Ah, vamos pra lá! Pode ser interessante...” e tal, e descobriu todo um novo universo, assim. Porque, lá, o VIVENDO é um encontro de muita diversidade, né? Então, eu acho que as pessoas, elas se reconhecem e reconhecem que podem fazer coisas muito diferentes do que vêm fazendo. E isso eu acho fundamental. Isso eu acho que fortalece o movimento. E... eu acho que a gente organiza, eu acho que a gente tem... é muito sofrida a organização da programação do Encontro. E eu acho que ela é feita com muita competência, modestamente. (*gargalhadas*)

DN - Isso porque você participou de algumas.

AV - Eu participei de quase todos.

DN - De quase todos. (*gargalhadas*)

AV - Eu digo isso pelo seguinte: porque... eu acho que... como a gente é o mesmo grupo que organiza o Encontro há vários anos, a gente vai tendo o amadurecimento do panorama da AIDS no país... muito grande. Então, a gente... e ao mesmo tempo, eh... acho que o PELA VIDDA-Rio e PELA VIDDA-Niterói tem um *staff* que tá muito acostumado, e tem uma história... de militância, tem uma herança institucional e... e uma parceria... um diálogo constante com outras Organizações a ponto de ter plenas condições de... saber o que que é lugar comum, o que que é chato, o que que é repetitivo. (*tosses*) Saber que a gente precisa de alguma coisa nova. E, aí, so... a gente tá nessa fase agora, tá sofrendo com o Encontro de outubro desse ano, sofrendo horrores. Porque a gente tem várias coisas novas que a gente sabe que precisa colocar e não tem clareza do quê, né? Então, a gente fica desesperado mandando *e-mail*, perguntando pras pessoas que são conhecidas de fora do Estado, né? Pra não botar todo mundo do Rio, também: “Olha, me diz alguma coisa nova que tá acontecendo por aí. Quem você conhece de interessante, não sei o quê...” Porque a gente tem esse compromisso de, de trazer questões novas, pessoas novas, ponto de vistas novos, e isso é muito difícil, porque a epidemia de AIDS ela tem uma tendência a, a... ela já passou da fase de inauguração, ela já tá cristalizando, né? Então, cada vez mais, fica mais difícil achar coisa nova. Coisa interessante, coisa instigante, não sei o quê. E a gente tem essa preocupação muito viva. E, certamente, o PELA VIDDA tem uma projeção internacional maior que boa parte das ONGs do país. Então, a gente tem um diálogo maior com gente, né? De fora que pode nos dar uns laç... uns toques interessantes sobre quem trazer, quem não trazer e tal.

E, então, o VIVENDO, ele aponta pra questões importantes e tem essa questão da diversidade que eu acho que é fundamental e, com isso, sem pretender ser um Encontro de ONGs, ele capacita quem participa dele, né? É muito comum a gente ver essa... esse retorno muito vivo das pessoas que voltam no ano seguinte contando as coisas que fizeram naquele intervalo... a partir da experiência do primeiro VIVENDO que assistiram. É muito legal, assim. É muito...

DN - Realmente tem esse efeito?

AV - Tem, tem esse efeito.

DN - As pessoas retornam?

AV - As pessoas retornam, contam histórias e contam o que que fizeram. Tem uma moça de Londrina que se apresentou no Encontro passado, que... ela fez até uma apresentação bem ruim, (*risos*) ela pessoalmente. Porque ela quis inserir um vídeo, não sei o quê, e, aí, acabou que a apresentação dela que era para durar uns 10 minutos, 15 minutos, durou 30 minutos, porque só o vídeo tinha 10 minutos. Enfim, fez uma coisa meio equivocada e tal, na apresentação. Mas, a apresentação em si, as coisas que ela veio falar pra gente foram muito interessante. Ela organizou um movimento de pessoas soropositivos na cidade dela, que não existia, a partir da experiência dela do VIVENDO. Então, eu acho que a gente tem o efeito de bola de neve sim com esse, esse Encontro. De norteamento de, de algumas questões, eh... e de manter a discussão viva e interessante pra algumas pessoas. Eh... eu acho que muito mais do que no Encontro de ONGs, porque no VIVENDO não tem muita disputa de poder... em jogo, né? Assim. Que até no Encontro de ONGs você vai votar noções, eh... vai votar, eh... cargos pra comitês, comissões, comissão nacional, comitê nacional de vacinas. Você vai votar pessoas pra tarem atuando nessa, nessa, nesses, nesses, fóruns, e, então, você tem milhões de articulações políticas e o Encontro é todo pautado por isso, não tem muito crescimento, muita reflexão. Tem disputa (*risos*) de poder quase o tempo todo. Então, eu acho que o VIVENDO ele acaba ficando nesse papel de reflexão, de interlocução sem tanta... obviamente, tem disputa de espaço por determinados grupos e tal, mas eh... é muito diferente. É muito menos... incisivo, talvez.

DN - Quer dizer, ele procura sempre refletir o que tá... o que está naquele momento em relação a AIDS?

AV - Ah, com certeza! Com isso, a gente conta muito com pessoas que tão no dia-a-dia do grupo, né? E que... nos ajudam a pensar, assim. O Encontro é muito coletivo. Ele é a obra coletiva mesmo, assim. E isso eu acho que ajuda muito a manter uma certa lucidez. Eu acho que... eu fico com a impressão de que poucas instituições no Brasil tem essa... essa mobilização coletiva tão grande como a gente... que não é nem uma tônica ao longo do ano todo, assim. Eu acho que no Encontro isso fica muito exacerbado, dentro do grupo. Eu acho que é uma tônica, a gente tem gente participando, mas, geralmente, é um grupo menor. No Encontro, a gente... aparecem quase que do nada 70 voluntários... profundamente envolvidos. Aí, você se pergunta, assim: “Da onde vieram essas pessoas todas?” Que você conhece, né? Assim. Não são pessoas desconhecidas, (*risos*) são pessoas que você conhece, assim, do dia-a-dia e tal. Mas, que você não se dá conta que somam setenta, né? (*risos*) Então, é bem... é muito gratificante... eu ach... A gente tem o *feedback* muito positivo e acho que tem um impacto bom nas ONGs que vem participando. O único Encon... o Encontro das ONGs você tem um delegado de cada ONG, no máximo cinco, seis pessoas, isso o PELA VIDA é uma das ONGs que participa com mais gente, seis pessoas, sete pessoas. No VIVENDO você tem 40...

DN - Por que o Encontro das ONGs é por representação?

AV - É por representação.

DN - De, de membros da ONG?

AV - É, você tem um membro que, necessariamente, tem sua passagem, suas despesas de viagem cobertas. E os outros vão, (*bocejo*) normalmente, por conta própria ou por conta da Instituição. ... Então, o que acontece é que no VIVENDO, você tem uma adesão espontânea muito maior de gente. Todo ano vem um ônibus com 40 pessoas do Rio Grande do Sul. É uma viagem longa, né? Assim. Eu acho que isso dá pra gente um claro indício de quanto isso... o Encontro é valorizado: o crescimento é constante dele. Eu não sei o que a gente vai fazer. Eu acho que ele tem que parar de crescer...

DN - É isso que eu ia perguntar. Você sente, não houve altos e baixos do VIVENDO, né?

AV - Não. Ele tá num crescimento constante. Tanto em qualidade... claro que tem uns anos que você sente que, assim, foi mais quente o negócio.

DN - Como o da Praia Vermelha?

AV - O da Praia Vermelha, eu não achei o da Praia Vermelha...

### **Fita 5 - Lado B**

AV - Tava falando que eu acho mais... quente o Encontro (*ininteligível*) porque eu acho que ele foi um salto... grande em relação ao do ano anterior... Em termos de programação, foi o primeiro Encontro que a gente organizou sem a ABIA, também. Eu acho que isso, também, foi impo... pelo menos, pra gente isso foi muito importante. Eu achei que ele foi muito efervescente, assim, quanto a cois... o Luc Montagner ter vindo, foi muito surpreendente, pra todos nós. Foi uma grande vitória, também. E, ano passado, ele foi muito bom, também. Eu na verdade, eu acho que ele não pára de ficar bom, assim. Mas, tem anos que são mais... eu não sei. Eu tenho essa impressão de que são mais quentes, mais... Mas, ano passado foi, especialmente, bom. Eu... adoro, assim. A gente fica cansado, (*risos*) mas tem uma sensação de...

DN - De que vale a pena.

AV - ...que vale a pena.

AP - Essa coisa de que ele tá crescendo, assim, o que que você acha disso, né? De cada vez ter mais pessoas, de alguma forma...

AV - Isso me preocupa. Me preocupa... por primeiro que num... daqui a pouco não tem...

AP - Espaço.

AV - ...espaço físico que caiba, né? Quer dizer, vai ter que ter Riocentro, sei lá! Mas, aí vira uma coisa... que eu acho que vai perder a característica comunitária e vai virar qualquer outra coisa.

AP - É, um evento.

AV - É. Então, eu acho isso... isso me é, me é pouco preocupante. Eu acho que, em

algum momento, a gente vai ter que começar a limitar o número de vagas. E isso, talvez, pro ano que vem a gente faça isso, já. Eh... isso por um lado. Por outro lado, eh... eu acho fantástico, porque mostra que realmente as coisas tão crescendo. E a gente cresce o nosso financiamento... pros participantes, mas, ainda assim, o número aumenta muito mais. Não é na mesma proporção em que a gente aumenta o número de financiamento pra partic... a quantidade de dinheiro dedicada a financiar... a viagem dos participantes. Porque, a gente oferece bolsas pra uma parte dos participantes, né? Eh... é muito impressionante, assim, porque as pessoas, efetivamente, fazem o esforço cada vez maior. E cada vez mais a gente tem menos gente, proporcionalmente, do Rio, né?

AP - É isso que eu ia te perguntar...

AV - Assim. Quer dizer, tem mais gente vindo de fora.

AP - ...de fora.

AV - Então, isso é relevante, também.

DN - E é mais gente já ligadas a ONG, mesmo, né?

AV - É sempre alguém... alguém que tá ligado ou a algum serviço ou a alguma ONG... eh... mesmo que... esteja começando e tal. Porque as pessoas normalmente falam muito bem do Encontro, então, se você tá entrando... numa... determinada ONG, vão te falar assim: “Ah, você tem que ir pra esse Encontro...”, né? Se você entra no GAPPA-Rio Grande do Sul amanhã, você vê que as pessoas tão guardando dinheiro agora, depositando numa conta, pra alugar um ônibus pra vir pra cá, (*risos*) em outubro, você imagina que isso deve ser uma coisa que vale a pena fazer (*risos*).

AP - Me fala uma coisa, Alexandre, você falou de que por ocasião do Encontro, vocês conseguem juntar 70 voluntários, assim, que aparecem. Qual é o perfil desses voluntários? São soropositivos ou são pessoas que...

AV - É de tudo, é, absolutamente, de tudo. Tem vários soropositivos, eu não saberia te dizer uma proporção. ... É, mais ou menos, a proporção do grupo, né?

AP - Mas não são pessoas que participam normalmente?

AV - São. São pessoas... não, normalmente. Eh... o curioso é isso! Assim. São pessoas que a gente conhece, que tão ali, só... alguns são voluntários que tão afastados há muito tempo. Tem um monte de voluntário que era voluntário do grupo PELA VIDDA...

DN - São pessoas que transitam no grupo PELA VIDDA?

AV - Transitam.

DN - E que na hora do VIVENDO aparecem...

AV - É, aparecem.

DN - ... como voluntário, pra ajudar na organização? Na realização?



AV - E eu acho tem, teria tipo uns dez...

AP - Mais na realização, né?

AV - É, organização e realização. Mais na realização.

AP - Mais na realização.

AV - Eu acho que teria uns 10%, talvez, menos que isso que são marinheiro de primeira viagem. Tipo, a primeira vez que eles tão sendo voluntários é no Encontro. E que... com isso a gente ganha, também, uns voluntários maravilhosos, porque é muito estimulante ser voluntário no Encontro. (*ininteligível*) relevante, você percebe, claramente, o impacto daquilo. Por exemplo, Paulo César, Cristiane são pessoas que formam os quadros do PELA VIDDA hoje, a primeira vez que eles foram voluntários do grupo foi no Encontro. Eles tinham acabado de entrar. E, aí, colaboraram. Tem várias, mas várias histórias, assim, de gente que se apaixonou pelo grupo PELA VIDDA no Encontro... e até hoje tá colaborando. Então... e nisso tem muito soropositivo. Vários são soropositivos. Eu penso, assim, nos voluntários do ano passado, vários são soropositivos. Mas, por exemplo, veio a mãe do Hésio ajudar, entendeu? Que é uma pessoa que, normalmente, não frequenta o grupo. Mas... nfim, não é soropositiva, também, mas é mãe de soropositivo, né? Vem pessoas desse tipo. A Teka disse que... minha mulher, disse que vai ajudar ano que vem. Coisa que ela nunca fez, assim. Ela sempre manteve uma certa distância. “Ah, esse ano eu vou ajudar, também.” (*gargalhadas*) Até porque eu fico tão hibernado...

DN - Você fala com entusiasmo, né? Acaba contagiando ela.

AV - Não. E eu fico... eu fico hibernado lá. Então, se ela não for ajudar lá, ela não vai me ver nesses quatro dias. (*gargalhadas*)

AP - E até antes um pouco, né? Porque a correria que antecede o Encontro...

AV - Não... exatamente.

DN - É esse ano, né? Que vai ter?

AV - É. Todo ano tem.

AP - Outubro, né?

DN - Outubro. Não, porque ano que vem...

AP - Vai ser aonde, Alexandre?

AV - Não, ano que vem, talvez, a gente limite o número de convidados.

DN - Hum.

AV - Esse ano a gente não vai fazer isso.

AP - Esse ano vai ser aonde?

AV - Vai ser no Glória, de novo. E no ano que vem, também. A gente já reservou.

AP - O ano passado foi o primeiro no Glória, no Hotel Glória?

AV - Foi.

DN - No Hotel Glória.

AV - Foi e a gente percebeu que foi super bom em termos de infra-estrutura.

DN - Hum, hum.

AV - E confere uma seriedade, também, assim, eu acho importante pro Encontro. (*risos*)

DN - É, isso é.

AP - É o Ministério da Saúde que...

DN - E tem uma outra vantagem, também, que fica mais... concentrado, né?

AV - Fica.

DN - Na Praia Vermelha fica mais disperso.

AV - Fica muito disperso.

DN - É tem, são várias salas. As salas são distantes...

AV - É.

DN - ...dispersa mais. Ali no Hotel Glória fica bem mais concentrado.

AV - É o Ministério da Saúde que financia?

AV - É um dos financiadores.

DN - Até a FIOCRUZ.

AV - A FIOCRUZ já financiou.

DN - A FIOCRUZ financiou passagem pra esse do ano passado.

AP - Mas... o Ministério da Saúde tem uma participação mais expressiva do que outros?

AV - Ano passado, ele foi o principal financiador, mas com menos de 50% do orçamento.

AP - Hum.

AV - Foi tipo 40% do orçamento. Esse ano a gente, provavelmente, vai ter um financiamento expressivo deles, se tudo der certo. Mas, por exemplo, lá na Praia Vermelha não teve financiamento do Ministério. Nenhum. Zero de financiamento do Ministério. A gente fez o Encontro do mesmo jeito. (*risos*)

DN - Quer dizer, em geral o Encontro é todo financiado?

AV - É. Todo financiado. Todo.

DN - Uma parte de cada um? Um financiamento de cada um?

AV - É, normalmente, ele é tão grande quanto de financiamento a gente consiga. Porque, o nosso problema principal... o nosso principal gasto é hospedagem e passagem dos participantes, as bolsas, né? Esse é o nosso gasto maior. É astronômico, assim, comparativamente. Tipo, 60% do orçamento é isso ou mais.

DN - Agora, Alexandre, (*pigarro*) outra questão que a gente queria ver com você é sobre as campanhas de prevenção da AIDS. Eh... em suma, elas vem tendo mudanças, né? Ao longo da, da história das campanhas. É o que a gente sempre fala: desde a AIDS mata até, eh... propagandas mais recentes e tal.

AV - Hum, hum.

DN - Eh... no sentido de... em suma, da sua opinião mesmo sobre o alcance dessas campanhas, sobre... é uma... em suma, se elas expressam um compromisso do, do governo com o combate a AIDS mesmo.

AV - Eu acho que elas expressam mais o compromisso do governo em fazer campanhas... (*risos*) do que propriamente... em combater e conter a AIDS.

DN - Hum.

AV - Porque a impressão que eu tenho é que... o governo faz campanha de prevenção de AIDS por *noblesse oblige*, assim, né? Assim, é muito mal planejado estrategicamente. É quase sempre muito mal feito e, e... muito dinheiro com impacto mínimo, né? Assim, se o governo, realmente, quisesse fazer prevenção decente de AIDS, ele teria feito campanhas informativas de rádio, em vez de gastar fortunas na televisão, eh... enfim, tem várias outras estratégias que o governo não explora e que seriam muito significativas pra atingir o grosso da população, e... ao passo que essas campanhas que são feitas, atualmente, elas são muito limitadas.

DN - Mas, você diz pelo veículo da campanha? Ou pelo conteúdo mesmo da campanha?

AV - Não, não só pelo veículo, pelo conteúdo. Por várias questões. O veículo principal é a televisão. Em segundo lugar, tem uma... eh... um erro estratégico que eu acho que é brutal, que é concentrar as campanhas no Primeiro de dezembro e no Carnaval. Eu acho uma estupidez isso! Por duas razões: primeiro porque Primeiro de dezembro não é nada pra maior parte das pessoas da população brasileira. Segundo lugar, porque o Carnaval,

teoricamente, é quando a população mais transa, mas não existe nada que comprove que isso seja verdade. Pelo contrário, eu já tive até acesso a uma pesquisa que... eu sei que o Pedro Chequer, também, teve acesso, (*risos*) porque eu soube disso numa sala em que ele tava, a pessoa tava relatando a pesquisa pra mim, e que é uma pesquisa que diz, claramente, que as pessoas não transam mais durante o Carnaval. Você pode até contestar esses dados, mas tipo... eu não tenho nenhum dado que conteste isso, até hoje, só vi essa pesquisa. E pra mim faz todo o sentido do mundo, né?

A gente tava debatendo semana passada, lá, no IDAC, no Banco de Horas, né? Tava um psicanalista que veio fazer um debate com a gente. E ele tava chamando a atenção por quanto as campanhas de AIDS, elas são... hedonistas... exageradamente hedonistas, assim. Elas pregam... elas são feitas como se todo mundo tivesse uma vida sexual, absolutamente, intensa, satisfatória e... e... o grande objetivo fosse transar mais, né? Assim. E que, na verdade, eu acho que eh... eh... as campanhas de prevenção, elas são muito deficientes em considerar... o mar de contradições que é a vida sexual da gente. Eu acho que elas são muito primárias mesmo, né? Que que... eu gosto de algum... alguns momentos das campanhas que o Ministério fez, como por exemplo, 'O Braúlio', eu, pessoalmente, gosto do 'Braúlio', odeio 'O Peru' do ano passado.

DN - Horrroso.

AV - Horrroso! Horrroso! (*toca o telefone*) Mas, eu acho o 'Braúlio' uma idéia interessante, acho uma idéia original. Acho que... efetivamente, é pra público masculino... que tem uma... eh... machista de baixa renda, não sei o quê. Eu acho que provavelmente atinge esse público. Acho que a polêmica em torno da campanha, acho que foi benéfica de algum modo. Mas, o que eu, na verdade, penso é que as campanhas, elas tem um alcance muito limitado, porque são campanhas. São de mídia, e você não muda a tua vida porque... um hábito sexual teu, porque a televisão te disse pra fazer isso. ... Ninguém faz isso. Você até pode comprar margarina dessa marca ou não daquela. Se você já usa camisinha você até pode comprar JONTEX® e não OLA®, entendeu? Por causa de uma campanha de televisão. Você pode... você fica sabendo que a AIDS existe, bom, mas isso a maior parte das pessoas já sabem. Você fica sabendo que você tem como se prevenir, mas isso a maior parte das pessoas já sabem. A mudança de comportamento, o pulo do gato, eu tenho minhas dúvidas se é uma campanha de televisão que vai fazer, né? Eu a... e se é uma campanha feita desse jeito.

Tem uma... outro dia a gente tava também... discutindo... isso pra mim é o grande nó, viu? Porque campanha de prevenção é o grande buraco da história. Porque eu acho praticamente impossível dar certo (*risos*). E me pergunto como seria possível, já que não é completamente impossível, eu acredito nisso, né? Assim: Como seria possível? Que caminho você usa? E acho que a gente tem que tá o tempo todo usando caminhos bem originais.

DN - Essas, na verdade, não são eficazes, mas, também, quais seriam?

AV - Eu não sei quais seriam. Eu não sei.

DN - É difícil saber?

AV - É muito difícil. Mas, eu acho que, certamente, uma, alguma campanha que não fosse tão modelar, né? Se ela não fosse tão estereotipada. Mas, ao mesmo tempo... não tem nada mais estereotipado do que o anúncio do Free® e nada que venda tanto, né? É

uma bobagem! É um cigarro. É uma bobagem! E é completamente subliminar a propaganda. É tipo, uns caras esquiando, *Hollywood®*, sucesso, não sei o quê. Você vê alguém praticando um esporte radical, você já sabe que aquilo é *Hollywood®*, né? Independente de qualquer (*risos*) coisa, né? Assim... aquilo já te evoca alguma coisa e o cigarro nem, necessariamente, aparece na propaganda, né? A mesma coisa com o *Free®*, três... jovens bonitos falando umas bobagens e... fim. Fuma-se.

AP - Funciona.

AV - Fuma-se, fuma-se. E fuma-se bem. (*risos*) Eu não sei se campanha de AIDS tinha que ser isso, tinha que ser *Free®*, entendeu? Tipo: “Camisinha é uma coisa que me realiza enquanto ser humano.”, sei lá. (*gargalhadas*) Alguma bobagem, entendeu? Fazer da camisinha alguma coisa que faça parte do estilo de vida.

DN - Um produto vendável ?

AV - Um produto vendável. Faz parte do meu estilo moderno, engajado e, sei lá, entendeu? Tanta coisa que a gente compra porque faz parte do estilo de vida da gente, entendeu? Eu acho que camisinha tinha que ser assim, também. Porque, se for ser pela vida, a informação, da prevenção, ah, eu vou fazer isso pra evitar a AIDS, eu acho que a gente tá perdido. Porque, eu acho que as pessoas não tem muita clareza do seu risco, então, como é que elas vão evitar a AIDS? Se preocupar em mudar o seu comportamento? A menos que tenha tido alguém na família, conheça alguém muito próximo... e mesmo assim.

AP - Que também não garante nada.

AV - Não garante nada. Não garante... o que, na verdade, o que eu acho que a campanha de prevenção... eu acho o grande buraco da campanha de prevenção é o seguinte: você ouve o negócio... uma informação na televisão e você faz isso, faz com essa informação o que você quiser. Se você quiser... se no cartaz tá escrito “Mosquito não transmite”, e você lê “Mosquito transmite”, ótimo! (*risos*) Pra você tá ótimo, não faz a menor diferença. Porque, é isso que acontece, as pessoas lêem isso, né? Você põe “Sexo anal” “Ah! Só sexo anal transmite.” Então as pessoas piram mesmo, assim. E... isso é, assim, com qualquer informação, né?

Então, eu acho que tem um, um... ainda, muita teia pra comer, aí, nessa história, assim. Tem muita coisa pra ser feita. E, e... de formas muito inovadoras. Eu não sei muito quais, né? Mas eu acho que se associando a produtos culturais, talvez, né? Assim. Usando uma estratégia de *marketing* mais, mais... você vê eu me contradigo, assim. Porque, eu acho que tem que ser menos estereotipada mas, ao mesmo tempo, eu acho que tem que ser mais estereotipada. Porque, eu não sei... ou radicaliza a estereotipia e associa a um estilo de vida e, aí, a AIDS... coloca a AIDS pra longe... porque, na verdade, assim, uma coisa que é importante, né? De ressaltar, assim, pegando o exemplo... eu tô falando e pensando ao mesmo tempo, (*risos*) pegando o exemplo do cigarro, quem fuma *Free®*, não fuma *Hollywood®*, né? Então, você tem uma campanha de *Hollywood®*, uma campanha pro *Free®*, uma campanha... né? Em relação a AIDS isso é economicamente, absolutamente, inviável (*gargalhadas*), né? Então, o que que você tem que fazer? Eu acho que é reforçar em escola, né? Reforçar... campanha pra jovem, talvez.

DN - É até porque, por exemplo, a entrevista que a gente fez com, com o Assessor do Programa, ele tava dizendo que uma campanha até sair da idéia ou da proposta de um coordenador do Programa, por exemplo, até sair à rua, são vários caminhos. É um caminho longo, eh... cioso, entendeu? (*risos*) Muitas salas, e discussões e grupos...

AV - Muitos testes.

DN - ...porque passa... Não. E grupos mesmos de interesse. E entra questões morais, religiosas, éticas, enfim. É uma distância muito grande e é complicado...

AV - É. É muito complicado.

DN - .. de repente, a campanha sai sem muito efeito, né? Porque tem que fazer uma coisa, eh... mais asséptica possível...

AV- Sim.

DN - ...em relação a essas questões que são controversas, né?

AV - É eu sei, eu sei que isso é um fato, né? Mas... eu sei, também, que tem vários limites e sei, também, que eu não tenho uma resposta pra dar pra essa história. Inclusive, a gente... eu e algumas pessoas temos nos preocupado bastante com essa questão da prevenção. Eu acho que no último Boletim, eu escrevi um artigo sobre isso, eu escrevi o editorial, também, que é sobre isso, o Boletim todo ele é meio focado sobre isso. E são inquietações muito minhas, também, assim. Que a gente foi associando que pontos que eram importantes pra compor esse último Boletim (*Pigarro*). Eu acho que é o nosso maior desafio, porque... eu não vejo muito como trabalhar isso. E percebo que tem as fórmulas que tão sendo usadas, tão meio desgastadas já. Não fazem tanto efeito.

DN - Hum, hum. (*sussurrando*) Você quer dizer mais alguma coisa?

AP - Não.

DN - Acho que é isso, Alexandre. (*risos*)

AV - Acabou? Gente! (*risos*)

DN - Você teria mais alguma coisa a acrescentar?

AV - Não, não.

DN - É porque na verdade cada coisa você fala...

AP - É.

AV - De várias, né?

AP - Isso. Você toca em vários pontos.

DN - É. De várias... e com densidade as coisas. (*risos*) Então, de repente, você passou várias questões que a gente tinha... em suma, definido pra te perguntar, né? Quer dizer, teria mais, mais uma coisa, sobre o grupo de risco. Eu acho que você não chegou a falar sobre isso... das outras vezes, também. Eh... a gente até numa outra entrevista... foi até interessante a pessoa disse, em suma, por conta de uma vivência dela, até no início da AIDS, nos Estados Unidos, ela rapidamente percebeu que a AIDS ia se disseminar, né? Com a velocidade que se disseminou, né? Ultrapassando qualquer... limite de grupo de risco...

AV - Hum, hum.

DN - ...definido inicialmente. Eh... ainda, chegou a falar que, imediatamente, achou que era uma grande sacanagem com as mulheres isso, né? Eh... essa categorização de grupo de risco, no início da AIDS. Eh... mas é mais uma, uma, uma discussão por aí como é que você viu isso. Quer dizer, a gente viu, também, uma... em algum momento até uma certa forçassão de barra, eu diria assim, pra desconstruir, né? Esses grupos de risco. Apesar de que, claramente, tinham uma incidência maior...

AV - Hum, hum.

DN - ...entre homossexuais masculinos e tal. Uma, uma ação dirigida conscientemente no sentido da desconstrução desse grupo de risco, né? Eh... mas o que que você acha disso?

AV - É uma questão ampla pra caramba, né? Assim. No... no início da epidemia, eu percebo que houve uma disputa de forças, onde você tinha de um lado o movimento *gay* cobrando... eh... na verdade, você tinha duas forças. De um lado, um grupo que queria que se fizesse prevenção pra homens homossexuais... que tariam sob risco e do outro não, não vamos fazer prevenção, porque se não isso vai associar que a AIDS é só um problema de homens homossexuais. (*risos*) Isso foi um problema no PELA VIDDA por exemplo, era uma discussão meio presente, antes do HSH surgir, do projeto, ou quando ele tava surgindo, tinha essa preocupação: “O PELA VIDDA não é um grupo *gay*. A gente não pode fazer só prevenção pra homens homossexuais, porque se não a gente vai ficar muito associado a imagem de um grupo *gay*.” Tinha essa tensão. E eu acho que isso foi fatal, assim, de certa forma pruma... grande disseminação e pro que a gente vê hoje em relaç... no grupo homossexual. Porque, o problema, absolutamente, não tá resolvido, tá longe de tá resolvido, né? Todo mundo que eu conheço que tem práticas homossexuais, eh... frequentes, assim, me fala que ah, que vai na sauna, um monte de gente quer transar sem camisinha. E isso é um fato! E nunca se fez prevenção na sauna, com exceção desse período do projeto HSH. E se parou de fazer depois disso...

Então, na verdade... eu acho que a questão de grupo de risco é uma grande sacanagem, né? Do ponto de vista da... de uma identidade que você associa aquele problema. Então, você... eh... eh... encaixota o problema e dá de presente a um determinado grupo, que não necessariamente se vê como grupo. Porque, várias pessoas que eu conheço, eh... escapavam pela tangente da questão do grupo de risco: “Não! Eu sou homossexual, mas... eh... eu não sou pobre. E AIDS é uma coisa de bicha pobre.” “Ah, eu sou homossexual, mas eu não sou rico. Eu nunca fui pra São Francisco, eu nunca fui pra Nova York então eu não vou pegar AIDS.” E por aí ia, né? Assim. Você tinha muita gente: “Ah, eu não sou promíscuo, não sei o quê.” Você escapa, aquela coisa que eu falava da informação, que você faz o que você quer com a informação.

Essa estória do... eu acho que é a noção mais inútil em relação a AIDS que pode haver é de grupo de risco, né? Assim. Realmente, inútil porque essa se mostra completamente ineficaz, mesmo pra, eh... motivar campanha de prevenção. Porque, o que aconteceu com isso foi que as pessoas se esquivaram pra não reforçar essa idéia. Então, eu não vou fazer prevenção pra motivar essa idéia.

DN - Mas, isso especificamente aqui no Brasil?

AV - Aqui no Brasil.

DN - Porque, de repente, nos Estados Unidos...

AV - Em outros lugares não.

DN - ...na Califórnia, por exemplo, funcionou...

AV - Funcionou direitinho.

DN - ...é, no sentido dos grupos *gays*, até porque tinham... tem grupo *gay* organizado lá, né? O que não é o caso aqui.

AV - Tem. De uma forma muito mais consistente.... Não, isso funcionou direitinho. Tem o caso de São Francisco que chegou a ter soro incidência zero, né?

DN - Hum, hum.

AV - Isso é, em 90, né? Isso é um marco. É uma senhora marca. É uma experiência praticamente inédita. Mas, eh... aqui no Brasil isso aconteceu. Tem esse jogo de empurra e... efetivamente, pra prevenção não ajuda nada, a noção de grupo de risco. Eh... eu acho que tem uma diferença básica que quando você fala: a AIDS é problema de homens *gays* nos Estados Unidos... os homens *gays* se identificam com isso. Quando você fala disso no Brasil, as pessoas não se identificam com isso. Então... o que acabava acontecendo é que: “Ah, mas eu não sou *gay*, porque eu só como.” “Ah, eu não sou *gay* porque... eu sou entendido.” Enfim, não existe o sentimento de comunidade, como você tem nos Estados Unidos e em Amsterdã e em alguns lugares que, que efetivamente, as campanhas de prevenção foram efetivas, assim, os problemas agora são outros: são pessoas que já se preveniram e não se previnem mais por opção, ou têm a postura política de não querer aceitar esse tipo de controle, ou, eh... querem... se contaminar porque acham que isso faz parte do, da identidade homossexual...

No Brasil, como se... a gente não tem essa identidade muito rigidamente construída... isso absolutamente é desimportante, né? Assim. Então, se você fala: o grupo de risco é tal! (*bater de mãos*) Não me diz respeito! Não diz respeito a ninguém. Você tá falando de uma abstração, né? Eu acho que isso é um problema grave dessa noção. E essa noção se perpetuou por muito tempo, se perpetua, eu ouço falar de grupo de risco a torto e a direita ainda hoje, mesa de debate, qualquer lugar. É sempre grupo de risco, assim.

E... ao mesmo tempo, né? Assim, a gente tem que ter uma clareza maior pra quem é que tá mais vulnerável, né? pra poder fazer campanhas que sejam mais adequadas pra essa população. E isso é um desafio, né? Assim. Você ter a noção de vulnerabilidade, sem ser... sem cair por uma questão da identidade do grupo de risco, um grupo de risco.



Porque eu posso ser *gay* quanto eu quiser, (*risos*) se eu transar de camisinha eu não tô correndo risco nenhum, né? E por aí vai. ...

DN - Ok.

AP - É, legal.

DN - Tem mais alguma coisa pra falar? Não?

AV - Não, não.

ESTA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA